...Insubstituivel

ASSIM como não se substitue a personalidade, assim tambem, pela pureza do seu fabrico, pela sua rapida e absuluta efficacia e por ser de todo inoffensiva, a

CAFIASPIRINA

é unica e insubstituivel.

Por isso é ella, no mundo inteiro, considerada

o producto de confiança

Allivia e cura promptamente todas as dôres, de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., produzindo um bem estar geral.

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, envelop-pes de 2 e discos de um comprimido.

O conto brasileiro

O PRETEXTO

De BRENNO SILVEIRA

DEPOIS de um momento enervante de hesitação, o dedo premeu o botão da campainha do appartamento setenta e sete. Uma creadita abriu a porta e escancarou a bocca. O homem perguntou:

— Mademoiselle Karuska...

— Acaba de chegar. Vou annunciál-o... Queira sentar-se.

No aposento violeta, a luz de um "abat-jour" verde punha uma "nuance" de sonho.

Pensou:

— Ha mulheres que têm as ideas sempre em desordem, e a casa bem arrumada; e philosophos que as têm archivadas, arranjadinhas no cerebro como bonbons em caixinhas lavradas, e que, preoccupados com ellas, se esquecem até de tomar banho...

Da alcova, uma vóz feminina pediu:

— Maria, dá-me o kimono japonez.

O cigarro tremeu nos dedos de Helio Landi. Sentia uma profunda affinidade espiritual entre aquella mulher e elle. Até na vóz havia qualquer coisa de commum, uma certa suavidade cansada, uma lentidão sensual. Não obstante a attracção reciproca que os approximava, elles fecharam num principio a historia daquelle amor.

Helio Landi levantou-se e olhou através d'uma janella, muito ao longe, perto das ultimas estrellas que o seu olhar alcançava, como si procurasse, na vastidão da noite, a caravana dos dias que constituiram os seus poucos mezes de felicidade. Lembrou-se dos factos que originaram o inevitável rompimento:

Karuska mostrou-lhe, uma tarde, emquanto elle ouvia uma canção languida, uma covarde carta anonyma, que o accusava de ter como amante uma ex-cantora dos "music-halls" de montmartre.

— As cantoras de "music-halls" são mulheres electricas, perigosas, que dão curto-circuito em qualquer lugar... — disse Helio Landi, sorrindo, — só servem para os homens que possuem a fita isolante do caradurismo.

Mas Karusca, estraçalhando nas unhas de lacca um lencinho enfeitado com monogramma lilás, muda de raiva, se fechou no seu quarto. Chegou-se, poucos minutos passados, já quasi habitualmente calma, a Helio Landi, que lia os jornaes da noite:

— Separemo-nos, para nosso bem. Seremos mais felizes. Esta carta prova que não me amas. Foi melhor assim, porque eu tambem não te amo. Tenho-te muita amizade, apenas... Admiro o teu talento, ou, melhor, amo-te intellectualmente, pelo que escreves... Porque muito antes de nos tornarmos intimos, u já te amava pela alma sentimental das tuas novellas...

Helio Landi disfarçou o mal que lhe causavam aquellas palavras. Metteu na bocca um "marron-glacé" para não falar. Sinão, diria uma porção de coisas áquella mulher que assim o feria, áquella mulher que elle havia perdoado, e cujos peccados esquecêra...

Aquella noite, na cidade, encontrou dois amigos. Contou-lhes o que succedêra. Por fim, disse:

— Sei que vocês, como bons idiotas, nunca amaram, e por isso não poderão comprehender essas coisas nem dar conselhos efficientes. Sei tudo isso. Mas, num deserto, o homem que tem sêde e encontra quem lhe dê agua, não pergunta, antes de bebêl-a, si ella é suja ou limpa. Eu, nesta cidade, não conheço, exceptuando vocês, outras pessôas que me possam, neste instante, dar-me um conselho. Por isso lhes pergunto: que acham que devo fazer?

— Viajar... esquecer... — responderam os amigos.

E Helio Landi partiu.

* * *

Quando Helio Landi percebeu que passos se approximavam, nervoso, sem saber o que fazer, fingiu interessar-se por um quadro desinteressante. Um automatismo inconsciente o levára para alli. E soffria, agora, o reproche severo do seu amor proprio. De repente, desesperado, seu orgulho gritou: "Não! Tu não pódes descer tanto! Afinal, és ou não o homem calculista, frio, que sabe dominar as emoções? Tu, o ironista perverso, o "blagueur" inconsciente, não pódes ser fraco, agora, ao pé de u'a mulher... Reage! Sê forte!

A porta abriu-se. Karuska appareceu e parou sob a soleira. A luz de um quebra-luz aureolou-lhe o corpo, kimonizado, de azul...

Helio Landi tomou-lhe a mão, delicadamente, e beijou-a; virou-a, depois, e sobre a palma côr-de-rosa, naquelle improvisado e rico porta-joias, pôz um annel que ella lhe déra certa vez. E, simulando uma calma extraordinaria, disse:

— Vim trazer-lhe este annel, que, constantemente, me lembra a scena ridicula do nosso rompimento.

Depois, tomou do chapéo e sahiu. Esse gesto, aliás descortez, era o unico que justificava sua visita, sem que Karuska se apercebesse de que elle ainda a amava.

A FUGA

De Héctor Pedro Blomberg

TODOS haviam sahido. Só ficára em casa Hilario, que nunca ia a logar algum, e que passava os dias olhando as gallinhas e tecendo cordões.

Cada dia ficava mais velho e mais triste. Os rapazes nunca lhe diziam nada, e elle se tornára taciturno e melancolico á força de viver só em meio de sua familia.

— Si a velhinha ainda vivesse! — dizia, ás vezes, olhando os campos que amarelleciam ao longe, sob o sol quente de fevereiro.

Mas a velhinha se fôra e não mais voltára.

Os olhos cançados de Hilario a reviam tal como a conhecêra, nos remotos tempos em que ambos eram jovens, quando Hilario amansava seus potros, e Claudia ensaiava suas primeiras relações nos bailes da localidade.

Trinta annos!

Hilario os via passarem com todos os seus sonhos e esperanças, com todas as suas alegrias e suas lagrimas.

Recordava-se de seu casamento com Claudia, na capella nova, com seu altar dourado, e daquelle cura forasteiro que, estando de passagem pela terra, se offereceu, amavelmente, para abençoar a união dos gauchinhos... E que formosa estava Claudia, com seus olhos negros brilhantes de emoção e seus labios vermelhos e humidos, na gloria de seu vestido novo!...

Hilario espantou as gallinhas que picoteavam a seus pés, e continuou sonhando.

Depois viéra Candelaria, em uma noite tormentosa e fria de inverno. Hilario lembrava-se do galope daquella noite, quando foi buscar a comadre e a trouxe na garupa em meio da tormenta.

Em seguida vieram os outros: Antolin, Santos, João Cruz e Lola.

Foram annos difficeis para Hilario que via encher-se a casa de boquinhas vorazes. Mas a familia cresceu, sem que nunca lhe faltasse o pão.

Os meninos cresceram grandes e fortes, menos João Cruz, que sahira ao avô, e Candelaria, que era o retrato vivo de Claudia, se casou aos dezeis annos com um subdito italiano.

Durante todos esses longos annos, Hilario sentira o mesmo amor de antes por sua mulher, achando-a sempre formosa como nos bailes de outr'ora, e quando, depois do nascimento de Lola, a ultima, começou a envelhecer, pareceu a Hilario mais moça do que nunca, e seus olhos amorosos e fieis viam, no rosto emmurchecido e cansado de sua companheira, o sorriso de luz de sua juventude.

Um dia, a pobre Claudia morreu. Hilario recordava que era o dia da Assumpção.

Amanheceu morta no leito. Parecia dormir, e uma doce expressão de repouso embellecia-lhe o rosto sulcado pelas rugas do cansaço, aquelle suave rosto que havia illuminado a vida de Hilario.

As gallinhas passavam com seus pintos entre os pés do solitario velho, que não as via.

As lagrimas corriam pelas morenas faces e perdiam-se entre os fios de prata da barba de Hilario.

Desde aquelle dia se vira immensamente só.

Os rapazes não o amavam. Lola era a unica que lhe tinha algum affecto, a unica que se aproximava de seu velho coração e, sentando-se ao seu lado, lhe perguntava por sua mãe morta.

E Lola tambem ia deixá-lo. Hilario já havia adivinhado o fim das visitas de certo forasteiro que costumava chegar em casa com presentinhos e discursos — um emigrado de uma revolução oriental, habilidoso e letrado como elle só.

— Por que não morri com a velhinha? — pensou, cravando seus velhos olhos nos campos longinquos, amarellos como o ouro, e cheios de espigas.

Levantou-se, assustando as gallinhas que andavam em torno delle.

Foi á estribaria, onde, triste e só como seu dono, estava o velho cavallo de Hilario. Suas crinas escassas pendiam lamentavelmente sobre seu pescoço fraco, e sua cauda batia debilmente suas ossudas ancas para espantar os mosquitos.

Hilario aproximou-se e olhou-o com tristeza.

— "Lobo"! — disse docemente.

O cavallo levantou a cabeça e aproximou-se do velho com tremulo e apagado relincho, apoiando o focinho humido no hombro de Hilario.

— Pobre "Lobo", como estás velho — exclamou Hilario, acariciando o animal.

Aquelle mesmo cavallo havia acompanhado Hilario durante vinte annos.

Elle o comprára quando nasceu Lola.

Quantas caminhadas haviam passado juntos...

Quantas tropas haviam arreado Hilario e "Lobo" nos annos mortos!

Aquelle cavallo déra de comer á familia durante annos e annos.

Agora estava velho, não servia para nada, não tinha força nem para espantar as moscas. Passava o dia inteiro na estribaria, com a cabeça cahida, entre as mãos, pensando talvez em sua juventude, como seu dono.

— Não sei para que diabo tens essa ossamenta em casa! — disse, um dia, João Cruz.

— Ingratos! — exclamára, com vóz tremula. Querem abandonál-o depois que elle lhes deu de comer...

— Manias de velho... — disseram os rapazes, encolhendo os hombros.

Não falaram mais.

— Estamos velhos, "Lobo", e não temos ninguem por nós. Todos os filhos são uns ingratos.

Com mão fraca e rugosa acariciava o animal, que o olhava com olhos tristes e humidos. Parecia comprehender.

— Estamos sozinhos — continuou Hilario. — Aqui ninguem nos quer.

— Ninguem! — pareciam responder os grandes olhos melancolicos do cavallo.

— Olha, "Lobo" — proseguiu Hilario, — queres que fujamos daqui?

Ficou pensativo. Depois um tremor lhe correu todo o corpo.

— Sahiremos daqui e iremos longe... longe...

As mãos do velho tremiam cada vez mais.

— Queres, "Lobo"?

Olhou-o attentamente, como esperando uma resposta. Em seguida se dirigiu correndo para casa, tropeçando a cada passo.

Foi buscar os arreios que conservava guardados sob o seu catre. Sella, pelegos, etc. Poz tudo ao hombro e, cambaleando, voltou á estribaria, onde "Lobo" o esperava, immovel como sempre.

— Longe... longe... — murmurou.

E começou a ensilhar com mãos inseguras e tremulas, deante do espanto do cavallo.

Sellado este, Hilario montou, com difficuldade. O cavallo exhalava curtos e alegres relinchos e levantando a cabeça, respirava ruidosamente, nostalgico do vento e do pampa.

Chegaram a passo ao portão. Hilario deteve-se. Havia esquecido alguma coisa.

Voltou e, apeando-se com difficuldade, entrou novamente em casa. Procurou por toda parte e, afinal, encontrou, em uma gaveta da commoda, uma caixinha azul, amarrada com uma fita vermelha.

Era um annel de cabello de Claudia.

Beijou a caixinha e guardou-a no peito. Depois sahiu e tornou a montar.

"Lobo" relinchou sonoramente.

Abandonaram a casa e, uma vez no caminho, Hilario voltou a cabeça e contemplou pela ultima vez sua velha casa, a estribaria familiar, as gallinhas passeando no terreiro. Na cozinha, julgou ver uma silhueta azul, como de Claudia...

Seus olhos se nublaram e elle não viu mais nada.

Ao trote fraco do cavallo, marcharam os dois durante uma hora.

O vento trazia aromas de trigo e de montes. Os campos amarellos extendiam-se á sua frente.

Hilario já não pensava no que ficára atraz: a velha casa de seus amores e seus filhos ingratos.

Quantas coisas longinquas o vento frio do sudeste lhe dizia!

Sonhava as visões mortas de sua rude juventude. Voltavam a seus ouvidos as musicas de outr'ora, o agudo assobio dos tropeiros.

De repente, o "Lobo" tropeçou e cahiu de joelhos. Hilario, abstrahido em seu sonho, surprehendido bruscamente, soltou as rédeas e cahiu pesadamente na estrada.

Correu-lhe por todo o corpo uma dor agudissima e uma bruma espessa e gelada lhe obscureceu os sentidos.

Ficou immovel alli, emquanto o "Lobo" o olhava com olhos surprehendidos e chorosos esperando que o dono se levantasse.

Mas Hilario não se levantou mais. Sentiu que se afundava num mar sombrio com a noite, grande como o pampa. Sentiu, em seus velhos ossos doloridos, o frio da monte, e o aspero vento do sudeste beijou-lhe as rugosas faces e levou-lhe as ultimas palavras tremulas...

— Longe... longe...

O EMPREGADO DA OFFICINA (ao menino). — Queres ficar quietinho com o pé? Tornas-me nervoso com o barulho!

O PHANTASMA

De PAUL REBOUX

QUANDO o senhor James Story, de Chicago, salgou o carneiro que figurava em seu registo com o numero 100.001, e ganhou um milhão de dollars, sentiu despertar nelle uma alma de artista. De repente, sentiu tambem uma repugnancia pelas latas de conservas, os *building*, o *chewinggum* e a agua mineral. Um amôr ardente pelas coisas do passado inflammou-lhe o coração. Como não podia satisfazer a sua nova paixão em um paiz que, dahi por deante, julgava barbaro e inhabitavel, o senhor James Story embarcou para a Europa, acompanhado de sua filha Daisy.

Chegados ao Velho Mundo, os dois viajantes, desdenhando os attractivos dos prazeres modernos, passaram dias inteiros nos museus e nas bibliothecas e frequentaram com interesse de neóphitos as casas de antiquarios. Depois, em automovel, se lançaram pelas estradas de provincias. Nenhum monumento historico, nenhum famoso castello escapou a sua admiração. Com sua *kodak* ás costas e seu guia de viajantes na mão, elles se extasiavam deante das capellas centenarias, deante dos poços classificados e das tradições medievaes. Durante a viagem, compravam armarios normandos, cofres do Franco Condado, paineiras de Lorena, aquecedores, caldeiras velhas de cobres, lareiras, etc.

Em breve, o norte-americano verificou que precisava de uma casa para collocar todos aquelles thesouros. Uma casa grande, ou melhor, um castello, digno daquellas compras e de accôrdo com suas novas affeições. Uma manhã de outomno, Story ficou deslumbrado deante de uma casa nessas condições, um pequeno castello. Era todo de pedra branca, com tecto fino, e tinha uma torrezinha em fórma de guarita, á direita, e outra grande, á esquerda. Grandes álamos rodeavam-no, formando uma especie de aureola, e um cedro cujos ramos pareciam um bigode de conquistador, se erguia deante da fachada. O senhor James Story comprehendia que sua vida não merecia ser vivida, si não a terminasse naquella casa solarenga e, assim, resolveu comprál-a.

Disseram-lhe, nas immediações, que aquella antiga casa era habitada apenas por um joven pintor, que a herdára de seus paes. Retirára-se do mundo em consequencia de um desengano amoroso. Vivia só, unicamente apaixonado pela Natureza, que pintava para sua propria satisfação. James Story era um homem de grandes decisões. Verificou si o livro de cheques estava em ordem, como um soldado examina seu fusil antes de entrar em batalha, e se apresentou no castello.

— Cavalheiro — disse ao pintor — venho comprar este velho castello.

— Não se acha á venda — respondeu o artista solitario.

— Quanto custa? — continuou o norte-americano, fingindo não comprehender.

— Repito-lhe, senhor, que não penso em desfazer-me do castello...

— Um milhão?

— Minha resposta seria a mesma.

— Dois milhões?

O pintor sentiu subir-lhe o sangue ao rosto. Dois milhões! Tal quantia representava para elle a possibilidade de satisfazer a seus desejos de viagens distantes e de comprar uma casa de campo, onde iria com prazer, descansar entre duas excursões.

— Dois milhões... — murmurou o tentado. — Só vendo.

— Ah, ah!... Negocio fechado — dizia o americano, triumphante.

Mas o outro, comprazendo-se em contrarial-o, insinuou engenhosamente:

— Devo observar-lhe, senhor, que este castello tem uma particularidade...

— Qual é?

— E' que, algumas vezes, apparecem phantasmas, espectros...

O norte-americano levantou os braços para o céo, extasiado.

— Ah, que interessante! Eu o compro com phantasmas e tudo. Os phantasmas são a garantia dos castellos velhos... Além disso, fazem... Como dizem os senhores?

— Côr local.

— Exactamente... Afinal, os ha aqui?

O pintor olhou seu interlocutor, divertido e ironico.

— Si os ha? Prefiro dizer-lhe immediatamente que proliferam.

— Mas, ao menos, não são más pessôas? — perguntou James Story, inquieto, mas procurando dissimulal-o.

— São mansos como cordeiros. Phantasmas bem educados. Formamos bom par juntos...

— Muito bem — exclamou o norte-americano. — Mas, antes de tratar o negocio, eu desejaria vêr algum.

— E' muito justo, senhor — disse o artista. — Fique, portanto, em meu parque, esta noite, ás doze horas, e eu lhe asseguro que verá um em uma das torres.

Os dois homens despediram-se. A hora fixada, James Story installou-se sob uma arvore, a espera da apparição. Esta se produziu com uma precisão chronométrica. No alto da torre, o pintor, disfarçado, com um vulto, que parecia um corpo humano envolto em um sudario, nos braços, e arrastando cadeias, offereceu a seu hóspede uma surprehendente representação de phantasma.

— Maravilhoso, maravilhoso... — dizia o norte-americano, indo deitar-se. — Compro o castello.

No dia seguinte, voltou com sua filha e disse ao pintor:

— Apresento-lhe minha filha Daisy.

O artista inclinou-se e, ao levantar o busto, se sentiu como que deslumbrado. Nunca vira creatura mais bella. Essa visão o reconciliou com o amor e com o mundo. A joven deu alguns passos. Era a graça que se movia. Falou, e uma musica divina sahia de seus labios. De repente, uma idéa assaltou o artista. Si vendesse o castello, teria que deixar o paiz, não vêr mais Daisy, renunciar para sempre á presença daquella formosa creatura, que, de repente, julgava indispensável.

Quando o coração está inquieto, a imaginação o acompanha, e trabalha. De volta ao castello, o artista indicou:

— Senhor, prefiro ser-lhe franco e dizer-lhe toda a verdade: o phantasma que viu hontem é caprichoso... As vezes, passa semanas inteiras sem apparecer. Mas, si quizer esperar até o fim do mez, poderá vêr outro: um antigo escudeiro de Francisco I, que passeia com sua armadura.

Tocado pela curiosidade, Story acceitou a proposta. E desde aquelle dia, ia passar todas as tardes com sua filha no castello. Os dois jovens não se separavam.

Decorreram os dias. James Story aborrecia-se profundamente. O phantasma promettido tardava muito em apparecer. Uma noite, o millionario foi até o parque e se approximou das torres. Havia já meia hora que espreitava, quando, de repente, esfregou os olhos deante do estranho espectaculo que se lhe offerecia á vista. Entre duas torres, através da bruma que a lua prateava, não um, mas dois phantasmas acabavam de mostrar-se. Que milagre! Um tinha os braços em torno do pescoço do outro.

— Este castello é delicioso! — dizia o norte-americano, cheio de alegria. — Mas as armaduras de Pavia fazem um ruido original, como de beijos...

QUANDO O LOPES VIROU COBRA...

Ao general Tasso Fragoso

A campanha do Paraguay foi para Recife, como era natural, largo e agitado periodo civico, entrebatido de varias e fortes emoções: enthusiasmos, receios, esperanças, dôres, jubilos, saudades. A nossa moderna jazz-banizada cidade de hoje, naquella recuada época, tinha sua vidinha de pacata capital provinciana, toda manchada de escravos, com aguas servidas jogadas das janellas á rua em plena luz solar, muita maré onde hoje ha parques elegantes, primitivos omnibus para Olinda, quitandeiras e boleiras na calçada da matriz da Bôa Vista, lavadeiras do cáes do Appollo pondo roupas para seccar nas varandas da ponte de Recife... E, assim, para nossa Veneza capiberibana a guerra trazia uma successão de scenas e quadros novos em folha, de tal modo impregnando-a, que na minha infancia, quando a peleja já cessára ha bem uns 20 annos, ouvia frequentemente allusões, commentarios, gracejos em torno dos paraguayos.

Lembra-me, por exemplo, que, ao findar a luta fratricida de Canudos, espalhando-se que iam levar para o Rio o craneo de Antonio Conselheiro, meu avô paterno pilheriára:

— Agora, podem botar o boné de Lopez na cabeça do Conselheiro.

Na casa de meus paes existia o constante convivio de pessôas que tinham tomado parte na guerra. Apparecia um tio, o major Horacio Pires Galvão, que perdêra um braço em Tuyuty, e trazia a manga do paletó dobrada, presa quasi á altura do hombro. Com a sua barba fechada, o bigode crestado pelo fumo, um grande ar de doçura e um não menor poder de sympathia, o velho major attrahia minha curiosidade infantil como um homem que brigára com os paraguayos e brandira uma espada muito maior do que a minha de flandres...

Olhava-o sempre num mixto de espanto e admiração, bebendo-lhe as palavras quando, sem attitudes fanfarronicas, antes com muito menos expansividade do que eu desejava, alludia a episodios da campanha em que se mettêra, dando o seu sangue. Nunca me ha de esquecer a sua figura: vejo-o ainda, com o seu séstro de sungar o braço cortado quando queria ajudar um pouco o esforço do são.

Outro que tambem pelo Paraguay andou foi o meu compadre Basilio. Compadre quando já era rapaz. Déra-me uma afilhada. Naquelle tempo da minha meninice, Basilio exercia a profissão de "abridor" na Alfandega; sendo muito dedicado a nossa casa, — tão dedicado, que acabou se casando com uma cria de minha avó, — sempre por lá apparecia, offerecendo-se para regar o jardim, isso um tanto como pretexto para vêr a "pequena"... Esse, instigado pela minha insistencia de criança, contava-me muita coisa da guerra; fôra como voluntario, pelejára seu quê, mas tivera um só ferimento. Essa circumstancia de algum modo "esfriava" meu enthusiasmo por elle. Hoje, o que me provoca estranheza é como um espirito calmo, bondoso, avêsso a violencias, tivesse ido solicitar uma farda e um fuzil para brigar. Mas, o patriotismo explica tudo. E Basilio possuia até uma medalha.

Muito commum naquelles tempos era perguntar-se em ar de troça, quando se avistava alguem coxeando, de tipoia ou de cabeça amarrada: — "Você veiu da guerra do Paraguay?"

Bem comprehendo quanto foi poderosa a influencia dessa luta demorada e cruenta na imaginação de nossos avós. Avalie as vibrações de tantos milhares de almas desde a partida dos primeiros batalhões regulares até a organização dos de voluntarios, que attingiam tão de perto os corações das melhores familias pernambucanas. Os gestos de civismo se verificavam diariamente. Quando se soube em Pernambuco que o Lopez virára cobra, todo mundo reconheceu o seu dever de ir matál-o na cabeça... O exemplo de Paulino Camara póde servir de paradigma. Moço, talentoso, bem encaminhado na vida como promotor na capital, com um grande futuro na frente dos olhos, elle correu a se alistar, depois de haver se demittido do cargo que exercia. Não cortejava as accumulações remuneradas. E lá partiu com o 1.° batalhão de voluntarios precisamente no dia 27 de abril de 1865. As balas inimigas pouparam-no, porém uma febre maligna em Buenos-Aires não lhe permittiu revêr os coqueiraes pernambucanos.

Pernambuco honrou seu nome nessa guerra. Tobias Barreto num versos famosos, louvava esse assomo do "leão":

— Seu tenente me discurpe
Pernambuco, eriça a coma,
Abaixe-te um pouco e toma
O peso do Paraguay!

Esse peso elle o tomou mesmo. As estatisticas não mentem, assegura o Raphael Xavier. E ellas dizem que em 1868 o nosso Estado já contribuira para a guerra com 8.693 homens para o exercito e 1.028 para a armada. Nisso de contribuir nossa terra sempre foi lembrada...

Não haverá mal em notar, mesmo no intuito de mostrar imparcialidade do chronista no recolher suas recordações e apontamentos — que desses milhares de soldados, aqui como em toda parte, alguns marcharam um tanto quê constrangidos... Eram os "voluntarios de páo e corda", parentes directos dos "embusqués" da guerra européa, e de todas as guerras. No Maranhão, numa cidade do interior, no orçamento da prefeitura, constava a compra de umas algemas para... um voluntario da patria...

Em compensação, citam-se

UMA CARTA

Querida amiguinha! Si adivinhares quem te escreve, terás um bonbon.

— Que queres dizer? — exclamarás na tua phrasezinha habitual.

E com o teu olhar, admirado e soffrego, procurarás, novamente, a assignatura. Porém, socéga, meu bem, se não adivinhares immediatamente, certo não deixarei a minha missiva se confundir com o anonymato indigno.

De novo, vejo os teus traços cada vez mais denunciarem o espanto, e lá no teu intimo a ansia de "engolir" depressa a minha cartinha!

Deixemos de circumloquios, e falemos. Ora, uma vez que não te dás ao trabalho de emittir um signal de vida, lá do teu cantinho da região fresca em que vives, eu farei então com que o teu ser vibre um momento por minha causa. Ouço a tua exclamação: "Esta é muito bôa!"

Lembro-me das nossas ultimas palestras e noto qualquer coisa... um tic... de differente em ti. Reuniste um novo elemento em tua vida, parece-me que és outra... outra... Ha uma expressão diversa em teu olhar, uma cadencia outra nos teus gestos e no ... falarmos, não pudeste reter a onda de nervosismo (de felicidade, quer...

Por Mario Sette

tenas de escravos que fugiam para sentar praça. Poder-se-á ponderar que elles preferiam a disciplina militar aos castigos dos senhores, mas, igualmente, objectar-se-á que si covardes fossem não seriam os campos de batalha que os tentariam, mas o matto. Reconheçamos, portanto, em muitos delles, pelo menos, algum sentimento patriotico.

Não havia ainda telegrapho e as noticias do Paraguay chegavam por via postal. A cada vapor do sul corria-se para a Lingueta, onde se espalhava logo as novidades. Uma victoria, um revez, um estacionamento de operações... Partiam novos batalhões. Iam todos ao cáes leval-os, entre vivas, entre flôres, entre lagrimas. Geravam-se ás vezes desanimos, impaciencias, pessimismos. Choviam boatos derrotistas pela rua do Imperador. Os jornaes clamavam contra o impatriotismo dessa gente.

A 7 de março de 1868, o Recife perdeu a cabeça. Fundeara no porto o "Cruzeiro", da Empreza Brasileira de Navegação. E viera nelle a noticia da passagem do Humaytá. Reboliço formidavel. O povo encheu as ruas. Repiques de sinos, estralejar de girandolas, passeatas com musicas, luminarias nas ruas, retretas na praça da Bôa Vista, no largo do Arsenal, no Campo do Collegio. O feito da nossa esquadra enthusiasmou a todos. Lopez levára uma bôa... Nesse mesmo vapor, chegaram alguns prisioneiros paraguayos, entre elles o capitão Pedro Scobar e o alferes Domingos Seara. Outra festança foi no dia em que se soube da tomada de Assumpção.

E, emquanto lá pela sua patria a artilharia trovejava, os prisioneiros paraguayos, que tinham tocado a Pernambuco, tratavam de fazer sua vida menos acida, fraternizando com os pernambucanos, sobretudo com as pernambucanas de vida meio arrepiada. Trabalhavam nas obras publicas durante o dia e á noite se distrahiam um pouco com as mulheres tambem publicas. Era assim que, num cortiço existente na rua do Socêgo, mal afamado, e pertencente a um "padre" Antonio, a coisa chegou a tal ponto, que uma folha reclamou contra aquelle "antro de perdição", onde se reuniam soldados de linha, guardas nacionaes, invalidos da patria e prisioneiros paraguayos por causa de umas "camelias" ali residentes. Não havia illuminação, o que concorria ainda mais para os escandalos.

Si as nossas "camelias" se mostravam de tal modo indulgentes para com os adversarios da patria, por sua vez as mulheres de Lopez se manifestavam "rendidas" aos nossos soldados. Prova-o o facto de haver passado pelo Recife, finda a guerra, o 59.° batalhão de voluntarios, do Piauhy, com um effectivo de 530 praças, acompanhado de 40 raparigas paraguayas... 40 corações pacifistas, precursoras de uma politica panamericana... do amor.

O termino da luta offereceu a Recife outros aspectos, mais alegres, mais tranquillizadores, mais enthusiasticos. Voltavam as tropas vencedoras. Os vapores e os transportes conduziam regimentos e mais regimentos. E a cada um o povo acolhia com as mesmas effusões de applausos, de sympathia, de orgulho, de agradecimentos.

A chegada do 53 de voluntarios foi uma apotheose. No Arsenal de Marinha não cabia mais ninguem, magro que fosse. Toda a cidade se embandeirára; o avistar do transporte de guerra desencandeou um temporal de foguetes, de apitos, de repiques, de vivas, de salvas. O brigue real "Itamaracá" deu os tiros regulamentares com os seus bellos canhões de bronze. E o desembarque effectivou-se debaixo de palmas e de acclamações. O desfile pela cidade, do Arsenal á fortaleza de Cinco Pontas, durou 6 horas. Uma marcha triumphal. Nas ruas havia folhas de canellas, colchas de sêda nas varandas, arcos com festões, cordeis com bandeirolas, corêtos para musicas. De quando em quando, um discurso, uma poesia, uma saudação. Das janellas, as damas e senhorinhas acenavam com os leques, com os lenços, sacudiam flores. Os homens tiravam gravemente as suas cartolas, elevando-as, de braços estendidos. Na esquina da rua Direita com a travessa de São Pedro, diversas meninas trajando branco com faixas verde-amarello se enfileiravam á espera dos bravos. Uma dellas recita uns versos e offerece um ramo de rosas para ser posto na haste da bandeira imperial. Depois, entôam em côro um hymno. E o batalhão victorioso passa, desfalcado, exhausto, maltratado, porém com a alta vaidade do triumpho e a immensa alegria do regresso.

Sessenta annos após esses acontecimentos, dos quaes apenas nos falam hoje uns nomes geographicos, umas datas, uns sobrenomes militares, podemos, entretanto, calcular o poder de emoção que elles tiveram sobre os cerebros de nossos avós na época de seu lento e angustioso desenrolar. Esse Lopez que arrancava os maridos, os paes, os filhos, os irmãos, os noivos, de junto dos que os amavam, para chacinal-os na sua terra, bem mereceu as pragas, as maldições, os desesperos de tantas boccas pernambucanas.

Mas, a guerra findou, a geração passou, os povos se aproximaram, o odio esmoreceu, o quasi-esquecimento varreu tudo, e agora, na alma popular a éra em que o Lopez virou cobra só é lembrada em versos como estes, que ouvi certo dia, na feira de Caruarú, cantados por um aleijado que vestia uma tunica velha da policia:

— Soldado, cadê a roupa
Que eu te dei para guardá?
— Seu tenente me disculpe
A roupa eu mandei lavá
Que inda hontem eu cheguei
Da guerra dos paraguá...

(Do livro "PERNAMBUCO DAS ANQUINHAS E DAS MAXAMBOMBAS").

---

de Catharina Milka Baratz

sabe?) [illegible] que transparecia de tua figurinha.

Disse-te eu que emmagreceste. Ora, este mal é relativo, e tem o seu elogio num poeta que conheço. Esse poeta conhecia melhor que os outros a dôr de amar!

Não sei si é este o diagnostico mais acertado; mas...

Mas, si assim fosse, minha querida, que faria eu, hein?!

Eu? Creio que exultaria e me vingaria, ao mesmo tempo. Porque, emfim, é preciso que tambem provem desse elixir mysterioso, que tambem conheças o seu sabor esquisito, bom e venenoso simultaneamente.

Ah! meu bem, existe na vida uma mocidade que se esvae e que esmorece sem o encanto de possuir ao menos uma saudade!

Sabes o que significa uma saudade?

Ella é o gosto todo de uma vida, é o balsamo daquelles que nunca tiveram um presente!

E eu não quero que a tua estrada seja árida, esteril, sem uma flor, que lhe borde os caminhos, sem uma folha verde que lhe amenize a monotonia...

E' por isso, deixa-me confessar, que eu exultaria si te tivesse ferido o mal de amor...

Felix Ayres — BURITY - BRAVO — Maranhão — 1931

SEGUNDO o autor, membro da Academia dos Novos, a sua obra é um poema regional. Existem tantas *academias* pelo Brasil afóra, que não vale indagar onde se ergue aquella.

Basta sabermos que Burity-Bravo é uma localidade maranhense, e que o seu cantor, na opinião do sr. B. Vasconcellos, o prefaciador do poema, é o *Santa Rita Durão daquellas florestas e daquelles sitios rusticos*.

Mas, para os leitores avaliarem como foi *calumniado* Santa Rita Durão com a comparação (quasi vae em verso...) citemos o autor:

Sertão hospitaleiro,
na Musa que me eleita tanto influes,
que para não lembrar a inveja do estrangeiro
é bom que não se diga o que possues.

Senão um dia ainda serás vendido
pelo dollar do norte americano.
E então é preciso que teu povo, unido,
mostre mais uma vez que é soberano!

Que perigo!...

Blasco Ibañez — EM BUSCA DO GRÃO CAN (CRISTOVÃO COLOMBO) — Liv. H. Antunes — Rio — 6$

BOA traducção de Agostinho Fortes, escriptor portuguez. Brochura de 357 paginas, cuja leitura interessa, como sóe acontecer com quasi todos os livros do grande Blasco Ibañez.

Salomão Cruz — HISTORIA DE PIERROT — 1931

O autor, que é membro da Academia Fluminense de Letras, escreveu o seu *poemeto* por solicitação de Pierrot, depois de uma visita inesperada, ao que parece.

O poeta estava sentado em seu *bureau* e deu começo á historia.

Meu caro amigo Pierrot:
Respondo-te ao pedido, que fizeste,
Na manhã de hontem, no meu gabinete.

Depois de contar uma historia muito bonita, assim termina:

E, da vida, no torvo Carnaval,
Quem não tem, afinal,
A certeza cruel, que allucina
E que na tua historia se espelhou:
— Que ha, em toda mulher, algo de Colombina
E os homens, todos, são Arlequim ou Pierrot?!...

No meu fraco modo de entender as coisas, penso que já era tempo de Pierrot deixar de andar importunando os poetas.

Agora, um pedido ao illustre *academico*: quando endereçar-me novo livro, não confunda o meu nome. Bopp, é o outro... um magnifico poeta.

Guilherme de Almeida — CARTA A MINHA NOIVA — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 4$

Meu amor.

Tu virás, daqui a pouco, commigo,
sonhar num mesmo ninho o mesmo sonho antigo
que foi a fé, que foi a luz, que foi a gloria
da nossa historia.

Pensa um pouco: a nossa historia!

Uma carta de amôr, escripta em verso. A deliciosa poesia de Guilherme! O pequenino documento de uma alma sentimental, onde o coração do Poeta destilla toda a sua doçura...

Uma pagina intima...

Um poema que era teu, que era meu, que era nosso, mas que o mundo reclama e que eu mesmo não posso guardar para nós dois... Não posso...

Agora a carta está sendo vendida, decorada, e fatalmente vae ser mal imitada...

Que importa, si o poema é lindo, e póde ser *interpretado* por tantas outras creaturas moças?!...

Prof. J. Sampaio — NOVO VOCABULARIO DA LINGUA NACIONAL — Editorial Moderna Paulistana — 1931 — 4$

TRATA-SE de util trabalho organizado de accôrdo com a nova orthographia, decretada pelo governo, seguindo-se ao vocabulario, um promptuario para consultas.

Christovam de Camargo — O INVENTOR DA APENDICITE — editor A. Coelho Branco F. — Rio — 1931 — 6$

EM 1927, com o livro de contos *O estranho caso de Pelino Mendes*, conquistou o sr. Christovam de Camargo os primeiros applausos no terreno das letras. Foi uma estréa auspiciosa, seguida da publicação de *O enigma da mulher*, obra deveras interessante. Com seu novo livro, que acabamos de lêr, o sr. Christovam de Camargo veiu confirmar a sua qualidade de excellente escriptor.

O volume, a partir do conto *Madame Beauvais*, offerece ao leitor uma série de sensações inéditas, porque o autor se aprimora na linguagem e na apresentação da sua arte admiravel de fixador de imagens.

A difficuldade do leitor está em escolher o melhor trabalho, porque todos foram traçados por mãos habeis.

Baroneza Orczy — O TYRANNO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — — 1931 — 5$

MAIS um volume da *Collecção Para Todos*, com a mesma apresentação material magnifica.

O enredo desperta a curiosidade do leitor, nada ficando a dever aos trabalhos da autora, anteriormente editados.

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do ***Regulador Gesteira*** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use ***Regulador Gesteira***

O Melhor tratamento é usar ***Regulador Gesteira.***

Sim! Sim!

Regulador Gesteira é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar ***Regulador Gesteira***

PEDRO, O BAILARINO

— NÃO conheceu o Pedrinho, senhor? Sempre que tenho de annunciar algum concurso de dansa, por mais que não o queira, sou forçado a recordar toda a sua dolorosa historia... Não digo que a minha carreira tenha sido verdadeiramente brilhante, mas, emfim, segui a minha "estrella" com certa sorte, apresentando-me, com exito, durante dez annos seguidos, nos dancings e casinos. E, agora, que os annos já veem pesando um tanto, mantenho o meu curso da rua Donai, de onde, posso assegural-o, sahiram varias das nossas melhores estrellas. Assim, dirigi os meus negocios com o relativo successo que, hoje, me permitte viver quasi burguezmente — o que é bem raro na profissão. O que, porém, é pouco commum — aliás em todas as profissões — é um caracter como o de Pedro, ardente, sincero, cavalheiresco. Vi-o a primeira vez, no salão de festas de um palacio, numa praia da moda. Era feio — ah! bastante feio, mesmo — com a sua tez cor de azeitona, pelle marcada, olhos muito negros, nariz pequeno e ponteagudo como uma espatula de marfim, e uma grande bocca, rasgada, quasi sem labios. Mas, de porte elegante, esbelto, sabia vestir uma casaca como um principe! E dansando, ah!, senhor, era bem o genio da dansa!... Uma especie de chamma inquieta, voltante, um meteoro, um demonio! Alem de tudo isso, pelo lado moral, que coração de ouro, leal e terno, simples, generoso e grande! Era seu par, por esse tempo, uma pequena dansarina que elle trouxera de Nice, e, os dois faziam juntos um numero em que elle tinha á sua conta tudo que dependia de força e de agilidade, porque Lilian, francamente era uma bailarina de 3ª. categoria. Mas, por Deus, como era linda! Um desses typinhos de loiras com grandes olhos de heliotropio, bocca pequenina (framboise) e vermelha como um morango, cabelleira revolta, ondulada, assanhada, como as dessas figurinhas cheias de bonbons... Pedro amou-a desde logo e adorava sua "garotinha", vivendo só para ella, de quem jurara fazer a creatura mais admirada e querida dos salões de dansa... O amor tem dessas coisas!...

Viveram juntos dois annos. Tive occasião de vêl-os muitas vezes. Pois bem: quanto mais elle se mostrava carinhoso, solicito e apaixonado, mais ella se lhe mostrava indifferente, esquiva e grosseira. E, um dia, pelas cinco horas da tarde, quando elle a esperava para ensaiar um numero do programma da noite, appareceu-lhe um empregado da casa com uma carta. Uma carta em que Lilian lhe communicava que tudo estava acabado entre elles, pois resolvera "fazer sua vida" com um typo "muito chic" e que, portanto, não mais contasse com ella para seu par...

Felizmente, nesse horrivel momento, Pedro me teve a seu lado! A esse tempo eu ainda nada era para elle, senão um simples e modesto collega, trabalhando, num dancing visinho... Tomei-o, porem, nos braços, pois elle acabava de cahir como uma massa, e transportei-o, desfallecido, para o seu commodo. Uma febre louca, dois mezes de cama e de delirio! De vez em vez ia levar-lhe algumas palavras de consolação e conforto. Elle, porem, não fazia senão repetir: "Lilian... Lilian... Minha Lilianzinha!..."

Eu dizia-lhe, então:

— Meu querido, já que ella está longe, não vale a pena pensares mais nisso... E's um homem... Sê forte! E' preciso saber offerecer resistencia aos momentos dolorosos e horriveis da vida...

— Tens razão: é necessario que assim seja: "resistencia!" Hei de conseguil-o, pouco a pouco... Mas amava-a tanto, tanto!...

Sem duvida, se elle a tivesse encontrado novamente tel-a-ia matado, tal a intensidade da sua dor e do seu desespero.

Pouco tempo depois, já Pedro restabelecido, tive de ir dansar sob outros céos... Pedro agradeceu-me, commovido, abraçando-me e jurando-me que iria procurar um outro par. Foi longa a separação, porque só cinco annos depois voltámos a nos encontrar...

Nesse anno havia, em Paris, um grande campeonato de resistencia de dansa. Era um verdadeiro *match* entre bailarinos. Eu tinha como dansarina uma belga, um pouco pesada, mas resistente como barra de aço e de um folego de ferro forjado. E quem viria eu entre os pares?... Pedro, acompanhado de uma morena alta e magra, a quem deixa para correr a falar commigo. Pouco mudára: um tanto mais grosso e com a tez mais esverdeada. Disse-me, apertando-me a mão:

— Como estou alegre por te tornar a ver!

Respondo-lhe com todo meu coração:

— E eu, tambem! Ha quanto tempo não nos viamos... Emfim parece que voltaste ao que eras antes daquelle "desastre..."

— Oh!, disse-me, baixinho, a comprimir-me a mão com certa violencia, mas não a esqueci, não!

—):(—

CRIANÇA

ELLA voltára tarde do campo santo. Fôra visitar o tumulo do filhinho que perdêra. Trazia o coração cortado pela dôr. Era noite. Andava lá fóra, por entre as palmeiras do jardim banhadas pelo luar crescente, o soluçar tristissimo do vento. Ferida por aquella dôr atroz, passava a noite insomne.

A filhinha estava no leito esmaltado, sob o cortinado rosa, com a cabeça loura perdida entre as brancas rendas da almofada, olhando-a com os grandes olhos vivos... E ella, ajoelhada ao pé da cama, com as lagrimas a rolar-lhe pelo rosto macerado, chorava em silencio. Vendo a filhinha acordada, levantou-se e colheu-a entre os braços, mirou-lhe o rosto

De Henri Falk

Pude esquecel-a nunca! E procurei-a porque queria encontral-a para me vingar... Depois, a vida obrigou-me a trabalhar novamente... Não tinha mais nenhum dinheiro... Lembras-te do teu conselho: "resistencia! resistencia?!" Quando vi o annuncio deste concurso, resolvi nelle inscrever-me. Tentava: alem dos premios, vinte e cinco mil francos ao vencedor. Cheio de dividas, era gritante a necessidade deste dinheiro para mim, no momento. E é preciso que eu o ganhe!...

Conversámos assim, no vestiario reservado dos bailarinos. Um dos directores do concurso entrou e preveniu-nos que era chegada a hora de inicio do mesmo. Par a par, de braços dados, penetrámos na pista illuminada, como se fosse para um *match* de *box*. Vozerio, gritos, applausos, pilherias, musica, um pandemonio de confusão.

Passo, de alto, sobre as peripecias desse torneio: repousos diminutos, de hora em hora, ligeiras refeições feitas em pé, deante do publico, as noitadas *chics*, de casa cheia, num ambiente de perfume, com o *speaker* a annunciar os personagens mais notaveis... E, por fim, confesso francamente: o meu fracasso, porque não encontrei resistencia para supportar semelhante regimen mais de oito dias, mal auxiliado pela minha belga, que tambem abandonou a pista. Aliás, a esse tempo, já uma meia duzia de pares fizera como eu... No entanto, não me desinteressei da batalha, que continuei a acompanhar, mesmo porque, Pedro, firme, continuava a lutar.

Durante um dos intervallos fui vel-o no seu "reservado", quando lhe applicavam massagens. Disse-lhe ao ouvido: "Terás os teus 25 mil francos, meu velho!" Elle sorriu, e disse-me: "Farei tudo que puder. Meu par está fraquejando um pouco, mas se ella não resistir continuarei só."

— Alegro-me por ver-te tão bem disposto!

Pedro fitou-me e disse-me:

— Se soubesses!... O que me dá força — tenho vergonha de dizel-o — é que danso persuadido de que tenho Lilian nos meus braços...

E, no emtanto, a pobre allemã, que é Kitty, está bem longe de se parecer com Lilian... Emfim, a gente se illude e engana como póde, não é?

O torneio continuou. Seiscentas e cincoenta horas já estavam marcadas. Mais de um mez, a dansar seguidamente... Apenas dois pares em scena, agora: um americano e Pedro, este talvez mais disposto que o seu rival... A' noite, a casa, cheia, vibrava, a encorajar, a estimular. O americano e seu par e Pedro e o seu dansavam, dansavam lentamente, automaticamente, ostentando sorrisos crispados, e com os olhos pequenos, cada vez mais pequenos como os dos moribundos, olhos que dão a impressão de brilhar dentro, bem dentro da cabeça...

De repente, um grande grito na sala: os americanos vacillam, cambaleiam, parece vão abandonar. Mas, não... Ao passar deante de uma fonte metteu os lenços na agua, rapidamente, e os collocam, molhados, sobre a cabeça. E continuam a dansar, refrescados, reanimados!...

Que faz, então, o nosso Pedro? Para mostrar quanto estava bem disposto inicia um *boston* dos diabos com o seu par quasi inerte... Eu estava lá, a ver e comprehender tudo. E me lembrei que aquelle *boston* fazia, outrora, o triumpho, o successo delle e de Lilian... Ao mesmo tempo — tudo isso se passou como um relampago — ouvi uma gargalhada aguda, intempestiva, e Pedro dansando, apontar com o dedo uma poltrona, na minha série, mas que eu não podia distinguir direito... Um grito desesperado: "Lilian!" e, entre o clamor da multidão estupefacta, Pedro abandona seu par, salta a pista, attinge a platéa... Então, comprehendi tudo. O drama fixa-se na minha cabeça: o infeliz distinguira, no meio da assistencia, a miseravel creatura. E eil-o que abandona, que joga fóra 25 mil francos para aproximar-se della, para bater-lhe!

Precipito-me; espalho cotoveladas para todos os lados, e vejo Pedro, tremulo, livido, os labios brancos a espumarem saliva, a martelar com os punhos uma bonecá de amostra pendente de um camarote. E gritava, possesso:

— Emfim! Emfim, tenho-te, encontro-te, vibora! Não me escaparás agora!

Ahi está, senhor, o triste desfecho da carreira de um grande bailarino... Os americanos, só por isso, mais uma vez ganharam. Pedro tivera um ataque de loucura, causado pela fadiga, pela tensão nervosa e por mim, tambem, indirectamente, pois minha presença fizera reviver, em toda a sua intensidade, sua a t r o z aventura. "Resistencia!" Elle não pudera resistir até o fim... Mas, póde-o, agora, senhor, porque se tornou muito alegre, não se lembra mais de nada e, ha tres semanas está internado numa casa de saúde, em Villejuif, eis tudo.

—((o))—

rosado, onde parecia andar uma saudade infinita...

— Mãe, que é do maninho?

— Está com Deus, filha! respondeu-lhe, apontando para as alturas silenciosas, onde a lua ardia debilmente, pondo nas copas das arvores um fio de prata.

A criancinha olhou pelo vidro da janella o longo pallio prateado que o luar punha no estendal das franças verdes, dentro da noite silenciosa que c r i a v a um novo mundo na sua imaginação...

A mãe deixou-lhe na face rosada um grande beijo, triste como o silencio que andava lá por fóra.

A criancinha, então, com a luz ingenua de seus grandes olhos verdes, ficou a olhar as estrellas, que eram como lagrimas ardentes no ignoto da noite...

ACHILLES VIVACQUA

CELIS MARIS (S. Paulo) — Das mulheres só tenho recebido ingratidões. E' o que lhe asseguro. Mesmo daquelas a quem tenho sido util de modo indiscutivel.

Por que então hei de trabalhar em beneficio de creaturas que, uma vez obsequiadas, fingem que me não conhecem?

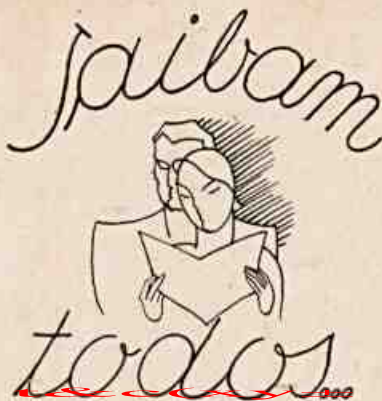
E' preferivel, pois, que ellas procedam assim — sem que eu lhes dê a ridicula impressão de que sou um palerma...

REGIS (R. G. do Norte) — Ora, viva! Uma carta de uma bella nortista. E da terra potyguar. Como me elogia rasgadamente, e eu, como todo mortal, sou sensivel á lisonja, — quero transcrevel-a para aqui, com todos os seus pontos nos *i i*:

Yves amigo: Lá vae esta carta do norte, senão original, differente, pelo menos, das muitas que você recebe diariamente.

Ella não tem nenhum objectivo nem vae perfumada com a embriagante e capitosa essencia do "Caron" ou a fragrancia deliciosa da violeta. Quero que della rescenda, tão somente o odor mystico dessa sympathia espontanea que você me inspira, sympathia provocada pelo sabor espiritual, todo seu, que exhala em emanações de arte e de esthetica do que escreve.

Acredito que você é bem outro que não esse psychologo trivial a tomar attitudes subversivas quo-

tidianas e infindaveis de suas numerosas consulentes.

Escute: No meu imperdoavel egoismo não quero medir o dissabor que esta missiva lhe causará. Vejo tão somente a sensação deliciosa que experimento escrevendo a quem me é absolutamente desconhecido.

Que alegria inusitada me embriaga e delicia! Que vertigem de sonho e de quiméra! Escrever ao inconfundivel aedo de "Suave Enlevo"!...

Eu porem, presumo vêl-o, num gesto de repugnancia, de desdem, de rancor, quiçá, atirar a um canto esta ingenua missiva do norte. Não o faça, Yves, e creia-me sua admiradora. — *Regis*"

LOLA (Capital) — Pela collaboração que me envia, cheguei á conclusão de que são grandes as suas possibilidades literarias. Entretanto, achei fracos os trabalhos presentes.

Era só o que dejava de mim?

RAINHA DE SABA' (S. Paulo) — Sem duvida, a carta que me enviou, para ser entregue á Didi Caillet, já chegou ao seu destino. Pul-a no correio, no dia seguinte ao de seu recebimento.

CORALIA (Minas) — Hum! Pois não é que o "caso Djénane" está apaixonando as leitoras de "Saibam todos"? Senhoritas, senhoras, "jeunes filles" sonhadoras, "vieilles filles" desilludidas não tem escondido o seu pensamento a respeito da "enquête".

Agora, é d. Coralia quem dá a sua opinião.

Ouçamol-a:

"Yves. E' ainda sobre o thema — "Porque si ha re renunciar soffrendo, quando se póde ser feliz ou desgraçado na posse"? — que venho falar-lhe, dando o meu parecer, com a maior franqueza e sinceridade:

— E' muito mais felicidade o sofrimento na renuncia do que a decepção do enfado! O amor satisfeito, tem um fim breve: a posse mata-o lentamente, ao passo que renunciar sem se deixar possuir, sem saciar o objecto do nosso amor, equivale a sofrer, mas tambem a amar e ser amada sempre".

Porque si ha de tornar desgraçada, sendo possuida no peccado, si póde ser feliz sofrendo apenas?

Entendo o amor, sofrendo e amando sempre com a alma e o coração...

Não poderia nunca contentar o meu amor sem dessesperar-me; não conseguiria ainda alimentar o seu amor, sem aniquilal-o ao mesmo tempo!...

Bem poucas serão capazes de amar duplamente apóz a posse e eu não me deixaria ser possuida, si não, sómente em demonstração de meu amor se me fosse exigido um sacrificio em prova...

Matal-o-ia, tornando-me desgraçada atravéz a barreira dos preconceitos, por provar um amor condemnado por lei e pelos homens mas que o coração não vascilou em sentil-o!...

E este amor impossivel, nos vem apenas para completar o amor sensual de outrem de que somos victimas muitas vezes, ficando o coração e a alma incompreendidos e livres para um amor peccaminoso e de renuncias...

E eu seria capaz de renunciar, com o fim de não matar o meu amor mas não com a hypocrisia de ter sido razoavel...

Yves, este meu modo de amar é bem singular, não é? Mas póde crer-me e responder pelo Fon-fon, a sua opinião sobre isto, pois apezar de eu ter lhe aberto o meu coração, com toda franqueza, não me acreditará.

Espero ler sua resposta com sinceridade, porque eu suporto melhor — uma verdade rude, do que uma mentira suave. Meu lema é: — ser franca! — *Coralia*"

V. ex. me pede uma resposta. Infelizmente não lh'a posso dar. Primeiro por que seria forçado a declarar que v. ex. não escreve bem. E' nebulosa. Complicada. Trapalhona. Positivamente illogica. Em segundo logar, si eu dissesse, sinceramente, a impressão que sua carta me causou, certamente v. ex. iria tentar um meio de me fazer fuzilar.

RINA (3) — Perfeitamente. Terá a informação que me pede e que, nesta secção, não seria possivel. Falta-me espaço, para tanto. O meu expediente é de 1 hora ás 5 da tarde. O meu telephone é — 2-4136.

MARIA LUCIA (S. Paulo) — Ih! Mas para que tanta aggressividade para combater uma idéa? Vamos ao caso que lhe inspirou a sua carta insolente. Recebi aqui uma missiva assignada por *Djénane*, onde essa pessôa defendia o ponto de vista de que "era melhor morrer solteirona a infringir os preconceitos sociaes". Ri-me dessa these. Depois vieram outras cartas—umas, liberaes, pregando o amor livre, outras, conselheiraes e moralistas. Applaudi uma de *Maria Lucia*, cujas idéas estavam de accordo com as minhas. Hoje, com surpreza, recebo uma nova carta de Maria Lucia — a sua:

"Yves. A Maria Lucia que você isaltou, e a Djenane que você não comprehendeu e até ridicularisou, são uma e a mesma pessôa. Fiz de proposito, quiz ver até que ponto ia a sua incoerencia.

Quem diz que lá no intimo, você não está achando ousado demais o meu gesto de sinceridade, e louvando a idéa de sacrificio sentimental em favor do bom senso, da honra e da dignidade.

Os homens preferem sempre a falsa virtude, á sinceridade livre de uma virtude verdadeira.

Acha que uma carta é o sufficiente para revelar uma mulher?

Diante de você fui duas porque revelei duas fases differentes, de espiritualismo e emotividade, de vibração e materialismo. Preferiu a ultima como homem que comprehende, mas concorda por comodidade. No intimo, garanto, ficou assombrado com a minha atitude e não soube como responder."

Ora, v. ex. me chama incoherente porque applaudi as idéas de uma pessôa que me escrevia sob o nome de *Maria Lucia* e ri de uma que me endereçava uma carta sob o pseudonymo de *Djénane*. Incoherente seria eu si applaudisse a ambas. Mas não foi o que se deu.

Quanto ao facto de v. ex. se haver disfarçado em duas personalidades, eu só posso dizer o seguinte: não era necessario tanto esforço para illudir um homem... Um pobre homem de bôa fé — como eu...

E' possivel evitar-se um desastre qualquer: um trem que nos venha apanhar, um automovel a toda velocidade, o cano de um revolver... Mas uma deslealdade feminina? Isso nunca! E' um desastre inevitavel...

E como v. ex. interroga: "Acha que uma carta é o sufficiente para revelar uma mulher?", eu respondo que para revelar uma mulher, basta uma traição, um embuste uma mentira, um simples *bluff*...

Devo frisar ainda que, uma vez que v. ex. foi tão desleal para commigo, — usando de duas personalidades — uma das quaes eu applaudi — já agora não applaudo nenhuma e descreio de que esteja em jogo a intelligencia de uma mulher: a carta de *Maria Lucia* deve ter sido escripta por um homem...

MIKIMIDA (Capital) — A sua carta é muito interessante. Vejamos o que v. ex. me escreve:

"Sr. Yves. Saudações. Apesar da minha incapacidade litteraria, venho, hoje, abusar de sua excessiva bondade. Não quero, porém, tornar-me massante, ao contrario, desejo não desagradar-lhe de todo, o que talvez não consiga, pois mesmo no escrever pareço antipathica, não?

(*Continúa na pagina seguinte*)

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Desejo fazer-lhe algumas perguntas, mas, ao lembrar-me que poderei aborrecel-o, sinto-me acanhada. Mas, se eu merecer resposta, espero que me dê noticias a este respeito. Agora vou confiar-lhe tudo:

Indo á casa de uns amigos, conhecemos um rapaz que muito estimamos, agora. Apesar de ser distincto e excessivamente modesto, não deixa de querer fazer-se de mestre.

Ha dias conversavamos na praia, quando perguntei: — Quanto marca o seu cronometro? E elle respondeu: — No meu cronométro são nove e meia. Calei-me, mas a duvida de que falava errado, fez-me ficar envergonhada. Além desta, muitas outras como: a s i á g o, recóndito, anomálias, protótypo, púdico, conjúges, pegádas, hypódromo.

São estas as palavras, das quaes desejo saber a acentuação tonica, pois, não as aprendi como são pronunciadas por elle. Venho, tambem, saber sua opinião sobre este rapaz, e pedir-lhe muitas e muitas desculpas, por lhe ter tomado tanto tempo.

Espero, ao menos, o que lhe peço acima, desejando que não se aborreça com a amiguinha ternamente grata.

E' favor responder-me pelo pseudonymo. — *Mukimba*".

Resposta: O rapaz quiz fazer uma troça. *Chronométro* é tolice. O certo é — *chronómetro*. A palavra é proparoxytona. Os outros vocabulos têm a seguinte pronuncia: *aziágo*, *recôndito*, *anomalias* (o accento cai no i) *protótypo* ou *prototypo* (accentuando o y) *pudico* (o i accentuado) *conjuges* (proparoxytonas) *pégadas hypódromo* ou *hipodrômo* (tanto é proparoxytona como paroxytona).

Relativamente ao rapaz, já disse o meu juizo. Si elle disse *chronometro* por pilheria, é signal de que é um *blagueur*; si fez por ignorancia, é prova de que deve ir para a escola...

Que tal?

MYOSOTE (E. do Rio) — O "caso Djénane" degenerou em uma mystificação. Mas as mystificações femininas hão de servir para alguma coisa. A da homonyma da personagem de Loti serviu para thema de uma "enquête". Posta á margem a figura de *Djénane* — agora evidentemente um plano secundario — fica a idéa agitada por ella.

Escreve v. ex.:

"Snr. Yves. Recebi a sua resposta, referente ás lendas das rosas e dos myosotis: agradeço. Mas, não quero fallar sobre isto agora. Quero fallar, sobre o que mais me prende a attenção neste momento: Djenane. O Snr. pergunta quem quer dar opinião, e eu vou dar a minha, embora insignificante. Alma Inquieta em 7-11-931 diz que a vida não é poesia nem romance. Pelo mais que disse Alma Inquieta, ella deve ser uma conformada, ou medrosa da vida. Téria Alma Inquieta desistido um dia, d'um amor, por preconceitos ou em obdiencia á alguem? Ou, Isto, não é amor! Que importa o mundo, a sociedade, a familia, emfim tudo si se ama e si é amado!?... Aquelles que amam profundamente, não medem a extensão deste amor! Nada os fará deter na estrada da vida que percorrerão juntos cheios de sonhos e de desejos! Tudo na vida é poesia, é romance, é amor! Uma flor, o trinar d'um passaro, o por do sol, o riso d'uma criança, emfim mil nadas da vida é poesia! Todas ás aflicções, as angustias por que passamos, todas ás lagrimas e dores, é um eterno romance desde o começo dos mundos nascidos d'uma só fonte: o amor! Maria Lúcia em 31-10-931 confessa o desespero immenso de ter perdido os seus momentos de felicidade, e sente u m desejo louco de voltar ao mesmo amor... e gosal-o com todas as forças do seu ser! "Porque soffrer na renuncia (diz ella) quando se pode ser feliz e desgraçada na posse?" Sim! Que importa tudo se realisamos o

nosso ideal? Os embates da vida, mesmo a miseria não arrefecem o amor quando verdadeiro! Todo o amor puro e leal, é honesto para aquelles que amam assim! Sobre o que disse Margot em 7-10-931 lembrei-me de uns versinhos que não sei de quem é:

Amar, e ser amado oh! que ventura!
Não amar e ser amado é triste horror
Mas na vida, uma noite mais escura
Que é amarmos alguem que não nos tem amor!

"— Amar a uma creatura que não nos tem amor e renunciar a este amôr é uma grandeza d'alma. — Não fallemos deste amôr, fallemos d'aquelle correspondido, o unico da nossa vida que é tudo para nós! O amor rege o mundo inteiro! Elle vive no mais pequenino ninho dos passaros, na cabana humilde e finalmente no palacio principesco!

Elle da forças a todas as cousas do universo inteiro, e por elle nascemos vivemos, luctamos, e morremos!

Amor, sempre o amor, amor nos seculos dos seculos! — Myosotis."

Até eu pretendo escrever sobre o assumpto. Não nesta pagina, mas em *Falangeas* ou noutro logar do texto da revista.

RUY CORTES (E. Santo) — Ao prezado confrade agradeço a remessa do jornal espirito-santense e do seu bello soneto que teve a gentileza de offerecer-me.

Si me permitte transcrevo-o para aqui — mais como homenagem ao sr. do que a mim mesmo.

A FOLIA-DE-REIS

Ao Bastos Portela

Pela encosta, onde o sol caustica, numa curva
Do caminho de tropa esbatido na areia,
Sob a esteira de pó que, á luz, a envolve e enturva,
A Folia-de-Reis, monotona, vagueia...

Homens rudes, em grêi, de pele aspera e turva,
Ei-los de casa em casa e de aldeia em aldeia.
Um palhaço, que salta e se encurva e recurva,
Dança, pede dinheiro e ás crianças chicoteia.

Com bonés de papel e enfeitados de fita,
Cantam o "Deus-Menino", os "Magos", a "Visita",
Ao zunir do tambor, do pandeiro e da viola...

E, quando as vozes vão no espaço adormecido,
Parece que o sertão desperta num gemido
Qual novelo de sons que, no ar, se desenrola...

Ruy Cortes

Lembranças a esses brilhantes intellectuaes do Espirito Santo, a quem muito admiro.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 21 - 11 - 931.

Data da consulta ....
Nome da consulta ....
....

Notas de Arte

FÁFÁ LEMOS. — Mais um menino-prodigio. E' Fáfá Lemos. Criança de 10 annos, mas parecendo ter apenas 7, apresentou-se no I. N. M., na tarde do penultimo jovedia, 5.a-f., 5 de novembro, tocando ao violino, acompanhado pelo prof. J. de Sousa Lima: I) Corelli — *Sonata, op. 5*; Tartini — *Arioso*; Rameau — *Gavotta*; II) Saint-Saens — *Le Cygne*; Ilynsky — *Berceuse*; Albeniz — *Canção catalã*; III) Henrique Oswaldo — *Serenata*; Fr. Braga — *Berceuse*; Edgard Guerra — *Capricho Brasileiro* (facilitado).

A não ser predicados que dependem da idade, como a comprehensão perfeita dos autores e a execução de difficuldades technicas que só podem vencer os adultos, Fáfá Lemos é um artista em miniatura: Memoria, afinação, naturalidade — toca como se estivesse brincando — enthusiasmo pelo instrumento, desembaraço em enfrentar o publico: tudo revela o talento precoce do juvenissimo interprete.

Não chegamos ao Instituto á hora de ouvir a *Sonata* mas das outras peças ouvidas as que mais nos agradaram foram *Le Cygne* e o *Capricho Brasileiro*. Na primeira apreciamos no menino-artista algo da sentimentalidade do adulto, e na segunda a harmonia entre os sentimentos infantis do violinistazinho e a jovialidade da composição.

Um grupo de meninas levou-lhe a saudação da infancia e as palmas e bravos de toda a assistencia, que era numerosa, coroaram-lhe o exito, premunio de glorias futuras.

Fáfá Lemos precisa apenas crescer para confirmar adulto toda a esperança que suscita a sua estréa de menino.

1.º CONCERTO OFFICIAL DO I. N. M. NO ANNO LECTIVO DE 1931.—Em a noite do penultimo martedia, 3.a f., 10 de novembro, realizou-se no Salão Nobre, o Salão Leopoldo Miguez, do I. N. M., o 1.º concerto official do anno lectivo desse Instituto, com o seguinte programma: I) Purcell (Henrique) — *Suite*, para orchestra de cordas; Corelli — *Concerto grosso* n., para orchestra de cordas e *órgão*, com violinos e violoncellos a sós; Bach (J. S.) — *Concerto em mi maior*, para violino e orchestra de cordas; II) Marinuzzi — *Andantino á l'antique*, para orchestra de cordas, piano e flauta; Miguez — *Sarabanda*, da *Suite á l'antique*, para orchestra de cordas; Bach (J. S.) — *Concerto em lá menor*, para piano e orchestra de cordas (arranjo de um concerto de Vivaldi para 4 violinos). Na regencia, o maestro Francisco Braga. No órgão, o prof. Arnaldo Gouveia. Violinos e violoncello a sós, as profs. srta. Yolanda Peixoto, Alda Gomes Grosso e Nydia Soledade. Solistas: violinista, srta. Hilda Maria Saraiva, e pianistas srtas. Nycia Roubaud, Etelvina Telha de Lemos, Yolanda França e Maria Antonietta Vieira. E ainda no *Andantino* de Marinuzzi, o pianista Alvaro Barros e o flautista Domingos Raymundo.

Sob todos os aspectos foi o concerto do I. um grande espectaculo de arte. Apesar da chuva torrencial, o salão estava repleto. Profissionaes e amadores, criticos e chronistas, figuras de destaque social e artistico e uma pleiade de encantadoras representantes do sexo das graças davam ao ambiente raro esplendor. E a orchestra e as solistas corresponderam plenamente á espectativa ansiosa e sympathica do auditorio. Viveram technica e estheticamente todas as

peças, sem que se lhes pudesse notar a minima falha, a menos que algum ouvido supersensivel tenha assignalado algum deslise que nos escapou e cremos que a todo o publico.

A começar pelo programma tudo foi lindo e raro. O salão do I. adquirio a Majestade de um templo. Os classicos do seculo XVII e XVIII, a que se associaram modernos com producções classicas, foram os autores que forneceram á orchestra, ao órgão, aos violinos, violencellos e contra baixos, ao piano e a uma flauta, os poemas musicaes que durante duas horas fugazes encheram de belleza a grande sala do Instituto.

Sem distinguir qual a execução mais perfeita, pois todas nos pareceram technicamente irreprehensiveis, assignalamos as que mais nos impressionaram. Primeiramente o Concerto de Corelli, pagina musical que allia á belleza da inspiração, o valor historico, no dizer de Riemann os "Concerti grossi estabelecem uma differença entre a musica instrumental, entendida no sentido moderno, e a Musica de camara." Sem poder destacar mais uma do que outra solista, que todas nos deram mais ou menos a mesma emoção, notamos comtudo a rara elegancia com que maneja o arco a violinista Alda Gomes Grosso. Em seguida nos emocionou profundamente o *Adagio* do *Concerto em mi maior* de Bach, pela solista, Hilda Maria Saraiva. Afinal pareceunos de raro primor a interpretação do *Concerto em lá* de Vivaldi — Bach, em que fulguraram as pianistas, Nycia Roubaud, Etelvina Trilha de Lemos, Yolanda França e Maria Antonietta Vieira.

Quizeramos dispor de espaço e de technica saber para dizer mais o melhor da bella festa de arte.

Deve estar immensamente satisfeito o Prof. Guilherme Fontainha, director do I. N. M., a cuja sabia orientação naturalmente se deve a realização do esplendido concerto.

O publico applaudiu sempre com desusado enthusiasmo. E o ultimo numero foi bisado.

HILDA MARIA SARAIVA. — No salão Leopoldo Miguez do I. N. M. realizou-se em a noite do penultimo sabbado, 5.ª f., 12 de novembro, a estréa, como recitalista, da srta. Hilda Maria Saraiva, 1.º premio, medalha de ouro, daquelle I., obtida este anno no curso de violino do Prof. Eduardo Guerra. A joven estreante apresentou-se executando, além dos extra — *Prelúdio*, de Bach, *Valse bluette* de Drigo e *La gitana* de Kreisler — o seguinte programma: J. S. Bach — *Chaconne*; Max Bruch — *Concerto em sol maior*; Dobrowen — *Melodia hebraica*; N. Zsolt — *Valse caprice*; Albeniz—Kreisler — *Malaguenha*; E. Guerra — *Capricho brasileiro*; Bartok-Szekely — *Danças rumaicas*: *Jocul Cubato*, *Braul*, *Pe Loc*, *Ruameana*, *Poarga Romanesca*, *Manutelul I* e *II*; Novacek — *Perpetuum mobile*.

Sem exaggero, foi magnifico o exito da virtuose. Calorosos e merecidos applausos saudaram-na em todos os numeros. Flores, muitas flores juncaram o tablado, de onde a violinista espargia tambem flores, as do talento e do saber com que fazia vibrar o magico instrumento.

Começou a recitalista surprehendendo o auditorio, tocando sem acompanhamento a famosa *Chaconne*, de Bach. Embora não sejamos musico para poder julgar com a devida competencia, a verdade é que a executante mostrou aos mais leigos quanto é difficil a celebre composição. Parece que executando-a a srta. Hilda Saraiva quiz de inicio demonstrar todo o valor da sua technica. Mas o que a revelou cultora notavel do "rei da orchestra" foi o *Concerto* de Max Bruch. E' possivel possam os profissionaes fazer algumas restricções á interpretação, mas a nossa impressão foi de obra-prima, sobretudo o *Adagio* e o *Final*. Tal a emoção communicativa patenteada nos dois ultimos tempos do grande *Concerto*. E os numeros subsequentes foram outros tantos primores, principalmente *Malaguenha*, *Valse caprice* e as danças rumaicas — *Poarga Romanesca* e *Manutelul I* e *II*.

O Prof. José Sousa Lima foi digno parceiro da recitalista. O seu piano muitas vezes não se limitava a acompanhar; dialogava com o violino.

Parece-nos que a srta. Hilda Saraiva é mais uma artista a se inscrevér entre as candidatas á carreira triumphal de virtuose do violino.

Oscar D'Alva

MARIO LORENA deixou na America do Norte a fama de ser um dos maiores corsarios terrestres. Ainda hoje se contam as façanhas desse bandido que unia á habilidade de Arsenio Lupin a elegancia de attitudes de um Mandarim.

O governo da California havia encarregado a um famoso detetive a perseguição de Lorena, com ordens de apoderar-se delle, vivo ou morto.

Doze homens bem armados e valentes foram postos á disposição de Manuel Gottorm para auxilial-o na pesquisa. Mas doze cavalleiros juntos, marchando pelas estradas e fazendas, seriam um desafio ao senso commum. Não tardaria em chamar a attenção do bandido e seus sequazes.

Manuel Gottorm resolveu, por isso, ir sozinho na frente, estudando as aldeias por onde passava e colhendo informes acerca de Lorena, emquanto os policiaes o seguiam a varias leguas de distancia.

Havia cinco dias que o chefe percorria a planicie e a montanha, sem encontrar mais do que vagos indicios. O terrivel malfeitor permanecia invisivel.

Uma manhã em que, montado em seu nervoso *mustang*, o detective trilhava um ingreme caminho, julgou ver no chão rastros recentes de varios cavallos. Seguindo a pista, o cavalleiro entrou em um bosque de arvores imponentes.

Gottorm não se enganára. Um quarto de hora depois desembocava em um claro, no meio do qual notou uma soberba fazenda, rodeada de granjas espaçosas. A situação mysteriosa da casa naquelle recanto solitario intrigou ao policia, tão desconfiado por natureza como por dever.

O DETECTIVE E A

— Quem sabe si é este o esconderijo de Lorena e seu bando? — disse o detective comsigo mesmo.

Mas tal idéa immediatamente lhe pareceu absurda. Aquelle retiro devia ser o de algum opulento capitalista ou de um caçador de oiro enriquecido. Gottorm ia dar meia volta, quando o *mustang*, que farejava, sem duvida, alguma cavallariça proxima e bôa provisão de feno, se poz a relinchar com enthusiasmo.

Então, um cão ladrou furiosamente, dando o alarma na casa. Minutos depois, a porta da fazenda se abria, apparecendo no humbral uma bellissima joven.

— "Black"!... "Black"!... Queres calar-te? — gritou para o cachorro.

E, dirigindo-se a Manuel, ajuntou:

— O senhor não quer descansar um pouco?

E, sem esperar a resposta, chamou um criado negro, a quem recommendou que tomasse conta do cavallo.

— Com licença um momento, senhor. Volto immediatamente — explicou a joven, depois de ter feito entrar o detective para um vestibulo mobiliado com grande luxo, coisa pouco habitual nas fronteiras mexicanas. Tapetes do Oriente e da Persia, poltronas commodas, que convidavam ao descanso, quadros *bibelots* de grande preço — tudo revelava a riqueza e o bom gosto do dono da casa. Alguns livros francezes e inglezes estavam sobre uma pequena mesa.

Manuel Gottorm sentia-se incapaz de resolver aquelle logogrypho, quando um *frou-frou* veiu arrancal-o a suas reflexões.

Era a joven que entrava.

— Desculpe minha ausencia — disse ella, sentando-se no sofá. — O senhor vem de muito longe?

— Sim, senhora. Chego de Mariettown.

— Oh!... Deve estar morto de fome e de sêde. Dormirá aqui. Vou dar ordem nesse sentido.

Gottorm, confiado no aspecto da casa e na amabilidade de sua dona, acceitou gostosamente o convite.

A refeição foi muito alegre e o bom humor da dama duplicava o preço daquella cordial recepção. Ella explicou que morava sozinha com seu pae, o qual explorava uma mina nas proximidades e voltaria mais tarde.

— E que o traz por estas longinquas paragens? — perguntou a moça.

— Um caso muito simples, senhora — respondeu Manuel, sem vacillar: — ando á procura do bando de Mario Lorena.

FILHA DO BANDIDO

— Ah!... Refere-se aos bandidos que assaltam e roubam os viajantes nos caminhos da California?

— Exctamente. Já ouviu falar nelles? Dizem que a filha de Lorena a bella Carmelina, ás vezes se põe á frente dos bandidos...

— Oh!... O senhor está excitando a minha curiosidade. Essa historia é muito romantica. Conte-me todos os detalhes... Não avalia como eu gosto dessas aventuras...

— Só posso repetir o que se diz. Essa mulher, chefe de bandidos, passa por ser de uma audacia extraordinaria. Dirige as expedições, traça os planos e ataca com uma coragem digna de melhor causa.

A conversação se prolongou sobre esse thema durante bastante tempo, até que o policia se levantou para se despedir.

— Peço-lhe, senhor, que fique até a chegada de meu pae. Recebemos tão pouca gente em nosso selvagem isolamento, que a visita de um estranho lhe causará grande prazer.

— Impossivel. Meus homens esperam-me.

— Seus homens!?... Então commanda alguma patrulha?

— Com effeito. Ando vinte e quatro horas á frente delles. Estarão aqui amanhã cêdo e devo encontrar-me com elles para indicar-lhes o caminho que têm a seguir.

— Nessas condições, já não o deixarei partir. Seus homens o encontrarão aqui e nada o obriga a ir ao seu encontro. O senhor esperará meu pae, e jantará comnosco. Mas, ainda não me apresentei: Rosita Alcantara, que tem todo o prazer em fazer-lhe as honras da casa.

Deante de tanta graça e distincção, o detective cedeu pela segunda vez, fiando-se no faro de seus homens para encontrál-o. Quando Rosita voltou, annunciou que seu pae não tardaria. Este entrou, poucos instantes depois, no salão, e se inclinou attentamente para o visitante. Era um homem alto, de pelle bronzeada e barba negra e brilhante. A dona da casa mandou servir chá e doces.

O senhor Alcantara contou que, segundo rumores circulantes, Mario Lorena fôra visto em um claro do bosque, a quatro milhas da fazenda.

Após o jantar, o detective se despediu dos donos da casa, que lhe estreitaram amistosamente a mão, convidando-o a voltar e a passar uns dias na fazenda.

Rosita acompanhou Manuel até o portão do jardim e entregou-lhe um enveloppe fechado, dizendo:

— Si me dá sua palavra de honra de que só abrirá este enveloppe quando estiver com seus homens, eu lho confiarei.

— Tem minha palavra de honra, senhorita — respondeu Gottorm.

E, mettendo a carta no bolso, cumprimentou cortezmente Rosita de Alcantara e montou a cavallo.

Duas milhas distantes, quando já ia desembocar no claro onde pensava se encontrar com seus homens, Manuel ouviu um ruido estranho e, detendo-se, aguçou o ouvido.

A calma era absoluta. Mas, de repente, ouviu um assobio, e sentiu uma corda rodear-lhe o corpo, amarrando-lhe os braços e as pernas. Manuel acabava de ser laçado como uma rez no campo. Debalde procurou puxar seu punhal, para cortar as cordas que o privavam de movimento; não teve tempo de o fazer. Em alguns segundos se viu atirado ao chão e alguem, com o rosto mascarado, se inclinou para elle e aproximou uma esponja de seu nariz.

A partir desse momento, Gettorm perdeu os sentidos. Quando os recobrou, sem poder comprehender o que havia succedido, o detective se viu extendido no solo, em um pequeno mosque, á entrada de Marietown.

Fôra roubado? Não: seu *mustang* estava amarrado a uma arvore proxima, e não haviam desapparecido seu relogio e sua carteira.

Lembrou-se, então, da carta que a joven Rosita lhe entregára na vespera, e, rasgando o enveloppe, pensou que encontraria dentro o segredo de sua aventura.

E, num pedaço de papel dobrado, Manuel leu:

"Affectuosas saudações de *Carmelina Lorena*"

O detective, a um tempo furioso e admirado de ter sido enganado tão bem, jurou vingar-se. Na manhã seguinte, organizou uma nova expedição, que, chefiada por Gottorm, se lançou na pista de Lorena e sua filha.

Mas qual não foi o seu espanto quando verificou que, no local onde se erguia a fazenda de Lorena, não havia nem rastros da casa.

MAX LUIRAIS

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 47

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 21 de Novembro de 1931

MULHERES QUE PASSAM...

E' facil comprehender a razão pela qual Alfred de Musset dizia ser de nôjo a ultima impressão que guardava da infiel George-Sand (Musset foi traído por ella).

Cada mulher que amamos deixa em nossa vida uma impressão distincta e diversa.

Ha umas que passam vividas, como um diamante sobre a supercifie de um vidro: rasgam-nos o coração. Sabemos que ha nelle uma ruptura, uma dolorosa ferida. Nós, porém, na esperança de que ella sáre, perdoamos á ingrata o gesto máo e perverso — porque, de certo, nos recordamos de que esse gesto deixou uma chispa fulgindo, viva e dourada, para a nossa saudade... Ha outras que fogem e se apagam depressa como uma estrella que morre. Perdemo-la? Pouco importa! Não na devemos chorar. Como os astros defuntos, a luz do seu amor perdurará, por muito tempo, a illuminar-nos a alma. E' uma luminosa impressão.

Notemos que ha mulheres parecidas, no caso, com certas flores odoriferas, cujo perfume é, no entanto, activo e enfadonho, como o do resedá. E ha outras que são inodôras. Lembram a sempre-viva.

Algumas são pérfidas como a onda — no dizer de Shakespeare.

Direi, para reforçar a imagem do genio inglez: pérfida como as gatas.

Estas nos deixam, quasi sempre, a impressão da volubilidade das vagas e a sensação de arranhaduras de unhas, que ardem e reclamam liquido Dankin.

Ha dias, certo amigo me fazia vêr que havia mulheres curiosas.

—"Por que?

—Lembram uma coisa que não parece mulher.

—Essa é bôa!

E elle:

—Dão a idéa de um catavento..."

Si attentarmos bem na comparação, veremos que ha, realmente, algumas Evas que, ao sairem de nossa vida, a recordação que nos deixam é a de uma coisa rodante, giratória, inquieta e voluvel.

Ha, portanto, creaturas que passam por nossa vida, e fazem pensar em fulgores de diamantes, em refulgencias de estrellas, em perfumes, em gatas e ventoinhas. E as que nos suggérem uma arara e a estupidez de uma phoca? Não são difficeis de encontrar.

Mas, certamente, nenhuma se compara ás que passaram pelo nosso amor e só nos dão a idéa de que fôram broncas, rudes, insipidas, quadrangulares como um parallelepipedo.

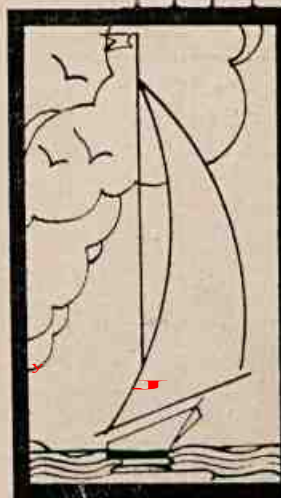
Ah senhores! Destas é um peso tão grande que nos fica!... Peso na consciencia, peso no coração, peso no passado, na vida e na bolsa. Um peso inútil, finalmente.

BASTOS PORTELA

CREAÇÃO JEAN PATOU.

«Canot-Club». Pantalon en lainage granité blanc. Blouse en crêpe de chine. Jaquette de jersey marine. Cinture bleu [illegible]

(PHOTOS ESPECIAES PARA "FON-FON")

CREAÇÃO JEAN PATOU.

«Canot-Club». Pantalon de lainage blanc granité. Blouse de crêpe de chine. Jaquette de jersey marine.

A proposito de mulheres

ERAMOS tres, como no poema de Olegario Marianno: o Balbi, o Padua de Almeida e eu. O assumpto? Mulher.

Quando tres mulheres se reunem, o assumpto de que tratam gyra sempre em torno destes themas obrigatorios: a belleza de cada uma dellas e a fealdade das demais; a indignidade dos homens (para ellas todos os homens são iguaes) e os figurinos da estação. Quando, porém, são tres homens que se encontram, elles não falam senão em dinheiro e mulher.

Ora, nós já haviamos tratado do "vil metal". (Vil, si elle passa para o bolso alheio). Falavamos, portanto, das filhas de Eva, quando o louro poeta notou:

— A mulher só nos é grata num certo caso...

— Qual? — indagou o Balbi, curioso.

(Balbi é graphologo. Tem a mania de estudar a alma feminina, através da graphologia).

— Quando precisam de nós — tornou Padua.

Concordei com um gesto de cabeça, e declarei por meu turno:

— Aliás, essa maneira de ser grata é um simples embuste dellas. Emquanto dependem de nós, fingem que nos são gratas e que nos saberão recompensar com a sua "eterna amizade", a sua sympathia, etc. Desde, porém, que se apanham servidas...

— A sua "eterna amizade" se volta para um terceiro... a quem ellas nada devem e de quem nada esperavam...

Balbi interrompe:

— E' o eterno espirito de contradicção feminina.

— E' por isso — adeantei — que não lhes pretendo mais ser util, desta ou daquella maneira.

Padua de Almeida riu-se, com aquelle seu modo ironico e macio. — Todos nós intellectuaes havemos de ser-lhes uteis — mesmo que o não queiramos. Basta que a nossa penna se occupe dellas... Só isso é ser-lhes util... Os homens de letras hão de ser eternos "coronéis" das filhas de Eva.

Balbi sorria, manhoso. E contou-nos um caso em que elle, como bom negociante que é, demonstrou saber cobrar a sua commissão, adeantadamente, em qualquer transação que resulte lucrativa para esta ou aquella.

Padua, o poeta de "Minha Sombra", opinou:

— E' o processo mais seguro para evitar o "coronelato"...

— E o "bluff" — ajuntou Balbi.

— Pois olhem — disse eu — até aqui, só tenho feito na minha vida o "coronel".

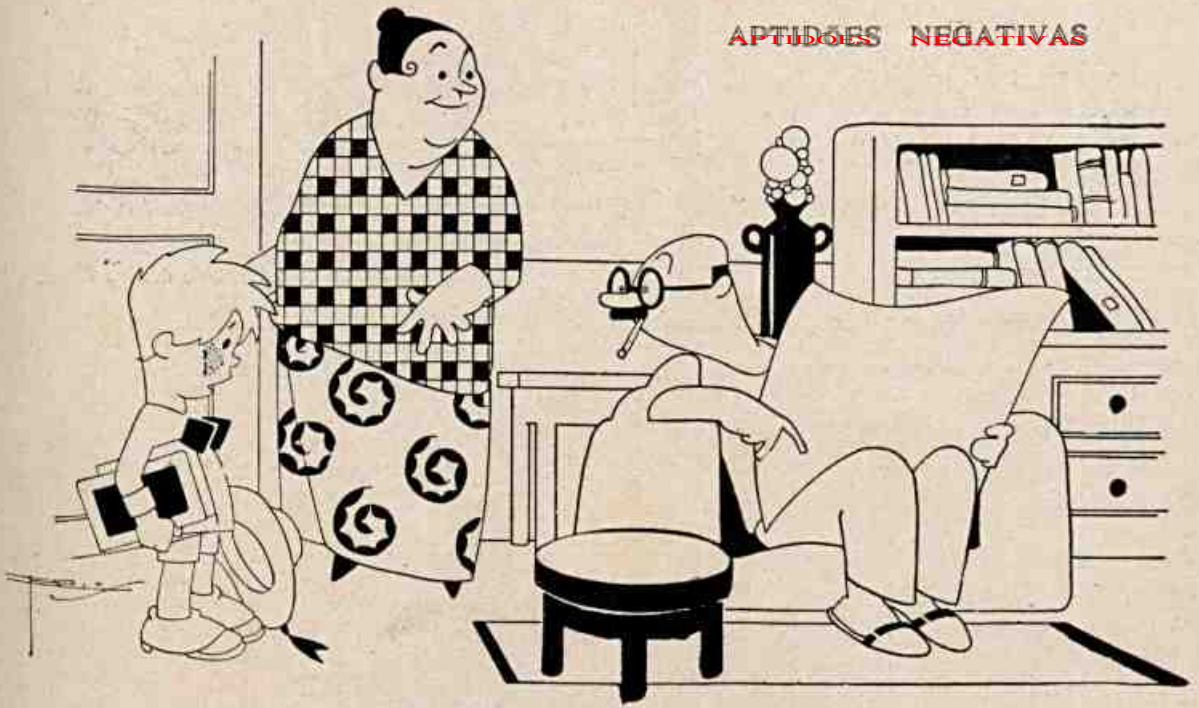
E rematei:

— E em materia de gratidão, levo sempre o calóte...

Yvks

BELLEZA CEARENSE

Os olhos negros da senhorita Aliete Papi estão olhando os admiradores da sua belleza tropical de brasileira do Norte. A senhorita Aliete é filha do grande romancista Papi Júnior e reside em Fortaleza, de cuja sociedade é figura de destaque, pela sua graça leve e pela sua brilhante intelligencia.

APTIDÕES NEGATIVAS

Mãe. — Sabes uma coisa, Evaristo? O Tóquinho mudou de classe.
Pae. — Mudou?
Tóquinho. — Sim, sinhô. Passei da segunda pr'a premera, tra veiz.

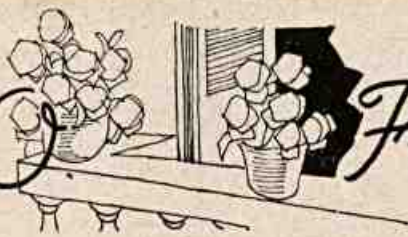
"NÃO TARDES!"

E' este o titulo da ultima composição de Gastão Lamounier. Valsa-canção, com letra de João d'Aqui, a nova musica do conhecido compositor patricio está destinada, como todas as de sua lavra, ao mais franco successo nos salões cariocas.

Repassada de um sentimento muito delicado, impressiva pela sua melodia encantadora, *Não tardes!* é uma valsa que se ouve a primeira vez fica, naturalmente, embalando os nossos sentidos.

E' ella offerecida ao nosso companheiro Martins Capistrano, a Mancio Teixeira, poeta de sensibilidade fina, Rafael Barbosa, outro espirito scintillante, e Orestes Barbosa, cujo nome brilhante dispensa qualquer referencia.

Não tardes! acha-se á venda em todas as casas de musica desta capital e dos Estdos.

Afim de homenagear o commandante e officialidade da fragata «Presidente Sarmiento», bem como os jovens guardas-marinha que viajam a bordo do bello navio-escola da Armada argentina, o embaixador Mora y Araujo e a sra. embaixatriz da Argentina abriram, segunda-feira á tarde, os salões do palacete da rua Senador Vergueiro, para uma elegante recepção, que teve um cunho de alta distincção, comparecendo pessoalmente, entre outras figuras do governo brasileiro, o sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco.

MINHA SUAVE ILLUSÃO...

— ESCUTA: se viesse a acceitar o teu amor, a crer em ti, nas tuas palavras, nas tuas promessas, em tudo que me dizes, agora, com tanto calor, com tanto enthusiasmo, com tanta confiança em ti mesmo e na tua propria illusão, que seria eu na tua vida?

— O sagrado refugio da minha consolação, da minha paz, da minha felicidade.

— Da tua felicidade... E se, mais uma vez, como as outras mulheres que já amaste, eu fosse apenas não a realidade mas a illusão dessa felicidade?

— A realidade da minha felicidade? Mas, meu amor, realdade e felicidade são dois termos que se repellem, que se não fundem, porque um annulla o outro...

— Como? Então não pode haver felicidade na realidade plena do amor? A realidade da felicidade...

— E' uma mentira...

— Uma mentira? Por que, não me dirás?

— Porque felicidade só ha uma: a que palpita e vibra na suave caricia de uma illusão.

— Não ha, então, felicidade fóra da propria illusão da felicidade?

— Não, querida, não. Porque é da essencia mesma da felicidade que ella viva das illusões que semeia, prodigamente, nas terras que o coração deseja, sem nunca alcançá-las de todo...

— Sem nunca alcançal-as, sem nunca attingil-as? Não te comprehendo, não. E o amor? A realização do amor e de todo o desejo que o condiciona?

— E' uma realização de felicidade dentro da illusão.

— Dentro da illusão?...

— Sim, querida. Porque só a illusão realiza a felicidade e empresta ao amor a força das coisas indestructiveis que vivem uma eternidade, mesmo dentro de um minuto.

— Eu serei, então a tua "eternidade" de um minuto?

— Não. Porque serás a eternidade da minha illusão, de todos os minutos da felicidade que me trarás com o teu amor...

— Amor... Felicidade... Illusão...

— Vida...

— Sim. Vida. A vida é assim...

— Um sonho a viver...

— Emquanto é sonho...

— Emquanto amor...

— Emquanto é illusão...

A CANÇÃO DO TEU BEIJO

MEU, amor prometteste-me um dia, cantar-me, em surdina, a canção do teu beijo. Mas, os dias, as semanas teem passado, sem que a canção garôta do teu beijo traga aos meus labios sequiosos a festa de aguas frescas da sua caricia musicada.

Lá fóra, sob o velario illuminado da noite, os violões vagabundos, traduzem, na dolencia dos seus rythmos, os anseios da minha volupia sentimental.

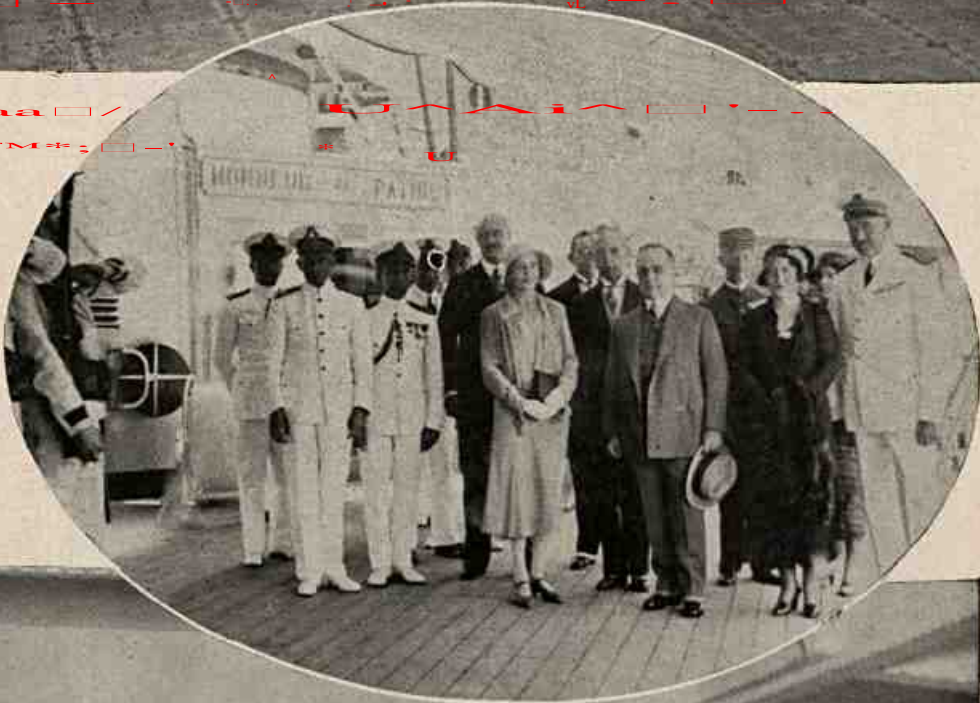
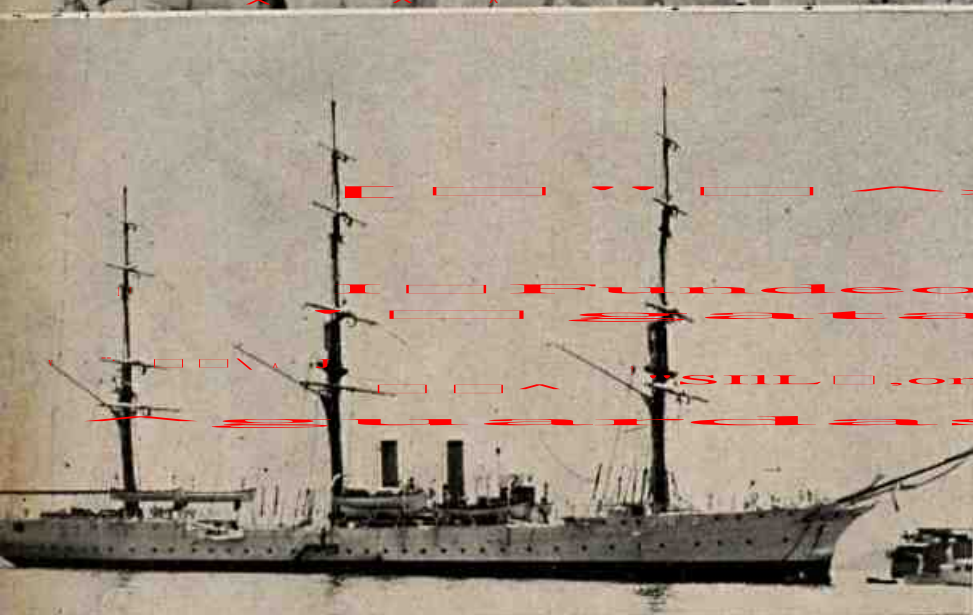
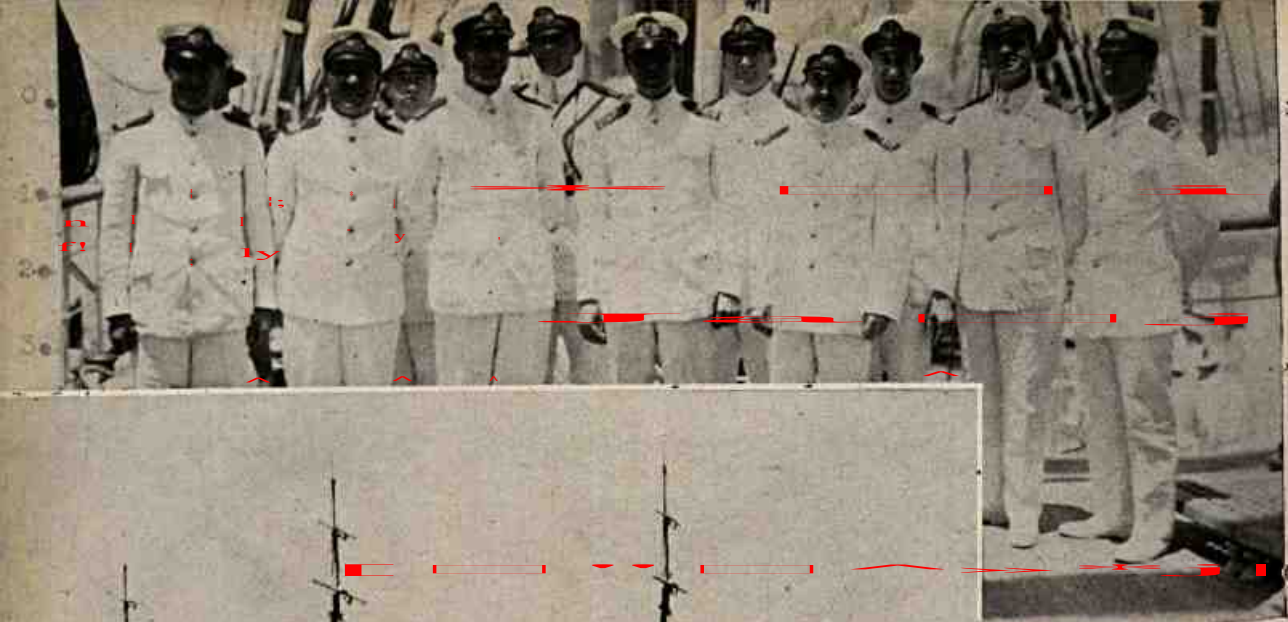
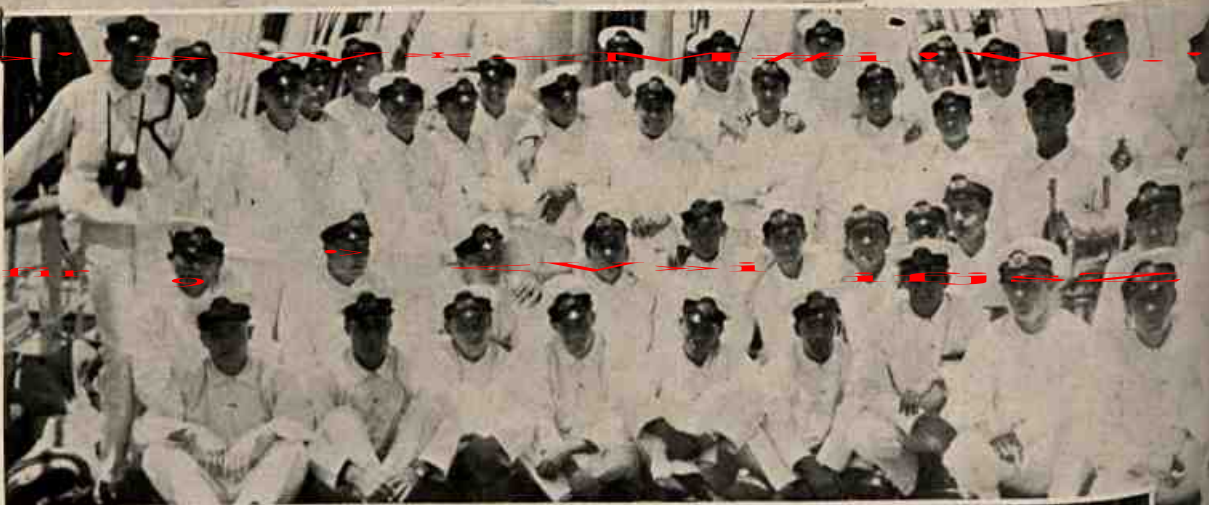
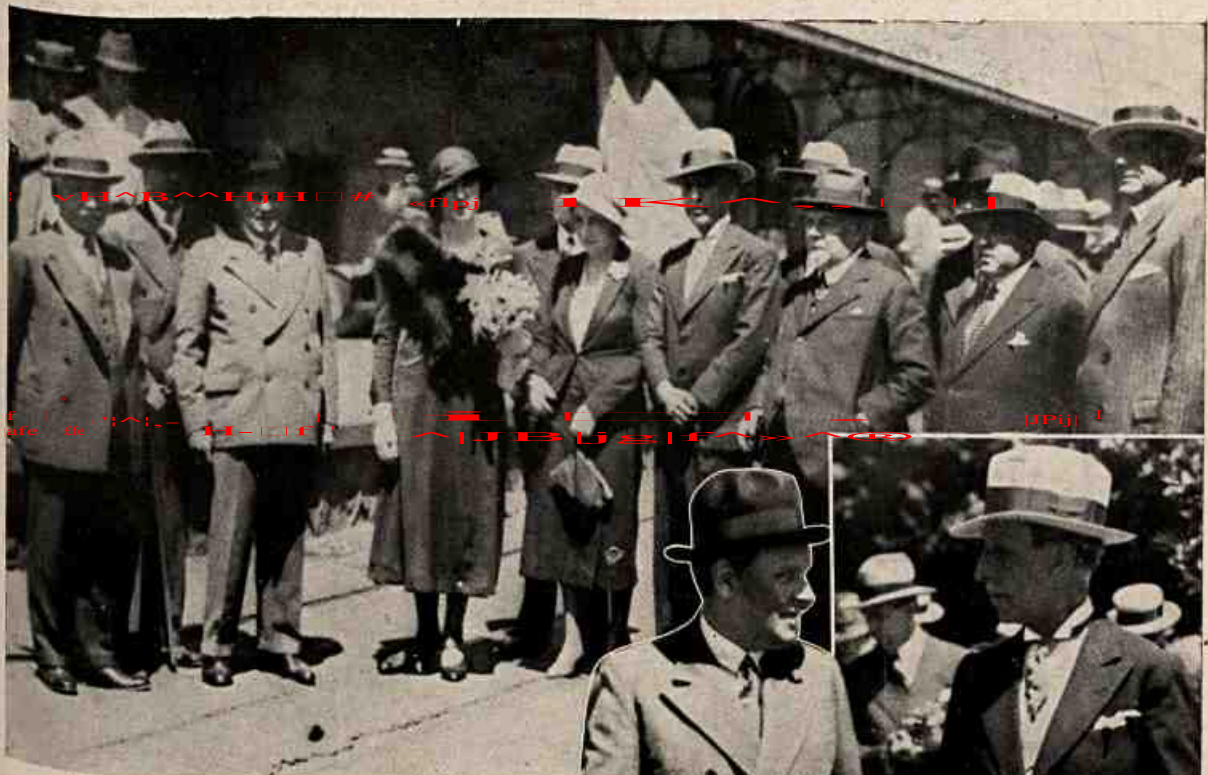
Se viesses... Se chegasses agora, para cantar, em surdina, nos meus labios em febre, a canção brejeira do teu beijo garôto?...

Mas, não vens e os violões vagabundos na dolencia dos seus rythmos, que se perdem ao longe, synthonizam em minha alma uma cavatina de saudade...

HELIANTHO

LETRAS FEMININAS

Ilná Pontes de Carvalho é uma poetisa victoriosa. De longe, do extremo-norte, lá, do seu Pará, ella nos chegou a cantar, trazendo-nos, com a sua mocidade radiosa, com o seu talento e o seu enthusiasmo, o faustoso e magnifico esplendor da sua emotividade tropical. E, na sua poesia colorida, forte, suggestiva, Ilná, nos remigios altaneiros de sua alma, ou em palpitações suavissimas de azas á flôr d'agua, é de um lyrismo encantador. Emociona. Exalta. Enternece. Nos seus poemas parece palpitar e vibrar a alma mesma, mysteriosa, profunda, immensa da selva immensa da Amazonia. Aos rythmos desconcertantes, desordenadas, selvagens, da Terra, nem sempre bem «sentida» e comprehendida, a poetisa paraense empresta, porém, a estranha e fascinante musicabilidade de seu proprio ser para nol-os offerecer modulados na harmonia magestosa de seus versos. «Terra-Amante do Equador» é, assim, um livro de estréa e a consagração — de um peregrino e encantador espirito de mulher. — Como a mulher-feitiço que ella canta, a poesia de Ilná tem algo de sortilegio, de magia, daquella «griserie du mot et du rythme» que faz o encanto dos poemas de Emmanuel Signoret. Embriaga. Entontece. Fascina. Tem feitiço...

No alto: grupo das pessoas que tomaram parte no almoço offerecido pelo ministro da Marinha, aos officiaes dos cruzadores «Jeanne d'Arc» e «Durban». Ao centro: o chefe do governo provisorio e sra. Getulio Vargas a bordo do «Jeanne d'Arc», na manhã em que ali foram homenageados, com um almoço. Em baixo: os convivas do banquete com que a sociedade belga desta capital commemorou, o 13.º anniversario do Armisticio.

Fundeou na Guanabara, sabbado ultimo, a fragata «Presidente Sarmiento», que volta de longo cruzeiro de instrucção, conduzindo uma brilhante turma de guardas - marinha argentinos. O commandante do navio-escola da Armada platina foi cumprimentado a bordo pelos representantes das altas autoridades brasileiras, e visitou, na tarde daquelle dia, o ministro das Relações Exteriores.

O CHANCELLER URUGUAYO NO RIO

Num gesto nimiamente captivante, a Republica do Uruguay enviou-nos o illustre estadista, dr. Juan Carlos Blanco, ministro das Relações Exteriores daquelle paiz amigo, afim de apresentar ao chefe do governo provisorio as saudações do povo da vizinha Nação, por occasião da passagem da data de 15 de Novembro. O dr. Juan Carlos Blanco teve, assim por parte do governo, como do lado da sociedade carioca, uma recepção festiva e carinhosa, o que veiu demonstrar, mais uma vez, os fortes laços de amizade que unem uruguayos e brasileiros. Um variado programma de expressivas homenagens ao illustre visitante foi cumprido á risca, durante a breve estadia de s. ex. e de sua comitiva, entre nós. A nossa pagina fixa um aspecto do desembarque do eminente chanceller uruguay, que ahi apparece tambem num instantaneo ao lado do seu collega brasileiro, dr. Afranio de Mello Franco, e quando visitava o ministro das Relações Exteriores, no palacio do Itamaraty.

O coronel Pantaleão Pessoa, actual interventor federal no Estado do Rio de Janeiro, é uma das figuras mais brilhantes e prestigiosas do Exercito nacional, onde tem conquistado situações do maior relevo pela sua alta capacidade e cultura.

COCAÍNA

A razão existe emquanto não apparece o amor.

*

A força dos tyrannos repousa na covardia dos homens.

MARION

O MENSAGEIRO DO CÉO

O Amôr é o mensageiro do Céo na Terra.

E' o mensageiro de azas de porcelana que todos recebem de braços abertos...

E' o mensageiro sublime que todos veneram e respeitam, porque sabem que elle traz felicidade...

Incansavel, esse mensageiro vae de porta em porta distribuindo as dádivas de que é portador...

A's vezes, numa molecagem propria da sua idade, elle abre o envelloppe, guarda o conteúdo, e entrega-o vazio... Muito tempo depois, volta e, de surpreza, atira a carta roubada aos pés da victima...

Esse mensageiro vae do Equador aos Pólos; sente-se tão bem sepultado sob os gelos inclementes como entre labaredas crepitantes...

O Amôr é a virus hereditária da Vida.

Nem as guerras, nem os cataclysmas conseguiram sepultar esse valoroso mensageiro sob os seus escombros. Elle permanece incólume, magnífico, prodigio perenne de emoções...

Sim! O Amôr é um prodigio perenne de emoções!

O Amôr renova, diariamente, o milagre dos peixes e dos pães.

Pródigo, dá o que não tem; Mesquinho, tira o que não deu...

Esse mensageiro tem relações directas com o coração. O coração é o seu cumplice mais ardiloso, o seu servo mais obediente, o seu escravo mais fiel. Mal o Amôr se faz annunciar, o coração indaga, pressuroso: "Senhor, Senhor, deseja alguma coisa? Faça de conta que está em sua casa".

A certas creaturas, o Amôr ensina a resignação, o perdão e a felicidade.

A outras, elle ensina o vicio, a cocaína, o opio.

OS NOSSOS DIREITOS

A macacada toda estava reunida na garçonnière da senhorita "Biscoito", onde se discutia a decadencia vertiginosa do antigo sexo forte.

A mulher de hoje absorve tudo e tem ainda, a seu favor, concursos de belleza, concursos de sombrinhas, concursos de pyjamas, etc. etc...

De Concnita Cid

jogos, os prazeres prohibidos, a devassidão, emfim...

O Amôr é um astro que queima quando procura illuminar...

Amôr! Eu te sinto em mim, em todas as creaturas, em toda a natureza!

A sábia e augusta humanidade curva-se para seguir o teu rastro luminoso!

Quando tu te aproximaste de mim, sem que houvesse um motivo de temor, causaste-me um sacudimento involuntario de nervos, como si a carne se agitasse, ella só, ao annuncio da morte...

Eu te presenti em sonhos, e em sonhos me rendi ao fascínio do teu olhar sanguinario, immovel e vidrado...

Uma força irresistivel de attracção debilitou o meu corpo e adormeceu a minha alma.

Foi quando tu penetraste em mim, e entregaste ao meu coração o enveloppe fechado da felicidade...

E, até hoje, eu ainda não tive coragem bastante para abrir esse enveloppe... Si eu tivesse certeza de que a felicidade está alli dentro mesmo...

Mas, si não estiver? E' melhor não abrir. Viverei na certeza de que o meu coração guarda uma folha de felicidade... E terei, assim illudida, um pouco dessa felicidade... Por que, afinal, que mérito teria a Vida, si a felicidade se tornasse uma realidade?

O Amôr é uma hostia sagrada que, para purificar, destróe...

O Amôr é como o vapor dagua: precisa de uma caldeira e de um bom machinista para ser aproveitado...

O Amôr... O Amôr... O Amôr... E' bem o mensageiro do Céo na Terra...

DIPLOMACIA

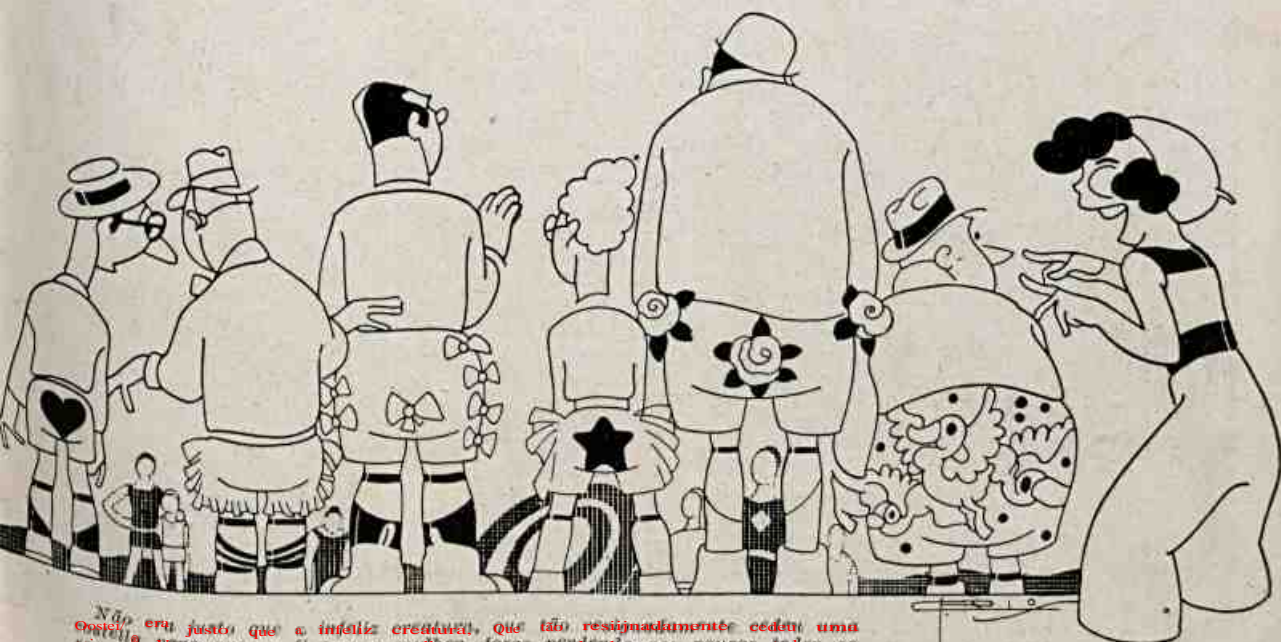
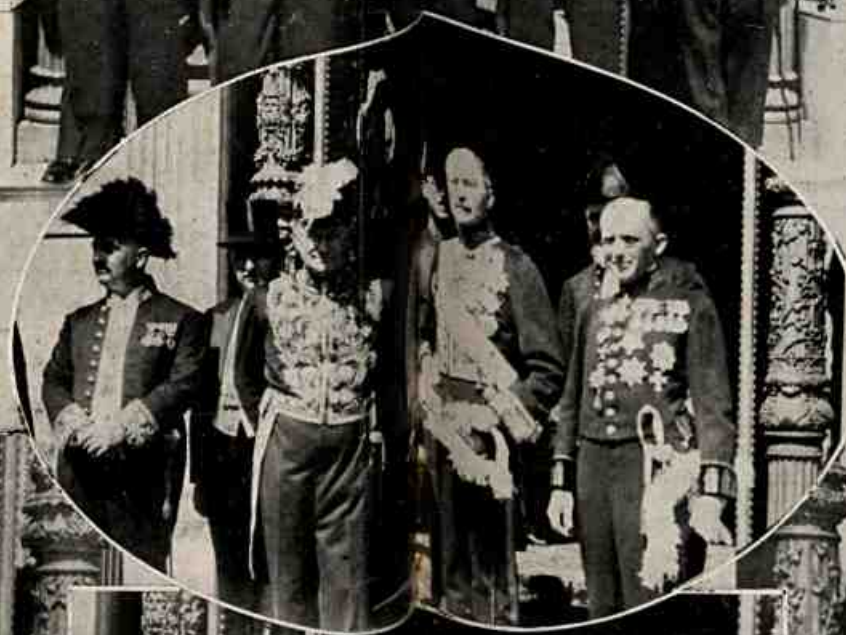
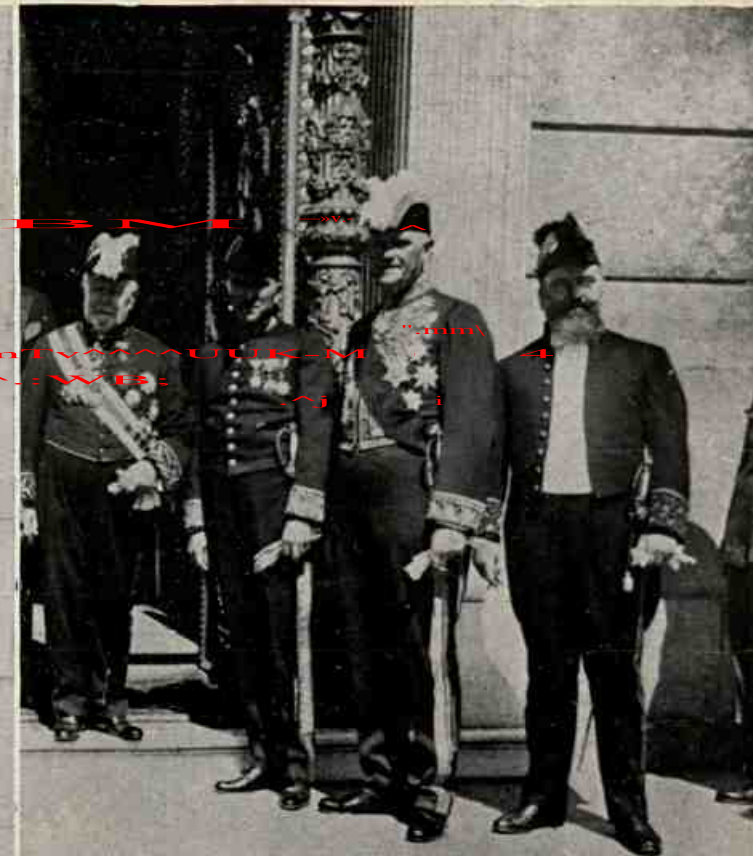
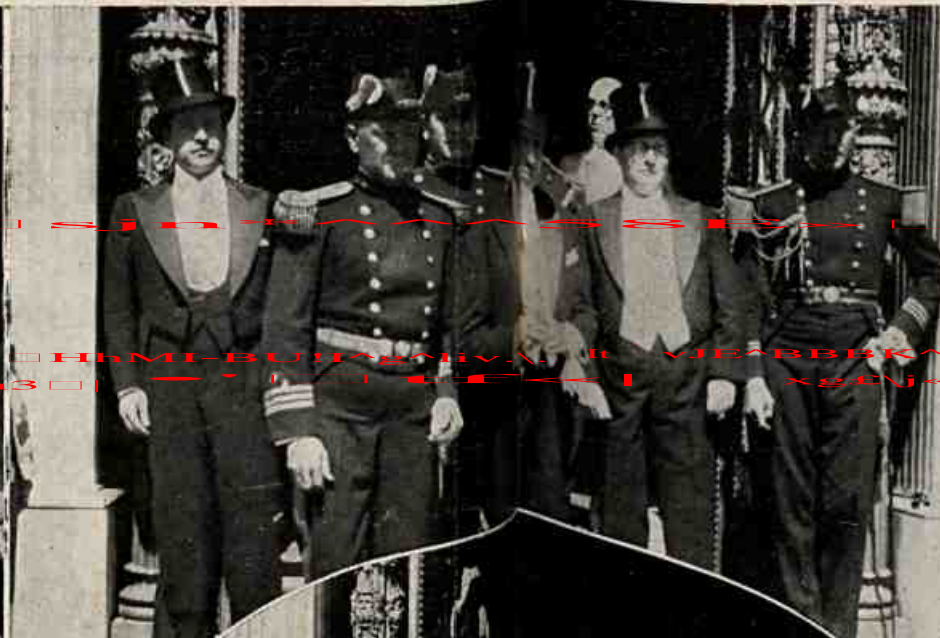
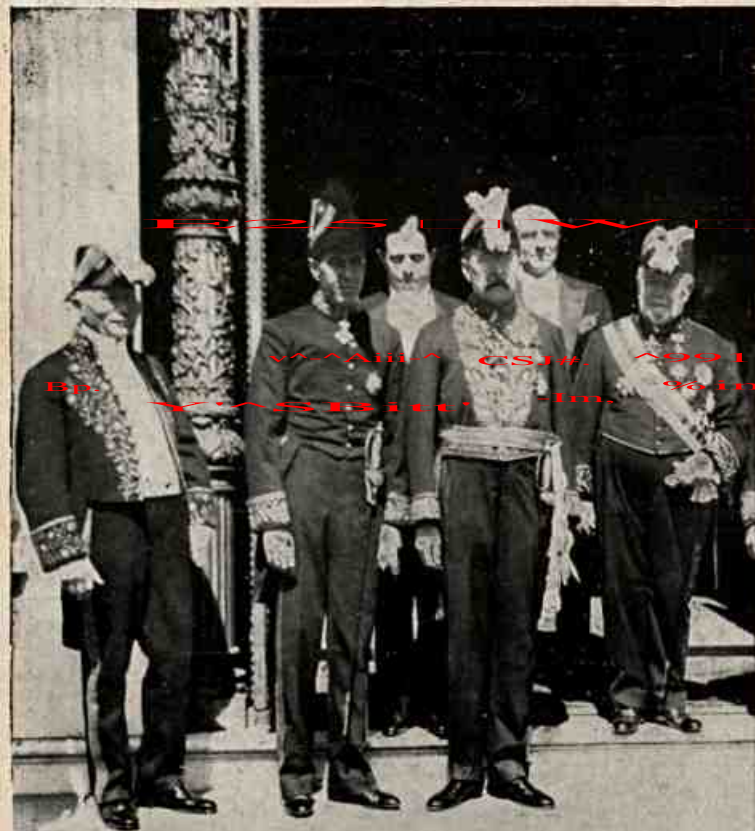
S. ex. o sr. Albert Kemmerer, novo embaixador da França no Brasil, que chegou domingo passado a esta capital e é figura de real destaque no corpo diplomatico e na sociedade de seu paiz. Terça-feira á tarde, o substituto do conde Dejean foi recebido, em audiencia especial, pelo chefe do governo provisorio, a quem apresentou as suas credenciaes.

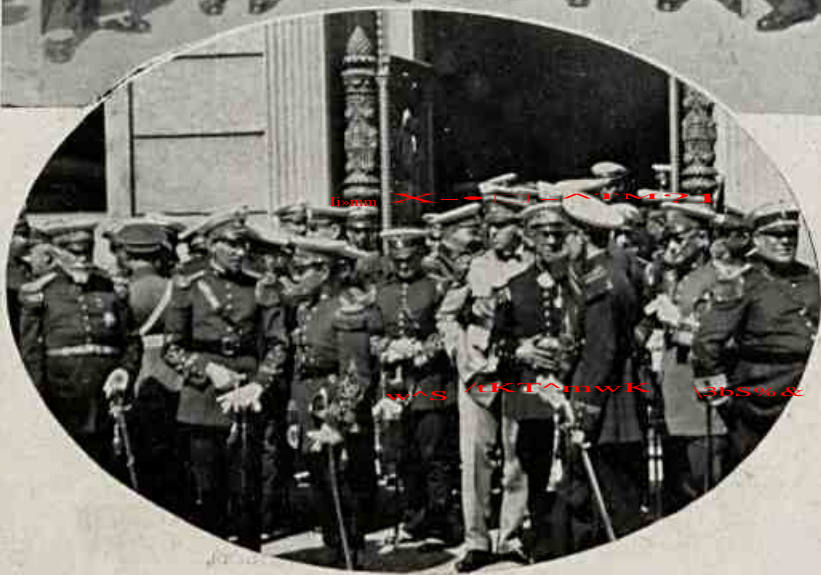
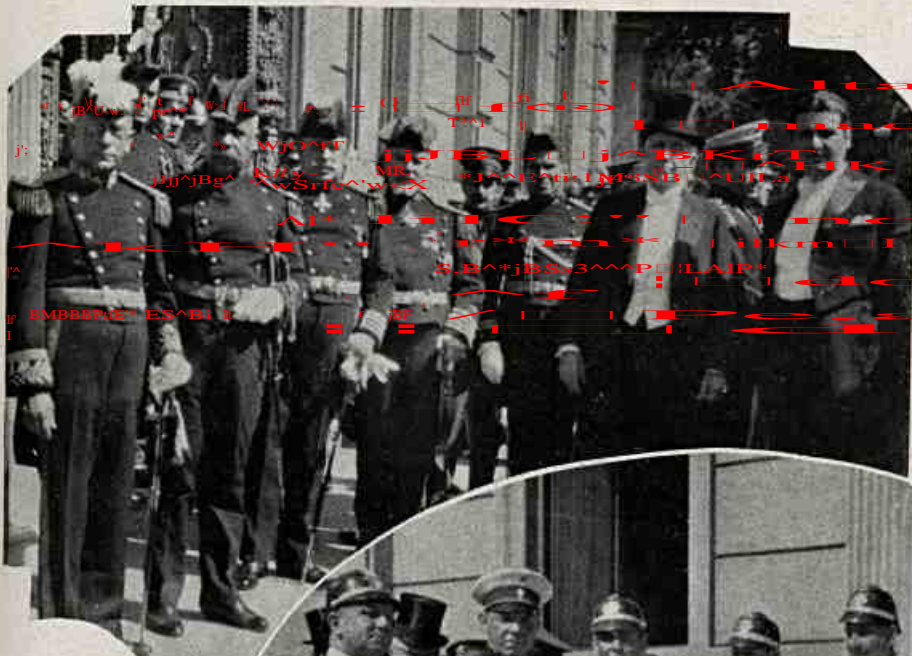
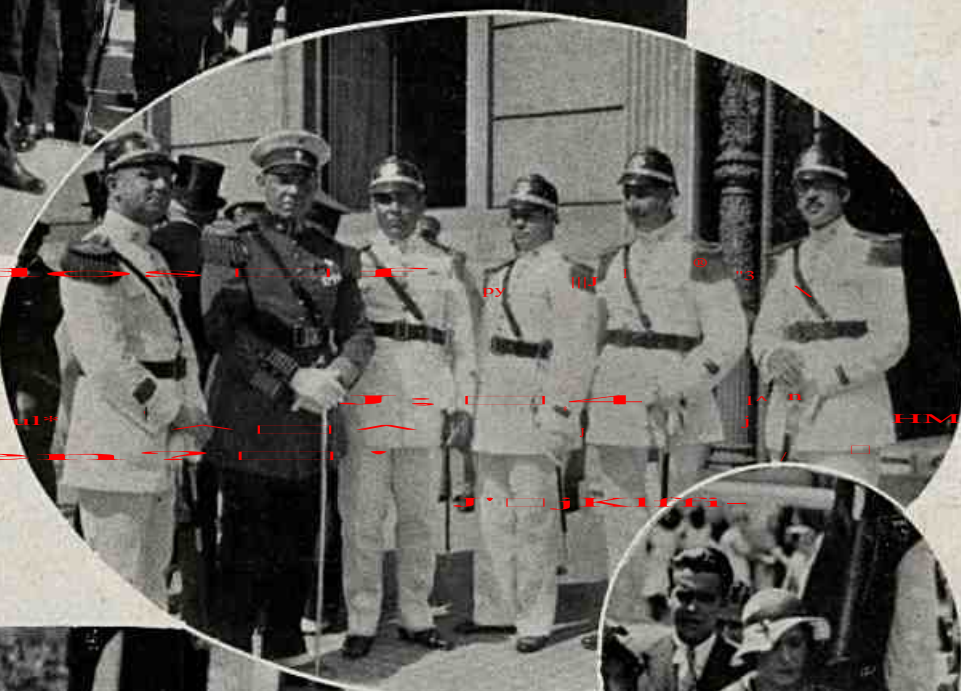
COCAINA

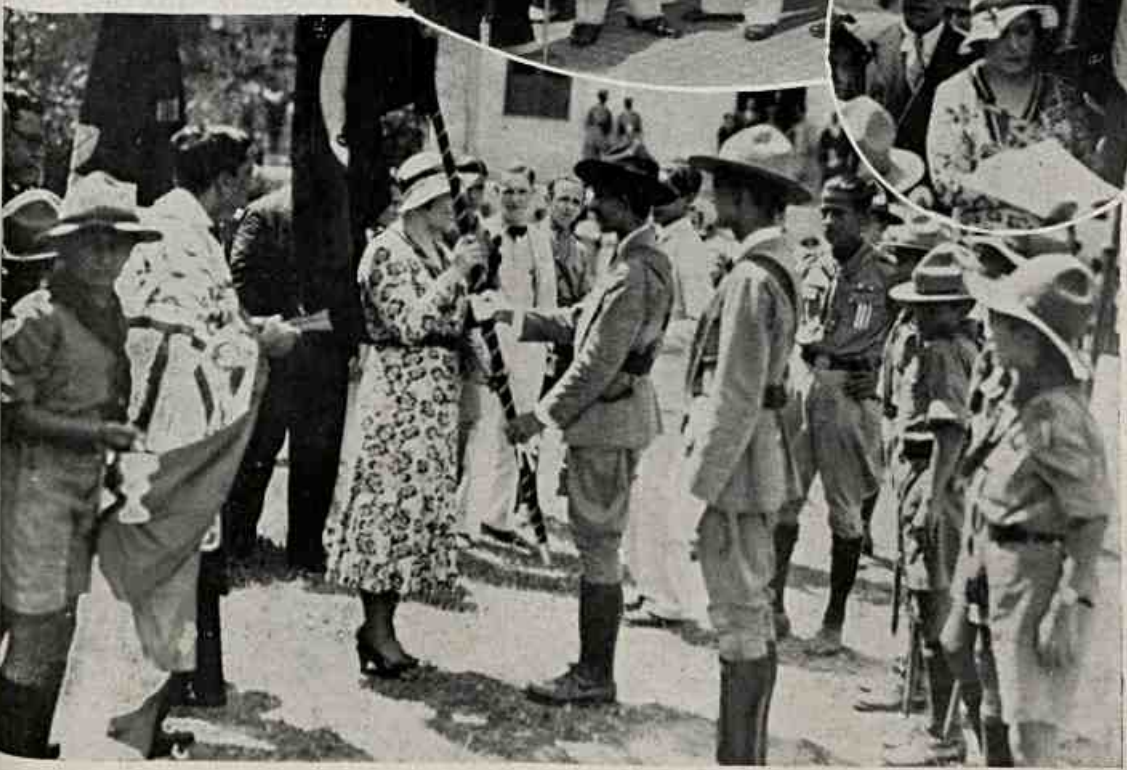
Só agradam os que sabem dessimular.

*

A verdade foi inventada para illudir os tolos.

Marion

Não era justo que a infeliz creatura, que tão resignadamente cedeu uma costella para que se fizesse a mulher, fosse perdendo aos poucos todos os direitos. "Biscoito", então, propoz e vae levar a effeito um concurso de cuecas...

A DATA DA REPUBLICA E A RECEPÇÃO NO CATTETE

O 42.º anniversario da proclamação da Republica foi officialmente commemorado este anno apenas com a recepção que o chefe do governo provisorio offereceu, domingo passado, no palacio do Cattete, ao corpo diplomatico estrangeiro e ás altas autoridades brasileiras. Não houve a tradicional parada militar, nem outras solennidades de caracter official que sempre se realizam na data de 15 de novembro. A recepção, no Cattete, revestiu-se de grande brilho, iniciando-se pouco antes das 3 horas da tarde, com a audiencia especial concedida pelo dr. Getulio Vargas ao ministro das Relações Exteriores do Uruguay, dr. Juan Carlos Blanco, que foi o primeiro diplomata estrangeiro a apresentar cumprimentos ao presidente da Republica. Em seguida, foram recebidos os representantes dos demais paizes acreditados junto ao nosso governo, realizando-se a ceremonia protocolar no salão de honra do Cattete. O dr. Getulio Vargas estava alli acompanhado de todos os ministros de Estado e membros das casas civil e militar de s. ex. Os flagrantes desta pagina mostram os diplomatas estrangeiros após a recepção, quando deixavam o palacio presidencial.

Terminada a audiencia ao corpo diplomatico estrangeiro, o chefe do governo provisorio recebeu, ainda no salão de honra do palacio do Cattete, os representantes das classes armadas, que foram levar a s. ex., cumprimentos pela data da Republica. Tambem os membros da Missão Militar Franceza ali estiveram, acompanhados de altas patentes do exercito, tendo sido recebidos pelo presidente Getulio Vargas.

Altas patentes da Armada e officiaes do Corpo de Bombeiros que estiveram igualmente, domingo ultimo, no palacio do Cattete, onde apresentaram cumprimentos ao chefe do governo provisorio, pela passagem de mais um anniversario da Republica.

A Associação dos Escoteiros Catholicos de S. João Baptista da Lagoa commemorou a data de 15 de novembro e o seu 14.º anniversario com uma brilhante cerimonia civica, realizada domingo passado, em sua sede social, á rua Voluntários da Patria, com a presença da exma. sra. Getulio Vargas, esposa do chefe do governo provisorio.

TRELAÇÕES

A pequena Yvonne H. Stevens, filhinha do dr. George C. Stevens e de d. Olga H. Stevens, «posando» para o photographo, na varanda de seu «bungalow»...

O nosso amigo escriptor está passando por uma violenta crise sentimental. O amôr é coisa ruim, diz elle nas horas de tédio, quando lembra as alegrias do passado e sente a desoladora realidade presente, vazia, árida, sem o encanto de um sorriso feminino.

Não havia motivo sério para que a dôce figurinha do seu sonho de amôr partisse, não mais lhe proporcionando o conforto das suas palavras untadas de mél, a caricia dos seus lindos braços amorosos, a certeza da felicidade...

Mas, si ella queria partir para sempre, para outros lados, para novos amores, não devia alimentar a esperança do nosso amigo, promettendo-lhe a volta de melhores dias...

Não devia procurar o telephone, nem modular ao ouvido do rapaz a cavatina enganadora que o tortura, porque elle ainda não esqueceu nem esquecerá a belleza das manhãs passadas ao calor do sol de Copacabana e das tardes que os dois viveram longe do mundo...

E' um martyrio que o nosso amigo não merece.

Ella tem o direito de esquecer tudo, mas, não deve martyrizar quem acreditou na falsa promessa de um amôr mentiroso...

O sympathico negociante sabe agora o que representa uma *italiana* na vida de um homem... Uma fantasia cara, tão cara que póde abalançar o credito de uma casa commercial. Começou como começam todas as coisas da vida: ao acaso...

Romulo é o galante filhinho do nosso confrade Rubens Falcão, inspector escolar no Estado do Rio, e de sua exma. esposa, d. Annette da Cunha Falcão.

O negociante pensou que tinha impressionado pelo seu physico, o que está muito de accôrdo com a sua vaidade.

A *italiana* devia ter pensado da mesma maneira, porém, a vaidade de uma mulher é um espelho de surpresas...

Elle foi *na onda*, ao embalo do sonho de uma noite de verão...

Amou, deliradamente, sem medir consequencias, fascinado pelos olhos quentes da linda mulher, a tal extremo levado pelo seu enthusiasmo, que os negocios commerciaes ficaram relegados a um plano inferior, secundario.

O resultado não se fez esperar...

Quando sentiu que mal podia attender aos caprichos da figura tentadora dos seus dias, experimentou forte abalo, tão forte que viu partir, para logar ignorado, a deusa tutelar, a sua propria vida.

Foi feliz, ainda, na sua desgraça.

A *italiana* fugiu, mas o sympathico negociante vae salvar o credito ameaçado da sua casa de...

Não convém revelar o segredo, que é a alma dos negocios...

A pequena, quando seguiu para S. Paulo, agazalhava, na cabecita linda, uma quantidade de sonhos, de projectos, cada qual o mais phantastico.

O fazendeiro parecia disposto a fazêl-a feliz lá pela terra do café.

Um *bungalow*, uma *limousine*, para começar...

Depois, viriam as joias, os depositos de banco, e tudo o mais.

A pequena podia até acabar tomando conta da fazenda, pois elle parecia estar devéras preso pelo beicinho...

O *trem azul* conduziu ambos á Paulicéa. Mas ella não demorou muito por lá, e agora quasi voltou de *expresso*.

A crise do café é um facto.

O tal paulista perdeu a fazenda e o geito de viver na companhia das lindas garotas que não se satisfazem apenas com carinhos...

E quando as *notas* faltam, o *duo* desafina na certa...

Dulcinha, filha do dr. Jacintho Scorza e de d. Eugenia Leite Scorza, residentes em Lavras, na photographia tirada em Cambuquira.

O grande baile commemorativo do 63.º anniversario do Club Gymnastico Portuguez foi uma festa que honrou as tradições daquella velha e prestigiosa sociedade. Além de decorrer num ambiente de fina distincção, teve o esplendor de uma festa cheia de brilho e animação, prolongando-se por toda uma noite de alegria mundana. O Club Gymnastico Portuguez inaugurou tambem, com essa reunião elegante, os melhoramentos que acabam de ser introduzidos em sua séde social, e a sua directoria cercou os convidados, notadamente os representantes da imprensa, de gentilezas que devemos consignar, com os nossos applausos.

DO DESPEITO

Ora, o despeito. Quem o não conhece? Quando virdes o insensato atribulado com a victoria do seu semelhante, ahi tereis um despeitado.

A gloria e o amor, a felicidade apparente, ou o simples vestigio de triumpho, têm o dom de amargurar o espirito contrariado do vencido. Certamente, perguntareis: qual o responsavel pela sua desdita? O destino, que o não ajudou a carregar, resignado e digno, a sua cruz de contrariedades. Não triumphou? Poderia, ao menos, ser nobre dentro da sua mediocridade. Elle, entretanto, não pensa acertadamente. Eil-o a desejar a quéda dos seus superiores em mentalidade e na propria educação domestica...

E' assim a alma do despeitado: nega os valores quando não se póde vingar de outro modo; persegue, quando um pedestal de areia consegue guindal-o ás alturas, emquanto um ligeiro sopro não o atira ao abysmo de onde nunca deveram ter sahido.

O unico serviço que nos proporciona o despeito é revelar o despeitado.

Alexandre Passos

A sciencia brasileira perdeu, com o desapparecimento do professor Carvalho Azevedo, um dos seus mais legitimos expoentes. Durante 43 annos de actividade clinica, o illustre gynecologista soube servir dignamente á sua classe, conquistando, ao mesmo tempo, pela bondade e pelo caracter, a admiração dos collegas e um sem numero de amizades. Foram seus internos muitos dos actuaes professores da nossa Faculdade de Medicina. No estrangeiro, especialmente na Europa, o seu nome era largamente conhecido e estimado. A familia que ora se enluta é, além disso, das mais illustres do Brasil. O fallecimento do professor Carvalho Azevedo, occorrido domingo passado, nesta capital, encheu de profunda consternação os nossos circulos scientificos e sociaes, onde o reputado mestre desfructava de grande conceito.

FILIGRANAS

Conheci um velho cabôclo, das margens do Precabura, na minha terra que andava sempre com a espingarda ao hombro e a tarrafa a tiracollo, dia de domingo ou dia de fazer. E explicava por que:

Uma feita, estando sem a arma, encontrára marrecas e corcões, arrependendo-se de não ter sahido de casa com ella. Outra, não trazendo a rêde, topára cardumes e mais cardumes de peixes na beirada da lagôa e tivera novo arrependimento. Então, para se não arrepender, nunca mais as abandonára.

Eu tenho um amigo, que é igualzinho a esse cabôclo velho. Tudo elle póde não ter nos bolsos, menos cartões de visita e um lapis. Tambem para se não arrepender — diz elle. Pois todas as vezes que estava sem taes instrumentos era mais que certo topar creaturas divinas, as taes bôas da gyria, que lhe davam corda no cinema ou no bonde, na sorveteria ou no omnibus. E elle sem meios de lhes passar o numero do telephone...

«COISAS NOSSAS». — Em S. Paulo, o mundo artistico vibrou nestes ultimos dias com um acontecimento sensacional: a apresentação do trabalho cinematographico da Byington & Cia., que em um film sonoro apresentou, sob o titulo «Coisas Nossas» numeros bellissimos do cancioneiro popular brasileiro. A iniciativa, que tem o cunho dum grande relevo artistico, teve o patrocinio do academico e poeta Guilherme de Almeida, que se vê nesta photographia juntamente com a artista Stephana de Macedo e dois elementos do «jazz» nacional.

FELICIDADE

SABES o que é — felicidade?

Ha uma pintura colossal, cobrindo uma das paredes da Igreja de S. Pedro, em Roma.

E' o "Juizo Final", de Miguel Angelo.

Foi feito a golpe de genio, pelo artista a arder na sagrada febre das creações portentosas.

Tão grandes, tão largos são os traços do pincel gigantesco e maravilhoso, que já houve quem affirmasse não ter sido feito a pincel, mas com uma vassoura ensopada nas tintas e vibrada nervosamente sobre o quadro pelo pulso creador do artista em delirio...

Pois bem. O "Juizo Final" chama desde logo a attenção do visitante que penetra no templo. Enche-o de admiração; transe-o de religioso pavor; enleva-o; galvaniza-o; deslumbra-o.

Quando, porém, o romeiro, cedendo á attracção, se approxima do quadro a ponto de o poder tocar com o dedo — não encontra mais nada sobre o muro, sinão doidos borrões de tinta, sem significação, espalhados numa delirante orgia de côres sobre as paredes enormes da basilica...

Pois a felicidade é isso: — um quadro para se vêr de longe.

ALMEIDA COUSIN

(De "Cartões, á Lalace" — inedito)

COCAINA

Que bom, si a Morte fosse o *ponto final!*

•

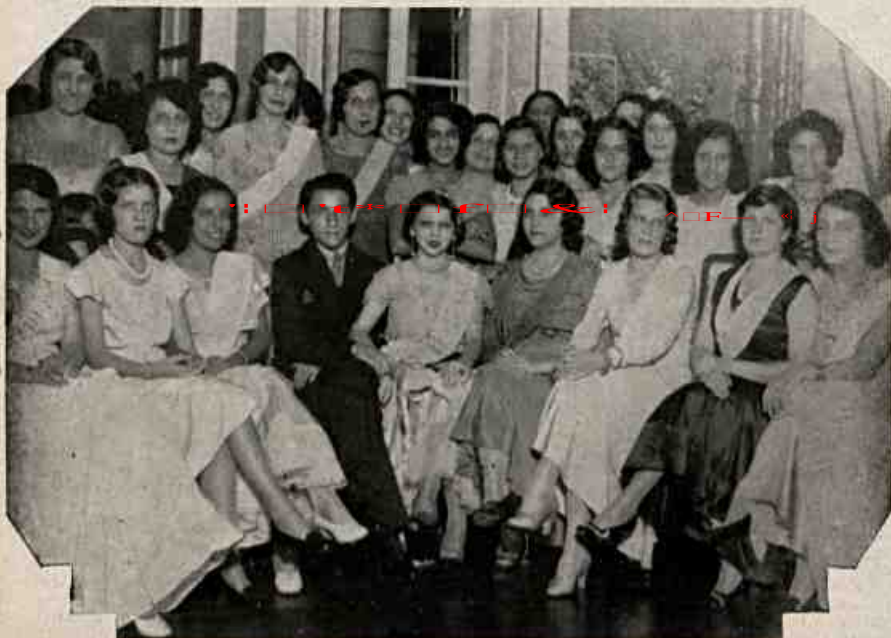
Ha caveiras que riem. Será por que nós temos médo da morte?

•

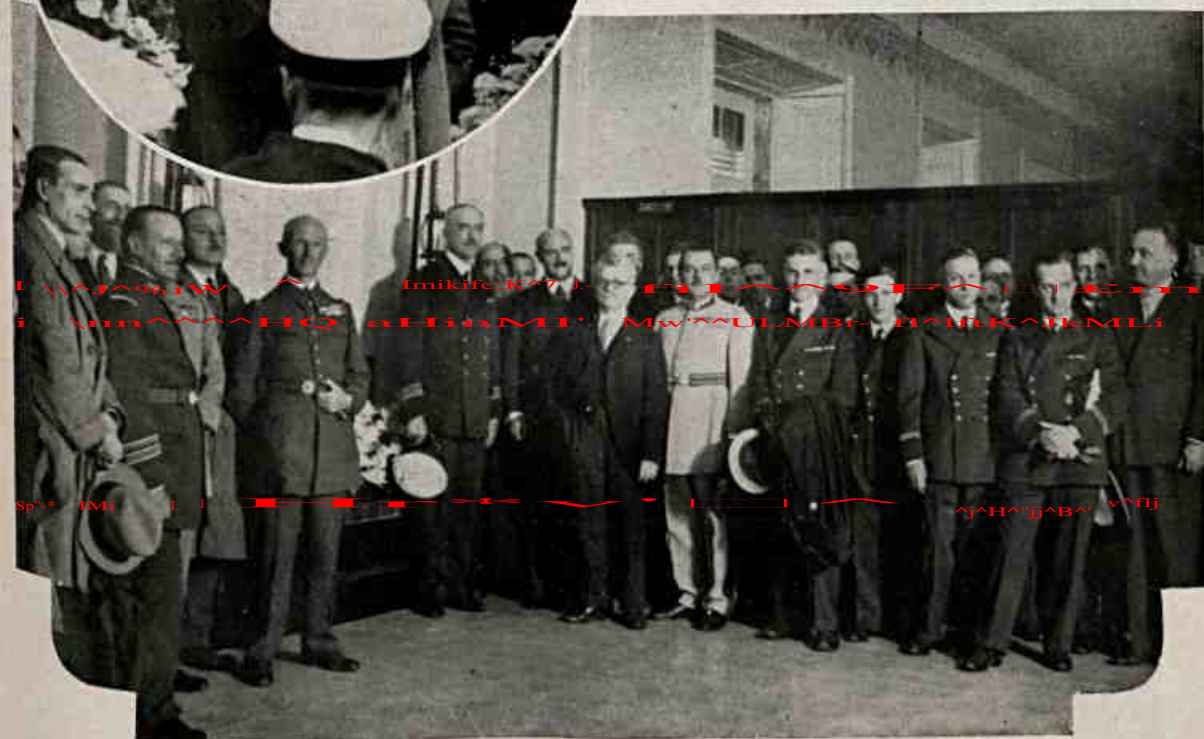
Cria fama e põe-te a viver...

•

O nosso destino está traçado pelos astros. Quem quizer adivinhal-o, que conte as estrellas do céo...

MARION

O sr. Roque Ronchi offereceu, em sua residencia, uma brilhante reunião para festejar o anniversario de seu filho Renato. Os convidados deliberaram eleger a «rainha da festa», recahindo a escolha na senhorita Helena Ronchi, que apparece no centro do grupo acima, ao lado do anniversariante.

A data do Armisticio teve, este anno, as commemoraçoes de sempre, que se realizaram com brilho por todo o dia 11 do corrente, enchendo as horas evocativas da penultima quarta-feira. As solennidades commemorativas do 13.º anniversario da paz universal tiveram inicio, nesta capital, com a homenagem de saudade que se realizou pela manhã daquelle dia, no cemiterio de S. João Baptista, junto ao tumulo dos soldados brasileiros mortos na guerra européa, com a participação dos antigos combatentes belgas, francezes, italianos e portuguezes, e por iniciativa destes últimos. A' tarde, effectuou-se, na séde do consulado de França, uma cerimonia civica promovida pelos ex-combatentes francezes em homenagem á memória dos mortos da Grande Guerra.

A HANSEATICA E OS SARGENTOS BRASILEIROS

A Companhia Hanseatica offereceu no ultimo sabbado uma brilhante festa aos sargentos do nosso glorioso Exercito. Festa simples, que decorreu num ambiente de pura cordealidade. Realizou-se na fabrica da rua José Hygino e foi uma expressiva homenagem da Hanseatica ao soldado brasileiro. A gravura desta pagina reproduz um grupo dos sargentos presentes, vendo-se tambem, ahi, entre outros directores da Hanseatica, o presidente dessa grande empresa industrial, sr. Joaquim Nepomuceno Moura.

Desenhava-se-lhes nos rostos o pavor do castigo.

O MYSTERIO DA MEIA-NOITE

Com a interpretação de Betty Compson, Hugh Trevor, Lowell Sherman, etc.

GREGORY SLOANE, um rapaz joven, rico e solteiro, offerece aos amigos uma festa em seu castello, isolado numa ilha, longe da costa de Maine. A noite está tempestuosa, o vento uiva, a chuva cáe em lençóes, o relampago risca a treva em torno do castello. Os hospedes de Sloane são: Sally Wayne, sua noiva e escriptora de novellas fantasticas; Tom Austen, rico advogado criminalista, e sua esposa, Madeline, que está enamorada de Mischa Kabelin, pianista russo; Paul Cooper, sua esposa Harriet, e Louise Hollister, uma garota moderna.

No intervallo havido, durante o jantar, e após a leitura da novela de Sally, Madeline escapa-se e vae para junto de Mischa, e lhe protesta o seu grande affecto, sem saber que Tom está vendo e ouvindo tudo. Emquanto isto, Gregory e Sally tiveram um mal entendido, porque Sally não quizera marcar o dia do casamento. Ella devolve-lhe a alliança e elle resolve dar tudo por terminado. Em parte por este motivo e em parte para entreter os convidados, Gregory e Mischa simulam uma contenda, na qual são separados por Paul e Tom; Mischa levando a brinca-

Aquelle amor era sincero.

A tempestade passou.

deira adeante, sae. Gregory segue-o, não, porem, sem levar, antes, o seu revolver. Barker fica sabendo disso, mas promette silencio. Dentro de casa, Tom, Sally e os outros palestram sobre assassinios, declarando Tom que, um criminoso, geralmente, no seu leito de morte, confessa o seu delito. Desejaria encontrar-se em taes circumstancias, disse elle.

Gregory, voltando para casa, desliga as luzes, sáe furtivamente e instantes depois ouve-se um grito e um tiro. Gregory reapparece com a arma fumegante na mão, declarando que havia morto Mischa e atirado o corpo ao mar. O pessoal corre até a varanda, a tempo de ver um vulto cahir sobre as ondas, pelo despenhadeiro.

Sally e Tom procuram apanhar o corpo, emquanto Gregory volta para o seu quarto, apparentemente assustado com o que acabava de fazer. Sally é a primeira a voltar, indo immediatamente ao quarto de Gregory, onde o rapaz lhe confessa a brincadeira. O corpo visto, disse elle, era um boneco. Fica indignada e deixa o quarto num impeto. Mais tarde Gregory encontra Mischa em casa e diz-lhe para se apresentar e desfazer a brincadeira, Mischa, porem, acha que deverão continuar assim, para amedrontar Tom. Entretanto, quando Mischa apparece deante delle, Tom não fica amedrontado. Calmamente diz a Mischa que o matará e porá o crime na confissão de Gregory. Dispara a arma contra Mischa e atira-lhe o corpo pelo despenhadeiro. Na manhã seguinte, quando Gregory apparece aos seus convidados com uma expressão que parece arrogancia, Barker e Roger, um velho empregado do castello, conduzem para ali, o corpo de Mischa atravessado por uma bala.

Gregory fica perturbado. Protesta a sua innocencia, mas a confissão feita na noite anterior é contra elle. Tom representa o seu papel ameaçando Gregory com a forca.

No meio dessa scena dramatica, Madeline trae o seu affecto por Mischa, debruçando-se sobre o cadaver. Sally, gentilmente, procura

(Conclue na pag. 50)

A lei aproxima-se.

"SKIPPY"

Da Paramount — com Jackie Cooper, Robert Coogan e Mitzi Green

Era uma creança de grande coração.

O dr. Skinner, chefe da Saúde Publica de Pleasantville, vem de ha tempos fazendo uma tremenda campanha de saneamento contra um bairro pobre, visinho á cidade, o qual, de conformidade com os preceitos scientificos do illustre medico, precisa de ser demolido para bem da communidade. O dr. Skinner, promotor dessa campanha, ganha por isso muitos inimigos entre os residentes do bairro condemnado no seu programma de saneamento urbano.

Skippy, filho unico do dr. Skinner, resente-se, como menino intelligente, das malquerenças que no bairro ha contra o pae, malquerenças que tambem se reflectem sobre elle, Skippy, toda a vez que vae brincar com os garotos daquelle arrabalde.

O dr. Skinner, por outro lado, leva o seu hygienismo ao extremo de não querer que o filho brinque com as creanças pobres, que elle diz estarem infestadas de microbios, nem que Skippy tenha um cão de estima, que cria pulgas; e, muito menos, que ande a colher flores á margem da via-ferrea. Taes sujeições que criam um certo espirito de rebeldia no garoto.

Um dia, contra todas as determinações paternas, vae Skippy, em companhia de Sidney, brincar com os garotos do bairro condemnado. As pessoas de lá que se approximam têm sempre uma indirecta: "Tal qual o pae, a metter o nariz em tudo"; "se estamos cheios de doenças, por que não vaes brincar a outra parte?"; "tal pae tal filho..." Skippy, apesar da pouca idade, fica a pensar sobre a causa dessa malquerença para com seu pae.

Numa de suas idas ao bairro, para folgar com os meninos que lá se reúnem, Skippy faz conhecimento com um garotinho chamado Suky, cuja mãe, viuva, o mandava catar lenha pelos terrenos baldios da visinhança.

O pequeno vae puxando o seu carro cheio de taboas, quando o molecorio o cerca:

— Para onde levas estas taboas?

— Para a minha casa, responde Suky, cheio do pejo natural á sua idade.

— Para a tua casa, não, porque nos pertencem, retrucam os garotos.

Os pirralhos cercam o medroso Suky — "Poderás levar a lenha, mas terás antes de brigar com um de nós, para a ganhar."

E' ahi que Skippy intervem em favor de Suky. Defende-o das artimanhas dos outros e vae com elle até a casa, ajudando-o a puxar o carro. Fazem-se amigos. A sympathica mamã de Suky, tambem cerca Skippy de tanto affecto, que o menino para logo se faz intimo da pequena familia. Suky tem um cachorro chamado "Penny", que, por não ter licença da collectoria municipal, vive sempre amarrado.

O beijo de agradecimento.

Um dos garotos do bairro, filho do fiscal, está a atirar pedras e uma dellas vae quebrar o para-brisas do Ford do proprio pae. O velho, ouvindo o estilhaçar do vidro, sae fóra para ver o que é. O filho, de malino e mau, diz ao pae que a pedra fôra jogada por Skippy. Nesse mesmo dia, estavam os dois meninos a brincar com o cachorro, quando este deita uma carreira para longe do seu amo, é aprisionado pelo fiscal, que passava com a sua carroça de cães presos por não ter licença.

Skippy e Suky ficam por demais penalizados. Imploram, pedem a soltura do animal; que irão arranjar o dinheiro para a licença; que o deixe livre, que pagarão depois, mas o mata-cachorro não o larga.

O filho do medico, cheio de pena pelo companheiro, promette ir retirar todo o dinheiro que tem num cofre, economias para comprar uma bicycleta, e com elle pagar a licença e soltar o "Penny". Mas, em casa, perde muito tempo, porque a mamã lhe não quer deixar tocar no cofre. Consegue, por fim, escapar-se com o mealheiro, e para o abrir põem-no á estrada, afim de que um pesado caminhão lhe passe por cima.

Emquanto isto, aproxima-se o dia da matança dos cães. Com o dinheiro do cofre e mais a venda de algumas garrafas vasias, reúnem $2.75 e vão ter com o homem.

— Aqui, está Mr. Nubbing, o dinheiro para a licença... começa Suky, gaguejando, com medo. Ainda faltam 25 centavos, que amanhã lh'os traremos...

Nubbing, malvadamente, agarra o dinheiro e diz aos pequenos:

— Muito bem, eu fico com isto para comprar um novo para-brisas em paga do que vocês quebraram, e quando trouxerem os 3 dollares da licença, então soltarei o cachorro. Mas, olhem, — exclama o desalmado — andem depressa, porque se chegam tarde...

Pensava na desforra.

Os inimigos.

Skippy e Suky saem dalli tristes, muito tristes, com as lagrimas a lhes cahirem dos olhos. Ao passarem pelo curral dos cães vadios, lá veem "Penny" no meio do bando.

E os dois amiguinhos, a falar com o cachorro por entre a grade:

— Come bem, "Penny", e descansa, que amanhã nós viremos te soltar...

* * *

Os meninos sem ter mais de que lançar mão para conseguir o dinheiro da licença, resolvem dar um espectaculo. Skippy, sempre muito ideioso, faz de emprezario. Vae ao guarda roupa do pae e pega em um fardalhão do medico; Suky, por seu turno, arranja com outros garotos a "banda de musica"; dois ou tres numeros de prestidigitação, um recitativo por Eloisa Saunders, a menina poetisa da cidade, e está completa a funcção.

Abre-se a bilheteria. A meninada entra, a pagar os nickeis das economias para ver o grande magico Dr. Fontochino, cortar as pernas a um moleque muito conhecido no bairro.

Muita pateada, assobios, petecas de tomates e maçãs nos "actores", algazarra grossa por parte da ruidosa assistencia.

Eloisa vem á scena, e recita uma historia em verso, por ella escripta, dizendo da sentida morte de uma sua boneca.

Neste momento, um garoto solta um aparte desconcertante: — "Por falar em cachorro, como é o teu nome?" Eloisa tem um sorriso amarello. Nunca se apresentara deante de publico mais insolente. "Se não se calam, não continuo!" brada a pequenina Bernhardt. Skippy, no seu fardão de "dono de tudo", surge de traz da cortina, escapando por milagre de apanhar uma tomatada na cara, e consegue restabelecer a calma dos irrequietos espectadores.

A historia da boneca morta mata a festa em meio. A creançada estrumelha desenfreada, em protesto, "que não pagaram para ouvir lenga-lengas de bonecas", e Skippy e Suky, tomando o dinheiro recebido, escapam-se cautelosamente pelos fundos do barracão.

Correm com o apurado e vão ter á casa do mata-cachorro, resgatar por tres dollares a vida do estimado "Penny":

— Aqui está o dinheiro, Mr. Nubbings...

— Dinheiro para que? pergunta o mal-humorado fiscal.

— O dinheiro para soltar o meu cachorro...

— Aqui não ha nenhum cachorro.

— Ha, sim, aquelle cão negro, o "Penny", o meu cachorro, diz Suky com a voz entrecortada por soluços.

— Ah, o cachorro preto... Esse foi morto hontem com os outros.

Suky cae em pranto copioso. O seu "Penny", o seu estimado "Penny", tinha sido morto pelo malvado! Skippy ainda trata de consolar o amiguinho. Entrega-lhe a sua tartaruga, dá-lhe um pinto que lhe dera o tio, mas nada disso pode conter as lagrimas do sympathico garotinho; nada consegue amainar a tragedia que sacode aquella alma de creança...

* * *

Em casa do dr. Skinner, naquella noite, ninguem sabia explicar a tristeza

(Conclue na pag. 50)

Não gostavam do pae, e brigavam com o filho.

A DANSARINA DE OLHOS TRISTES

E' as fortunas eram atiradas
aos seus pés.
E' toda aquella mocidade
radiosa, brilhante
se estiolava em roda della.
E se desesperava com a sua indifferença.
Numa ansia louca
do carinho que nunca tivéra,
do amôr que não provára nunca.
E' o mundo inteiro
se curvava deante della
numa grande supplica.

E nada disso via
a dançarina dos olhos tristes.

Não via porque não queria ver.
Não via porque tinha morto o coração.
Não via porque nunca tivéra alma.

E' ao sabêl-a assim tão bella,
Tão maravilhosa
na sua graça de deusa,
a gente pensava com tristeza
que o Creador que cuidára tanto
na perfeição daquella obra prima
como que se esquecêra
de dar-lhe um coração.

E se ficava com pena della.
Ao ver os seus lábios
que sorriam sempre.
Ao ver seus olhos tristes
que pareciam rever
coisas que sabendo a mel
amargavam sua vida toda.

Não sei como foi.
Um dia conheci todo seu peccado.

Um passado que não ia ainda longe.
Um passado que não se fizéra esquecer.
O amôr arrastando á loucura.
O amôr trazendo o soffrimento.
O amôr aniquillando toda uma existencia.

E ella passava.
E atraz della lá se ia o mundo todo
escravo dos seus caprichos
ambicionando doidamente seu amôr.

E seus lábios continuavam a sorrir
porque não deviam ficar tristes.
E seus olhos teimavam naquella tristeza,
porque não podiam estar alegres.

Mitndica

(Do livro a sahir — A vida que passa).

A ÁRVORE do BEM e do MAL

Claudio França

O CRUZEIRO DO SUL

DANTE, *versado no Liber cosmographicus de Alberto o Grande e em alguns geographos orientaes, transmittiu-nos na sua obra o antigo pensamento dos philosophos sobre as estrellas nunca vistas do hemispherio desconhecido da terra.* Primeiro no canto XXVI do Inferno:

> E, volta nostra poppa nel mattino
> De remi facemmo ali al polle volo.
> Sempre acquistando del lato mancino
> Tutte le stelle giá dell'altro polo
> Vide a la notte, e il nostro tanto vasso
> Che non surgeva fuor del marin suolo.

Depois, no primeiro canto do Purgatorio, *aponta propheticamente o Cruzeiro do Sul, o nosso symbolo celeste, que Santos Chocano denominou* La condecoración de los abismos; *que, quando apparece, diz Guilherme de Almeida, a noite se benze; e que Gregorio Marianno canta, como a:*

> Mão de Nosso Senhor espalmada na altura
> abençoando o roteiro das velas latinas.

Eis como Dante o descreve:

> Io me volsi a man destra, e posi nente
> All'altro polo, e vidi quattro stelle
> Non viste mai fuor che alla prima gente.

Depois dessa prima gente, *só os grandes navegadores do seculo XVI o descobriram. E Pigafetta, no seu roteiro da circumnavegação de Magalhães, traduz o seu espanto quando conta que descobriu do alto chapitéu da nave, em pleno mar, as estrellas postas em cruz...*

O PALADAR SATISFEITO DESPERTA O BOM HUMOR

Esposa modelo é a que sabe cultivar o bom humor do seu marido. Muitas vezes, um prato appetitoso é o bastante para que haja alegria. O melhor prato, o mais delicioso, faz-se com as insubstituiveis MASSAS AYMORÉ. São de um sabôr incomparavel. As MASSAS AYMORÉ, além disso, são ricas em gluten, proteina vegetal e em phosphatos, constituindo, assim, a alimentação por excellencia, recommendada pelos mais eminentes facultativos brasileiros.

MASSAS AYMORÉ

"SKIPPY"

(Conclusão)

do pequenino Skippy. Não quiz jantar. Sem dar motivos foi direito para a cama. O medico, preoccupado com a carinha entristecida do filho, sobe ao dormitorio delle, para lhe perguntar o que tem. Skippy, no seu camisão de dormir, está curvado sobre a cama, a orar, e nem se apercebe da chegada do pae. O dr. Skinner ouve a oração do menino — uma prece lavada de lagrimas, em que elle pede a Deus que console o seu amiguinho Suky... Que abençõe a mamã, a tia Esther, que o ajudou a organizar o espectaculo, e quanto ao pae, que Deus o faça mais humano, pois foi por causa da sua insistencia em querer demolir o bairro, que se puzeram contra elle os habitantes do logar — até o fiscal, que só matou o "Penny" por vingança...

O dr. Skinner ouve tudo. Ao terminar, toma Skippy nos braços, e não menos commovido pelas lagrimas do menino, promette-lhe que ha de remediar todas as suas faltas.

Na manhã seguinte, quando Skippy vae sahir de casa, lá está uma linda bicycleta á sua espera — um presente do pae. Sabendo que o filho gastara todas as economias do seu mealheiro para resgatar o cachorro de Suky, quiz o dr. Skinner recompensar essa bonita acção fazendo-lhe aquelle presente.

O saneamento do bairro far-se-ia, sim, de conformidade com as posteriores suggestões do dr. Skinner; não pela derruida de todas as casas, mas pelo expurgo systematico das mesmas e pela imposição de regras mais estrictas de hygiene.

* * *

Ao sahir na sua nova bicycleta, encontra Skippy a sua amiguinha Eloisa, que leva um lindo cão pela corda.

— Oh, Skippy, que bonita bicycleta! Quem t'a deu?

— Papae... Queres fazer uma troca?

— Qual é a troca?

— Dou-te esta bicycleta por este cachorro...

— Está feito!

Eloisa sae chispando de alegria na nova machina, e Skippy, de posse do cachorro, corre para a casa de Suky.

— Aqui está uma coisa que eu te trouxe — diz Skippy — e apresenta o cachorro ao amiguinho.

— Eu não preciso, Skippy... já tenho um, que me deram esta manhã, mas não é como o outro... E depois, com grande tristeza nos olhos, completa o que ia dizer: — Para mim não ha cachorro como o meu "Penny"...

O MYSTERIO DA MEIA-NOITE

(Conclusão)

sahir dali, mas, ao dar um passo, verifica que Mischa tem numa das mãos um botão. Ella o retira e descobre que é pertencente ao reposteiro da sala de jantar. Sally vae até ao seu quarto e prepara uma droga com whisky, deixando-a sobre a mesa. Tom entra e começa a declarar-lhe o seu amor, mas a moça repelle-o declarando que se suicidará. Tom apanha o liquido sobre a mesa e engole-o. Sally solta um grito ao assistir a esta scena e diz a Tom que elle tomára veneno. As outras pessoas são chamadas rapidamente e encontram Tom contorcendo-se no leito. Sally declara que havia tomado strychnina e a idéa da morte tanto ameaçou Tom, que elle acaba por confessar o assassinio de Mischa. Neste momento Sally declara que a droga não era um veneno. Planejara aquella armadilha, depois que descobriu o botão do reposteiro na mão de Mischa, certa que não poderia ter se fosse assassinado fóra de casa, como Gregory declarára durante a brincadeira da noite anterior.

Sem duvida Mischa havia sido morto dentro de casa e Tom era o unico com motivos para tal. Sally e Gregory fizeram as pazes, depois de esclarecida aquella dolorosa situação em que se encontraram.

Tres publicações interessantes

A Companhia Refinações de Milho, Brasil de São Paulo, teve a gentileza de enviar-nos tres interessantes publicações que está distribuindo aos industriaes e pessoas interessadas na producção e exploração do milho e outros problemas agricolas. Essas obras intitulam-se "A historia de um grão de milho", "Suggestões praticas para engommar" e "O Livro do Refinazil". Na primeira descrevem-se de um modo geral os processos pelos quaes passa o milho no fabrico dos nossos productos, e dá mais resummidamente os empregos diversos desse precioso grão; o segundo offerece á industria textil uma série de suggestões praticas sobre a engommagem de cortume, etc., e a terceira trata da bôa producção de leite e da criação de animaes.

Esses trabalhos são indiscutivelmente de grande auxilio para os fazendeiros brasileiros.

A Companhia Refinações de Milho, Brasil, com séde em São Paulo, rua Libero Badaró n. 30, 1.º andar, mandará com prazer exemplares dessas publicações ás pessoas que os solicitarem.

Vista... Côr da moda... Feitio elegante...

... tudo quanto V. S. procura num traje de natação — encontra no Jantzen!

A PROVA está no facto de que, em Deauville, na Riviéra, em Miami, em Copacabana — nessas praias onde se reunem as sociedades elegantes, Jantzen é o traje favorito dos nadadores.

Côres vistosas, desenhos modernos, talhe perfeito, esses são os caracteristicos dos trajes de natação

Jantzen, confeccionados por um processo especial de Jantzen. Ajustam-se bem ao corpo e nunca perdem o talhe distincto, permittindo ampla liberdade de movimentos.

Ha um tamanho Jantzen para cada pórte e todos se distinguem pela mergulhadora, em vermelho. Procure-os nas casas de 1.ª ordem.

Agentes Geraes no Brasil: NELSON & CIA.
Caixa 1632 SÃO PAULO

Queiram mandar-me, gratis, o indicador dos "maillots" Jantzen.

Nome: ....

Endereço: ....

PÊNA DE TALIÃO

De A. MARROCOS DE ARAÚJO

QUATRO horas da tarde. Ouvia-se o forte sibilar de uma locomotiva e o comboio surgiu, ao longe, lá no córte do Criminoso. A estação, um edificio elegante e bem trabalhado, abrigava a multidão, que aguardava a chegada do trem.

Florencio, um caboclo espadaúdo, forte, passageiro de segunda classe, estirou a cabeça, fóra da janella do carro, e viu na parede da estação um "letreiro". Não soube, porém, o que aquillo queria dizer. Era analphabeto. Um companheiro de viagem, que estava assentado num banco proximo, com vóz grossa e firme, bradou:

— Ipú!

Florencio advertiu á mulher e ao filhinho de que ali deviam ficar. Quando o trem parou, a familia matuta procurou a plataforma e desceu para terra.

Por entre toda uma multidão irrequieta, que se movia, que se agitava, numa azafama infernal, á procura de cartas e encommendas, passou Florencio com a mulher e o seu filho de dois annos, que elle ainda conduzia escarranchado na cintura.

* * *

Plantada ao pé da ciclopica mole de granito da Ibiapaba, com as suas casas semeadas em terreno baixo, Ipú não offerece logo ao olhar do visitante, que vem dos lados do litoral, todo o seu panorama. Ninguem, porém, deixará de se extasiar ante as encostas ingremes da serrania, que lhe fica a oeste. A pedra núa, numa distancia de meia legoa, barra o horizonte. E, bem de frente, onde a cordilheira soffre uma depressão, cahem, jorrando do alto, as aguas do corrego Ipuçaba, formando uma linda cascata.

O vento quando sopra com mais força, açoita, com as suas lufadas violentas, a columna liquida que branqueia ao longe, desfazendo-a em alvissimas nuvens de orvalho, que se alteiam por momentos, de-sempre em movimento, vindo de-pois cahir no solo em fórma de chuvisco.

As suas ruas, mais ou menos ir-gulares, são alegradas pelas co... virentes das mongubeiras, ta... rindeiros e mangueiras, que se ali-nham em frente das casas.

Ao lado da cidade, serpejam as aguas limpidas do Ipuçaba, fer-lizando terras uberrimas, onde se estendem grandes canaviaes.

Enormes coqueiros, erétos e fir-mes, soltam no ar o pennacho ver-de das suas copas, que oscillam ao sopro dos ventos.

* * *

Florencio passou por tudo isso e lançando olhares indifferentes e palmilhando a faixa branca da es-trada de rodagem, proseguiu via-gem, acompanhado de sua familia.

(Conclúe na pag. 34)

Demandava o sitio "Ipuçaba", lá no alto da "Serra Grande", onde o coronel Frederico lhe offerecêra uma morada.

* * *

A rodagem, que principia no Ipú, galga as encostas escarpadas da serra, enroscando-se nos penhascos como uma enorme serpente. E foi percorrendo essa estrada que aquella pobre familia sertaneja attingiu a casa do coronel Frederico, numa clara manhã de verão. A vivenda branquejava por entre os galhos verdes das laranjeiras, sendo enxergada pelos que percorriam o largo caminho. Florencio teve um acolhimento confortador. Já uma choupana estava reservada para sua moradia.

Nella se aboletou com a mulher e o filho. Entregou-se aos ásperos e rudes trabalhos do amanho da terra e, com cerca de seis annos, já havia conseguido uma regular economia. Moirejava cada dia com mais coragem, pensando em deixar, quando morresse, alguns bens e dinheiro, que garantissem o futuro da familia.

Ricardo, o seu unico rebento, cresceu com rapidez, e, tempos depois, já o auxiliava não somente nos trabalhos do sitio, mas tambem fazendo mandados. Agora, quando se precisava comprar alguma coisa no Ipú, era Ricardo o escolhido para o mister. A mulher de Florencio preoccupava-se com os labores caseiros.

* * *

Quem, descendo da serra, procura o sertão, vê desdobrar-se um soberbo panorama. O viajante que percorre a rodagem encontra paizagens pittorescas, aspectos surprehendentes, que se offerecem á sua curiosidade. A's vezes surge, deante de seus olhos, uma ponta de serra, com a pedra núa e negra, onde o sol bate de chapa. Outras vezes a vista se entretém a contemplar as choupanas, mal construidas, que estão semeadas na orla da estrada. Ora o olhar se detem nos penhascos rudes e escarpados, ora se espreguiça por sobre o plaino immenso do sertão, todo doirado de sol, vendo-se, aqui e alli, manchas de sombras produzidas pelas nuvens.

E era por esse pittoresco caminho que Ricardo, com muita frequencia, passava rumo á cidade, onde ia fazer compras.

* * *

Certa vez, montando um burro, demandava o mercado.

Pêna de Talião

(Conclusão)

—o—

Atravessava um trecho de estrada, que tinha de um lado fragüedos abruptos, penedias ásperas, e do outro um profundo abysmo, a que o povo dava o nome de "Boqueirão".

Quando se encontrou nessa parte do caminho, ouviu o buzinar de um caminhão, que vinha perto e em marcha apressada. Retroceder era impossivel, pois vinha elle no meio de uma carga de fructas e o peso impossibilitaria o animal de correr.

Naquelle momento de afflicção somente uma coisa o salvaria: a alma do "chauffeur". Este, porém, não parou o caminhão, nem diminuiu a sua marcha.

O animal, ainda pouco habituado a encontrar com vehiculos, procurou a orla da estrada, e o carro, passando velozmente, chocou-se, brutal, com um dos costaes, arremessando Ricardo e a alimaria no enorme despenhadeiro.

* * *

Horas depois, o infeliz pae da victima, com lagrimas nos olhos, chega ao local do sinistro e, em companhia de algumas pessôas, recolhe os restos, os pedaços do corpo do seu desventurado rebento.

* * *

O "chauffeur", que propositadamente occasionára aquelle triste acontecimento, já possuia muitos desaffectos, creados todos elles pela perversidade, que lhe era innata. Parecia sentir um prazer, uma volupia satanica em atropelar pessôas e animaes. Essa ultima scena tragica se divulgára, arrancando protestos de todas as bôccas. Florencio procurou um seu camarada, inimigo fidagal do famigerado "chauffeur", e o convidou a auxiliál-o na vingança.

* * *

Uma noite, sob a copa basta de umas arvores, que cresciam á margem da estrada, dois vultos se occultam. Ouve-se uma buzina e um estremeção violento sacode o organismo daquelles dois homens.

A' approximação do carro, elles collocam no meio da estrada uma grande pedra. A marcha é interrompida, e dois vultos, sahindo inesperadamente de sob umas copas escuras, subjugam Pedrosa, que com o choque brutal e imprevisto, nenhuma reacção offerece.

Calados, arrastam-no para muito longe. O "chauffeur", sem quebrar o silencio, marcha aos empurrões e aos sôccos. Em dado momento, estacionam. E' então que Pedrosa se certifica de que está á orla de um abysmo.

Lá em baixo, vêem-se os fócos que illuminam Ipú. As coivaras pontilham de luz a immensa planicie do sertão.

* * *

Fazendo um pequeno esforço, aquelles homens deitam por terra o "chauffeur" e, com umas cordas de *cróa*, que traziam enroladas á cinta, amarram-lhe as pernas e os braços.

Arrastam-no até a beira do abysmo e arremessam-no ao vacuo.

Um grito sinistro e aterrorizador corta o profundo silencio da noite e um corpo despedaça-se ao sopé da serra.

Estava vingada a morte de Ricardo...

— DESCULPE, doutor! — disse André Guelvic. — O senhor nega cegamente a existencia do outro mundo e sustenta que os que morrem estão mortos.

"Sim, sem duvida não os vemos regressar nem os ouvimos falarem. No emtanto, creio que sua acção de vigilancia continúa manifestando-se quando é necessario. Estão mortos para nossos sentidos, de accôrdo, mas ficam em communicação comnosco.

"E' por isto que se produzem tantas intervenções mysteriosas, inexplicaveis. O que chamamos casualidade é, ás vezes, o concurso de um morto."

— Palavras, querido Guelvic.

— Permitta-me citar-lhe um facto. Provavelmente não extraordinario em si mesmo. No emtanto, você verá. Conheceu meu avô?

— Não, mas li suas obras de philosophia pratica.

— Sim, elle era um philosopho á Jean Jacques. Eu o queria muitissimo, pois era para mim um bom conselheiro. Eu passava minhas ferias no campo, não muito longe de sua casa. Apenas alguns kilometros nos separavam. Todas as quarta-feiras, ás duas horas da tarde, elle ia buscar-me, e juntos sahiamos e nos sentavamos sob uma grande arvore, á entrada do bosques. Amenizava sua conversação com historias e anecdotas que me entretinham sobremaneira. Ao cahir da tarde, regressavamos e eu, por minha vez, o acompanhava até sua casa. Confesso que esperava sempre com impaciencia a chegada da quarta-feira, para sahir novamente com elle. Meu pobre avô concentrava em mim todo o seu gosto de viver.

"No dia seguinte ao de um dos nossos passeios, elle cahiu enfermo com febre. Não quiz avisar-nos, como bem poderia fazêl-o, por intermedio de sua velha criada Anna. Pouco durou. Morreu sem que houvessemos podido vêl-o outra vez. Morreu um sabbado e o enterramos no domingo, no cemiterio da localidade. Minha dôr foi immensa. Sete dias depois, no domingo seguinte, depois do almoço, Germain, nosso criado, veiu propor-me ir com elle á estação esperar meus paes, que regressavam de Paris e deviam chegar ás duas e meia da tarde.

— São duas menos um quarto — disse-me. — Temos o tempo justo de chegarmos á estação.

"— Com effeito — respondi-lhe. Cerca de dez kilometros e a barranca a subir. Bem, irei.

"— Então, o esperamos. O pae Jaquet irá tambem.

"O pae Jaquet era o dono da granja vizinha. O tempo de subir a meu quarto, afim de apanhar meu sobretudo, e estava prompto. Subo ao carro. Partimos.

DO OUTRO MUNDO

"Haviamos percorrido apenas uns cem metros, quando ouvimos uma vóz, que, atraz de nós, gritava:

"— Senhor André!

"Voltei-me, e reconheci o carteiro. Fazia grandes gestos para que nos detivessemos. Saltei do carro e disse a Germain:

"— Vão sem mim. Irei ver o que elle quer. Vocês não tem tempo a perder.

"E corri para o carteiro.

"— E' uma carta para o senhor. Vi que ia no carro e por isso o chamei. Mas o senhor podia ter-me esperado, que eu iria levar-lha lá.

"Remexeu em sua carteira e tirou um enveloppe, que me entregou, afastando-se depois. Olhei. A vista se me turvou. Julguei sonhar. Quasi tive medo. Como? Era possivel?! Uma carta de meu avô! Era sua letra, não havia duvida: fina, recta, regular. Sua letra legitima. O endereço exacto: "Mr. André Guelvic, Lilly." E, na parte superior: "Urgente." Não me atrevia a abril-a. Uma carta de um morto!

"Dominando minha emoção, rasguei o enveloppe. Meu avô dizia-me: "Querido André: provavelmente não poderei sahir durante alguns dias. Peço-te, assim, que me venhas ver. Conversaremos um pouco. Espero-te. Teu avô que te estima — François Gulvic." Não havia data. Apenas o dia: sabbado. Era um sonho?"

— Está claro, no emtanto — interrompeu o doutor. — Seu avô cae enfermo, escreve-lhe para que vá vêl-o, dá a carta á criada, e esta se esquece de pôl-a no correio. Alguns dias depois, a encontra.

Evidentemente, é incomprehensivel que, depois de morto seu avô, fosse ella confiar ao correio uma carta delle para você. A hypothese, no emtanto, não é impossivel, a menos que, — e isso seria ainda mais simples suppôr, — a menos que o correio fosse o culpado do atrazo. Que data tinha o carimbo do sêllo?

— Impossivel decifral-o. Mas espere o final. Eu estava mudo, ali, sem mexer-me. De repente, um carro se aproxima a toda velocidade. Vinha da direcção que havia seguido Germain. Dois camponezes nelle. Vendo-me, páram o vehiculo.

"Ah, senhor, que desgraça! Germain e o pae Jacquet soffreram um desastre ao chegar á ponte. O cavallo escorregou. O carro ficou em pedaços. E' preciso ir soccorrel-os. Talvez já tenham morrido.

"Alguns comedidos nos acompanharam até o logar da catastrophe. Que horror! Germain e seu companheiro, inanimados, desfigurados, cheios de barro e sangue... A cincoenta metros, o cavallo, com as patas para o ar... Seguramente, si meu avô não houvesse intervindo a tempo, por meio da carta, eu teria sido tambem victima do accidente. A casualidade, dirá você. Fôra mais que habil e previdente para agir no minuto necessario. No minuto? No segundo... Pouco faltou para que o carteiro não me alcançasse. Si o cavallo tivesse avançado alguns metros mais, teria sido tarde!

"Interrogámos a Anna. Ella se lembrava vagamente que meu avô lhe havia entregue a carta.

"— Mas tenho certeza de que a puz no correio — disse.

"Nunca soubemos a data certa em que sahira a carta, nem tampouco podemos dizer quem a poz no correio."

— Provavelmente, foi alguem que chegou á casa depois de morto seu avô, e que, tendo-a encontrado por ahi, esquecida por Anna, julgou proceder bem pondo-a no correio.

— O mysterio não deixa de subsistir, meu querido doutor, mas para mim o mysterio é a verdade. A vida dos mortos e seu poder passam despercebidos. Entretanto, elles se occupam sempre de nós, quando aqui, neste mundo, nos amaram. Agem á sua maneira para proteger-nos. A pessôa desconhecida que deitou a carta ao correio e o carteiro que me levou no minuto preciso foram, cada um por seu lado, os meios de que se serviu meu avô, meios animados por uma força invisivel e que...

— Oh! — interrompeu o doutor — por essas coincidencias e associações de idéas é que se crearam todas as superstições do mundo... Antigamente, Lucrecio...

PIERRE COURTOIS

(Continuação)

O EMPREITEIRO

(SHERLOCK - HOLMES)

— Que é isso? disse por fim Lestrade. Quem tem o senhor estado a fazer todo este tempo, hein?

Oldacre desviou a vista da cara vermelha e furiosa do inspector de policia, e teve um riso forçado.

— Eu não fazia mal nenhum!

— Não fazia mal? Fez tudo quanto poude para condemnar um innocente, e tel-o-ia conseguido, se este senhor aqui presente não tivesse intervindo.

O miseravel começou a choramingar.

— Affianço-lhe, meu senhor, que não era senão uma brincadeira da minha parte.

— Oh! Uma brincadeira! Pois ha de custar-lhe cara, essa lhe juro eu. Prendam-n'o e guardem-n'o á vista na saleta até que eu vá lá. Sr. Holmes, continuou elle depois da sahida dos seus agentes; eu não podia falar deante dos policiaes, mas a presença do dr. Watson não evitará que eu confesse que é esta a mais bella das causas que o senhor tem aclarado, ainda que a habilidade de que se serviu, seja ainda para mim um mysterio. Salvou a vida a um innocente, e evitou um escandalo que me desacreditaria na nossa corporação.

Holmes sorriu, e batendo no hombro de Lestrade:

— Bem ao contrario de estar decadente, a sua reputação ficará ainda mais brilhante. Só tem que fazer umas pequenas alterações no relatorio que estava redigindo, e todos verão como é difficil d itar poeira nos olhos do inspector Lestrade.

— Então o senhor não quer que figure o seu nome?

— De modo nenhum. O bom exito é a minha unica compensação. Talvez daqui a annos alcance gloria, mas ha de ser quando eu tiver consentido que o meu zeloso biographo publique o seu manuscripto, não é assim, Watson?

Vamos agora vêr onde estava escondido este rato.

Pouco mais ou menos a seis pés da extremidade do corredor, tinha sido levantado um tabique furado por uma porta habilmente fingida.

Este retiro recebia luz unicamente por umas fendas preparadas entre os tijolos. Havia alli dentro alguns moveis, agua e comestiveis, assim como grande numero de livros e papeis.

— Aqui está a vantagem de ser empreiteiro — disse Holmes ao sahirmos. — Poude construir o seu esconderijo sem ter que recorrer a um cumplice, a não ser, já se sabe, essa preciosa governante, que lhe aconselho, Lestrade, a catrafilar sem perda de tempo.

— Certamente que seguirei o seu conselho; mas como descobriu este retiro, senhor Holmes?

— Nunca me abandonou a idéa de que o meu figurão estava escondido em casa. Não me restou duvida, tive a certeza ao notar que o corredor em questão, era seis pés mais curto que o outro que lhe corresponde no andar de baixo. Logo vi que não poderia ficar quieto ouvindo gritos de fogo. E' verdade, que nós podiamos tel-o apanhado no seu esconderijo, mas pareceu-me mais interessante obrigal-o a desaninhar-se por si proprio; e depois, Lestrade, eu tambem lhe devia uma pequenina mystificação pelos seus gracejos desta manhã.

— Foi uma bella desforra, com effeito. Mas como diabo suspeitou o senhor que elle se achava na casa?

— A impressão do pollegar, Lestrade! Você tinha declarado que esta descoberta era peremptoria; era verdade, mas n'outro sentido. Eu bem sabia que a parede na vespera não tinha aquella nodoa.

Presto sempre a maior attenção, como você tem tido occasião de vêr, ao exame dos pormenores; tinha observado o vestibulo; e adquirira a certeza que a parede estava absolutamente limpa. Por conseguinte, a mancha tinha sido posta durante a noite.

— Mas como?

— Facilmente. Quando sellaram os papeis de negocio, Jonas Oldacre deve ter obtido que Mac Farlane pozesse o pollegar sobre o lacre quente para o lacrar. Isto fez de certo com tal rapidez, e tão naturalmente, que o rapaz nem sequer se lembrará. Provavelmente foi assim que tudo se passou; com certeza que nem o proprio Oldacre pensava ainda como se havia de servir delle.

Pelo curso de reflexões que deve ter feito no retiro, lembrou-se que a boa e indiscutivel prova poderia dar para a accusação de Mac Farlane vindo-se do cunho do seu pollegar. Nada lhe era mais facil que reproduzir este cunho applicado sobre a cera, molhando-a com sangue duma picada de alfinete, e fixando-o na parede, ou elle, ou a creada. Se formos ver os papeis que elle tinha comsigo no esconderijo, aposto que lá acharemos o lacre com a forma do pollegar de Mac Farlane.

— Admiravel! — disse Lestrade — espantoso! está claro como agua, devido ao senhor Holmes! E quem será o motor de toda esta invenção, sr. Holmes?

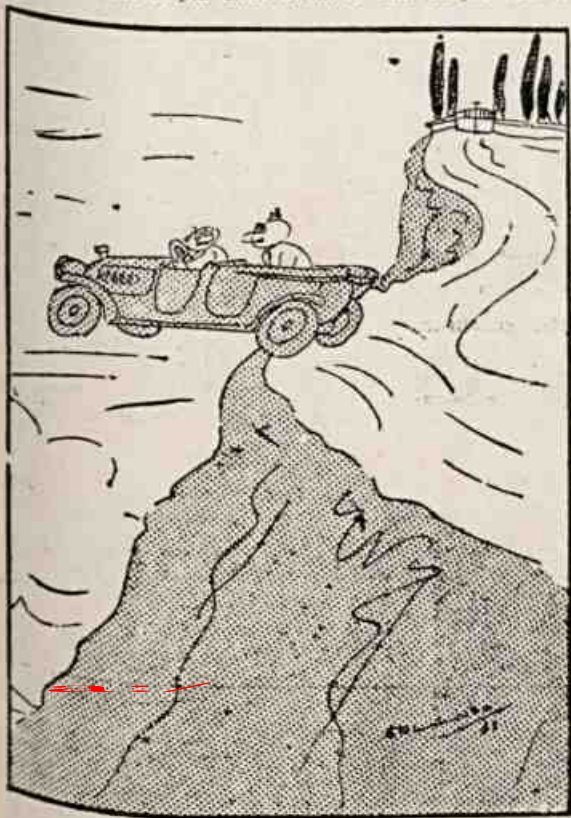
A nova attitude do inspector era realmente interessante; parecia um discipulo a fazer perguntas ao mestre.

— Ora essa! Creio que não é muito difficil de explicar; este figurão que nos espera lá em baixo é muito mau, e muito vingativo; você sabe que a mãe de Mac Farlane lhe recusou em tempos a sua mão? Não sabia? e comtudo eu tinha-lhe dito que antes de vir a Norwood fizesse um inquerito em Blackheath.

Esta offensa que tanto lhe chegou ao coração, butiu-se-lhe no cerebro mau e intrigante; tem pass-

DE NORWOOD

POR CONAN DOYLE

toda a vida á procura d'um modo de se vingar, sem até agora o encontrar. Durante estes ultimos dois annos, os seus negocios foram de mal a peor, porque especulava secretamente, creio eu, e acha-se actualmente numa grave crise. Formou o projecto de calotear os seus credores, e nesta intenção, assignou valores importantes em proveito dum tal Cornelius, que me parece não ser senão elle proprio com nome supposto. Ainda não segui os signaes desses cheques, mas sem duvida foram descontados num banco de cidade de provincia, onde Oldacre leva de tempos a tempos a sua dupla existencia. A sua tenção era ao

— Mas, Eduardo, tens certeza de que este é o caminho do cemiterio?...

mesmo tempo, mudar de nome, realisar a sua fortuna, e desapparecer para recomeçar n'outra parte uma vida nova.

— E' muito provavel.

— Com certeza que elle se persuadiu que desapparecendo assim, se livraria por um lado de perseguições, e por outro tiraria uma vingança em regra da sua antiga noiva, se se chegasse a acreditar que elle fôra assassinado pelo seu unico filho. Era um prodigio de infamia do qual se sahiu como mestre. A idéia do testamento que dava um mobil apparente ao crime, a visita secreta a occultas de seus paes, a posse da bengala, o sangue, os restos d'ossos calcinados, os botões achados perto das pilhas de madeira, tudo isso é admiravel. Era uma rede de factos que ainda ha poucas horas me parecia não deixar meio algum de salvação, mas faltava ao nosso homem a suprema qualidade do artista, a de saber onde se deve parar. Elle queria aperfeiçoar o que já estava completo, queria apertar ainda mais a corda em volta do pescoço da sua desgraçada victima e foi assim que estragou tudo... Vamos para baixo, Lestrade, estou com vontade de lhe ir fazer uma ou duas perguntas.

O scelerado estava sentado na sua saleta entre dois policias.

— Era uma brincadeira, meu bom senhor, e mais nada! — gemia elle sem parar — Eu escondi-me só para vêr o effeito que causava o meu desapparecimento, e estou certo que o senhor não será tão injusto que acredite que eu deixaria fazer algum mal ao pobre Mac Farlane.

— E' o que o jury vae decidir — disse Lestrade — o que não deixamos de ter, é um processo de tramoia premeditado, se não fôr uma tentativa de assassinato.

— E sem duvida os seus credores poderão cobrar no banco os valores do sr. Cornelius, — disse Holmes.

O homemzinho sobresaltou-se, e voltou os olhos para o meu amigo.

— Tenho muito que lhe agradecer; talvez que ainda um dia lhe possa pagar a minha divida!

Holmes sorriu indulgentemente.

— Julgo que o seu tempo está muito bem empregado durante alguns annos — disse elle. — A proposito, que tinha o senhor posto debaixo da pilha além das suas calças velhas? Um cão estrangulado, coelhos, ou o que? Não me quer dizer? Realmente, isso não é amavel. Naturalmente, um casal de coelhos era o sufficiente para fornecer os restos d'ossos precisos! Se algum dia você, Watson contar esta historia com todos os pormenores, prefira os coelhos.

FIM DO EMPREITEIRO DE NORWOOD

No proximo numero do mesmo autor:

OS DANSARINOS

Cavalheiro 1830

DE ALCEU MARINHO REGO

LÊDA-MARIA era uma bonecuinha triste, de pelle alva como o luar, de olhos negros como os abysmos. Tinha a boquinha rubra de «baton» e os olhos riscados de «rimell». Sentia na alma um desejo vago mas angustioso de amar, de se dedicar a um homem, de tel-o para si tão somente — mas não sabia amar, nem podia comprehender o amôr. Como as luzes do club nunca a encontraram mais pallida nem mais corada, os homens jamais a sentiram mais fria ou mais enthusiasmada nas suas expansões. O corpo de Lêda-Maria, estojo pequenino e branco, não guardava nenhuma flôr perfumada que lhe pudesse adorar o espirito, levando-lhe a frescura do orvalho matutino ou emprestando-lhe o calôr das tardes de verão. E ella assim passava pela vida, egoista e indifferente, com festas que gastavam sua belleza, e leituras de Delly com que desperdiçava suas emoções.

Ouvira muito sobre o amôr. E, por elle, chegára a conceber uma grande sympathia. Era o Adoravel Ausente, aquelle que lhe merecia o pensamento mais requintado e bello.

Numa tarde morna, passada entre cigarros e bocejos, Lêda-Maria ouviu tilintar o telephone, ao lado do divan em que lia uma revista americana. Attendeu-o. Escutou uma voz grave e dôce de homem, máscula, porém como rolando em sêda.

— Allô! Lêda-Maria?

— Ella mesma. Quem fala?

— Que importa o nome? Você não me conhece. Além do mais, o desconhecido traz sempre um cunho de romantismo adorado pelas mulheres...

— Por outras, talvez...

— Por você, tambem, Lêda-Maria. Você não é tão má como parece, nem tão bôa como devia sêr. E' uma mulher que passaria ignorada de todos, si alguem não a descobrisse como você é, verdadeiramente.

— E o senhor me descobriu? — escarneceu a moça.

— Não me trate por senhor... Sim, eu a descobri para mim. Para o meu amôr e para a minha gloria.

— Para o seu amôr? Interessante! E por que para a sua gloria?

— Porque você vae viver no livro que eu publicar... no livro que, por titulo, terá o seu nome.

— Ah! escrever? O senhor, mesmo pelo telephone, deixa em minha bocca um travo de 1830. E' muito romantico?

— O meu romantismo agora vem dos seus olhos... mas virá, muito breve, dos seus labios.

— Han! han!

— Tome nota, Lêda-Maria: ha de me beijar um dia, em pensamento, si não quizér seus labios juntos aos meus.

— O sr. me enfastia, cavalheiro 1830. Vou desligar. Fique-se então a beijar as suas visões...

Bateu o gancho. E, por muito tempo ainda, a voz grave e dôce do cavalheiro 1830 rolou macia pelo ar, no luxuoso «living-room» de Lêda-Maria.

* * *

No dia seguinte, elle telephonou. Nos dias subsequentes, ainda. Ha dois mezes, quasi, Lêda-Maria escutou-o, bebeu-lhe palavras e idéas, sem dar fé que, de semana para semana, o cavalheiro 1830 tomava ascendencia sobre seu espirito, aparando-lhe as arestas com suas conversas que se iam tornando mais sentidas. E já esperava com ansiedade o bater das cinco horas, recusando chás que coincidissem com os telephonemas, desprezando amigas e cinemas.

Um dia, em que elle tossiu varias vezes, ella lhe observou, entre ironica e assustada:

— Não vá morrer tysico, por elegancia, hein? Hoje se póde ser poeta sem hemoptyses...

— V. se engana, Lêda-Maria: como a mulher, a tuberculose é complemento da vida do escriptor; uma inicia a sua gloria, outra a termina.

Num sabbado de chuva, o telephone não tocou. A cinza da tarde desceu como um véo sobre o espirito de Lêda-Maria. Chorou, nesse dia. Eram as primeiras lagrimas de amôr.

No dia seguinte, elle falou. Sua voz não tinha mais a clareza e a tepidez de principio. Tinha ganho aspereza e estridor.

— Meu livro sahirá por estes dias, minha amiga. Hei de mandal-o a você, com uma dedicatoria bonita.

Depois disso, Lêda-Maria nunca mais ouviu a voz do escriptor. Seu livro, vivido nella, inspirado por ella, recebeu-o quando, em bairro distante, um sino dobrava finados.

No alto da segunda pagina, em letra nervosa e fina, as palavras que fazia o offerecimento:

«A Lêda-Maria, o ultimo pensamento bom do Cavalheiro 1830.»

Os Romances de FON-FON

Constituem um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

Preço das collecções:

	PORTE SIMPLES	PELO CORREIO
OS PARDAILLAN — 12 fasc.	6$000	7$200
EPOPÉA DE AMOR — 9 fasc.	4$500	5$400
FAUSTA — 10 fasc.	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasc.	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasc.	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasc.	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasc.	8$000	9$600
CAPITAN — 14 fasc.	7$000	8$400
BURIDAN — 19 fasc.	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasc.	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasc.	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasc.	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasc.	3$000	3$600
BORGIA — 11 fasc.	5$500	6$600
HEROINA — 14 fasc.	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasc.	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasc.	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasc.	4$500	5$400
A GRANDE AVENTURA — 8 fasc.	4$000	4$800
A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO — 7 fasc.	3$500	4$200
A MARQUEZA DE POMPADOUR — 6 fasc.	3$000	3$600
O RIVAL DO REI — 7 fasc.	3$500	4$200
TRIBOULET — 8 fasc.	4$000	4$800
PATEO DOS MILAGRES — 10 fasc.	5$000	6$000
A RAINHA ISABEL — 8 fasc.	4$000	4$800
PASSAVANT — 9 fasc.	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasc.	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasc.	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasc.	2$500	3$000
O CONDE REI — 6 fasc.	3$000	3$600
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasc.	6$500	7$800
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasc.	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasc.	4$000	4$800

Pedidos á **EMPRESA "FON-FON" E SELECTA S. A.**

Rua Republica do Perú, 62 — RIO DE JANEIRO

Seara alheia

Reflexões sobre a minha profissão :: — Escrever uma comedia significa contar, durante tres horas e por meio de dialogos, uma historia.

* * *

Uma comedia que não póde ser reduzida a tres linhas é uma má comedia.

* * *

Existe uma falsa poesia, uma falsa philosophia, um estylo falso e joias falsas de theatro que tem mais valor que as verdadeiras.

—O novelista constróe sua obra com palavras que se acham encerradas na sua estylographica; porém, tu, autor dramatico, tens que vestir teu pensamento com vozes, com movimentos, com pausas, que não dependem de ti e que só verás no ensaio.

—Todas as comedias que fracassaram têem um argumento parecido.

MARCEL PAGNOL

Manual geographico — *Bolonha.* — A universidade mais antiga do mundo. O diploma da Europa.

Carrara. — A mesa de trabalho de Miguel Angelo.

Australia. — Um falso continente.

Corsega. — O berço.

Santa Helena. — O catafalco.

Asia. — Mãe patria primitiva: berço da humanidade, das crenças, da cultura; principio de toda vida, de todo trabalho, de toda luta. Mãe que nos renega e a quem renegamos tambem.

Rheno. — Romantismo que principia nos Alpes e termina no Mar do Norte.

O CONCERTO DO GUARDA-CHUVA

ENCONTRANDO Helena onde a encontrei, cheguei a uma conclusão obvia.

—Que fazes aqui? — perguntei-lhe.

—Que tens com isto? — respondeu ella, mal-humorada.

—Tenho muita coisa... Bem... Não tenho nada. Sabes o que te falei a noite passada? — exclamei.

—Creio que me deste uma opinião sobre qualquer coisa não te deve interessar em absoluto — respondeu ella. — Tambem me lembro que te disse que me deixasses tratar de meus negocios por minha propria conta, embora não pareças darte por informado.

Ignorava isso.

—Disse-te antes, Helena — falei-lhe, de fórma verdadeiramente dictatorial — que seria uma vergonha e um peccado vêrte com os cabellos cortados.

—E eu te disse antes que farei o que me agradar.

—Parecerias horrivel...

—Obrigada. Outras moças tão horriveis quanto eu andam com os cabellos cortados.

—Tu não és horrivel... És...

Fiz um esforço tremendo para recobrar o dominio sobre meus nervos e voltei ao assumpto.

—Bem poucas têm cabellos como os teus. Não quero dizer-te que os cabellos cortados te fiquem mal. Minha opinião é que constitue um verdadeiro crime cortar essa massa de cabellos de oiro.

Elle se encheu de cores. Eram côres de ar...bor... Mas conservou bem alto, orgulhosamente, o nariz.

—Quero suppôr que não me é permittido fazer o que tenho vontade com meus cabellos?

Eu respirava com difficuldade.

—Lembra-te disto, Helena; si persistes em ir a esse logar — disse eu assignalando um letreiro que dizia "Salão para senhoras", de uma barbearia — estará tudo acabado. Si perderes tuas adoraveis tranças, será impossivel tornar a prendê-las em tua cabeça, e eu não mais te falarei.

Lamento ter que dizer que essas terriveis palavras não produziram o menor effeito.

—Oh, Deus! — exclamou ella, elevando ainda mais o nariz. — Não deves suppôr que vou morrer por isso, senhor Mosti. Adeus!

Eu passei ao salão de cavalheiros, onde o Piccagua, homem affavel e versado em todas as questões que interessam á opinião publica em geral, e do bairro em particular, me cumprimentou com extrema amabilidade. Sua especialidade, fóra da de barbeiro, era a de concertar guardas-chuvas.

—O trabalho de sempre — disse-lhe mal humorado, sentando-me na cadeira.

Waterloo. — Calcanhar de Achilles.

Volga. — Grandioso. Selvagem. Primitivo. E' um rio que a Asia emprestou á Europa por alguns milhões de annos.

Hollanda. — E' o atelier de Rembrandt.

Ladisláo Lakatos

A ignorancia — A ignorancia é um principado, como o saber um pontificado sacerdotal; mas, só aquella é ditosa. O fruto do bem e do mal tem amaras as entranhas, tem amargo o amargo e sobre toda fronte que ignora fulgura um diadema. Eis porque todos os meninos são principes e porque é este grito, que mais parece uma investidura, o que sahe da garganta de todas as mães. Meu filho, meu principe!... Quer dizer, o primeiro, *Princeps primus*, o primeiro em amor, o primogenito em venturas, o que dorme sempre, com serena majestade, como se deante delle baixassem suas espadas os magnatas e sobre sua fronte estendessem suas clamydes augustas as rainhas de Giordano — Antonio Zozaya.

Aphorismos de viagem — Viajar é a maneira mais agradavel e mais cara de instruir-se.

* * *

Inverno no Egypto; verão em Deauville. Snobismo de andorinha.

* * *

Não quizera que depois de minha morte se fizesse da minha pelle uma valise.

* * *

— A velocidade é o unico vicio novo do nosso seculo.

— O imprevisto nunca é uma má companhia.

— O melhor dos portos são os barcos que precisamente não fazem parte delles. A poesia dos portos inventou-se para quem não sabe partir.

* * *

Elogiar o logar onde se vive. Ponto de vista de um cadaver.

Paul Morand

De Ernesto Ponte

Mas, antes que tivesse tempo de começar, soou uma campainha.

— Perdôe-me — respondeu-me. — Ha uma senhorita esperando.

O barbeiro passou ao compartimento visinho. Durante sua ausencia me puz a examinar minha conducta, chegando á conclusão de que havia perdido minhas possibilidades com Helena.

Piscagua estava de regresso. Era surprehendente que o fizesse tão depressa.

— Não tardou muito — disse-lhe, com certa suspeita. — Espero que, apesar de tudo, terá feito um bom trabalho, não?

— Oh, sim! Sempre se tem que trabalhar com as mulheres. Novas varetas, — é tudo o que querem, agora.

— Hein?

— Todas querem novas varetas, e eu as colloco.

Eu estava furioso. Cravei-lhe os olhos.

— Tenha cuidado com o que diz, Piscagua, quando fala de mulheres jovens, particularmente de uma joven que foi minha amiga.

— Felicito-o, senhor. Eu não direi uma só palavra contra a senhorita Morris — falou o barbeiro, presa de grande surpresa. — Mas seu guarda-chuva estava em pessimo estado...

— Seu guarda-chuva? — exclamei. — Quer, então, dizer que ella veiu aqui para que lhe concertasses o guarda-chuva?

— Sim, senhor.

Saltei da cadeira, e sahi correndo para a rua.

— Helena! Um momento! Eu não tive o proposito...

— Comprehendi que tinhas pouca vontade de falar novamente commigo.

— E' que eu não sabia que visitavas o barbeiro somente para concertar o guarda-chuva! Suppuz, depois do que me disseste quarta-feira, que ias cortar os cabellos... e por isso pronunciei aquellas palavras...

— E por isso déste fim á nossa amizade? Adeus!

— Não partas, mulher querida!...

— Mulher que?

— Querida! — exclamei resolutamente. — Depois de tantos annos, podemos ser alguma coisa mais do que simples conhecidos. Ha mezes que tenho uma casa em vista, mas nunca tive a coragem de falar-te disso. Perdôa-me, querida, e dize-me que sim... e eu esquecerei toda a nossa discussão...

Helena sorria-me despreoccupadamente.

— Estás errado, querido amigo. Por certo que digo que sim... e que não pensarei em cortar os cabellos sem tua permissão.

— Tornas-me um homem feliz!

Helena sorriu á minha felicidade.

— Mas, quando nos casarmos... me darás licença, não é verdade? Não has de querer fazer-me desgraçada, meu amor! Sim? Que felicidade!

Renovação de contracto...

AO ser aposentado, León Fornageot conheceu os apuros da ociosidade. Até então, austeramente vestido, com sua gravata branca e seu sobre-tudo negro, tinha todo o aspecto de um escrivão. De repente, adquiriu o ar de um chefe de *garçons* desoccupado á procura de um emprego. A senhora Fornageot vestia-o mal, alimentava-o peor e, a cada momento, o censurava por não ter subido quasi em seu destino.

Póde-se muito bem avaliar a indignação dessa esposa economica e ranzinza vendo, um dia, apresentar-se em sua casa para comer, sem ser convidado, Graliche, um primo de seu marido, que havia vinte e cinco annos não apparecia. O joven Graliche, grosso e hilariante, aproveitára seu physico para entrar num café-concerto. Por acaso, o viram uma noite num modesto café do bairro. Cantava uma canção brejeira que terminava com uma dança grotesca. Fornageot e sua mulher sahiram dali enojados. E eis que, vinte e cinco annos depois, reapparecia mais grosso que nunca, e com um embrulho e uma garrafa debaixo do braço, o primo de Fornageot.

— Que vos parece a surpresa? Reconheceis-me? O tio Cypriano me deu vosso endereço.

— Reconciliaste-te com o tio? — perguntou Fornageot.

— E' claro! Já não preciso delle.

A senhor Fornageot reparou, então, que, embora a roupa do intruso estivesse bastante suja, lhe brilhava no collete uma formosa corrente de ouro, e no dêdo um anel de brilhante.

— E você continúa cantando suas canções?

— Não — respondeu Graliche, rindo. — Agora são os outros que cantam para mim.

Explicou se. Havia comprado, com suas economias um *music-hall* que declinava — o "Bri-Bri", e assumira a direcção do mesmo. Agora ganhava todos os annos seus oitenta contos, sem a menor preoccupação.

— O principal é não se aborrecer, não vos parece? Eu gasto tudo o que ganho. Não tenho mulher nem filhos. Vós seis meus niccs herdeiros, e si eu partir deste mundo antes de vós, sempre vos deixarei alguma coisa para que possaes beber á minha saúde.

Depois de jantar, Graliche levou os primos a visitarem seu *music-hall*, situado numa rua sinistra. Uma

— Mas, em que estado vens, Alfredo!...

— Minha filha, encontrei, no caminho, uma liquidação de whisky, e seria um crime perder a opportunidade.

clientela sórdida. Os homens, sem collarinho. As mulheres, sem chapéo.

No intervallo, o primo levou León ao scenario. Mulheres pintadas jogavam baralho, esperando a hora de seu numero.

— São minhas bailarinas inglezas: Rosa, Carmen, Joyita e Melania. Não vos incommodeis: é um parente. Fornageot cumprimente-u as. Cumprimentou também o senhor Ernesto, cançonetista comico; a senhorita Ponestier, copletista; Chung-Si, malabarista chinez; a familia Kreitner, quadros vivos importados da Austria, e a senhorita Chinette, imitadora de estrellas.

— Sou um verdadeiro pachá — disse Graliche ao ouvido de seu primo, que sentia um mixto de repugnancia e curiosidade, e cujo rosto se animava mysteriosamente. — Vaes comprehendêl-o. Todas as semanas renovo o cartaz. Mas, quando encontro uma rapariga do meu gosto, lhe renovo o contracto por mais uma semana. E' por assim dizer, a directora durante quinze dias. Nunca mais. Meu publico e eu precisamos mudar. Passadas as duas semanas, sou inflexivel. E são inuteis lagrimas e gemidos. Todo mundo já sabe disso. A cada novo programma, as artistas perguntam entre si: "Qual de nós terá o contracto renovado?"

— Graliche! — disse Fornageot, severamente.

— Que? E' preciso viver.

Foram encontrar a senhora Fornageot inquieta, preoccupada com a impressão que pudesse ter causado em seu marido aquelle logar de perdição. Mas León permaneceu impenetravel. Limitou-se a dizer:

— Eu nunca estivéra entre bastidores. Mas gostei de apreciar a ordem. As senhoras jogavam baralho...

Desde aquella noite, todos os domingos, o primo, orgulhoso de ter encontrado uma familia, chegava á casa de Fornageot cheio de doces e vinhos. Depois, iam ao *music-hall*. Habituaram-se os primos aquella distracção semanal e gratuita, e se interessaram pela marcha do negocio.

Um domingo, Graliche chegou mais congestionado que de costume. Disse que estava um pouco indisposto e que, naquella noite, não jantaria. Contentar-se-ia em beber uns dois calices de aguardente. Bebeu o primeiro, e em pouco se deixou cahir sobre a mesa.

— Está embriagado — disse a senhora Fornageot.

Estava morto. Depois de muitas formalidades, o casal Fornageot soube que herdára o *music-hall* e a importancia de vinte contos. O theatro, segundo as informações que adquiriram, não encontraria comprador, si quizessem vendêl-o. Mas, bem administrado, podia produzir cincoenta mais de cem contos por anno. Os Fornageot não vacillaram. A mulher ficou na bilheteria e o marido ajudou naquella direcção.

Em breve se impuzeram como patrões que se faziam respeitar. León, entre todas aquellas mulheres, não tardou em soffrer de uma inquietude desconhecida para elle. Recordava as palavras do finado Graliche: "Quando encontro uma de meu gosto, lhe renovo o contracto outra semana." Mas temia Amelia, embora parecesse que esta se havia humanizado um pouco: usava joias e até usava pó de arroz na cara...

Uma noite, Fornageot se decidiu, encorajado pelos encantos de uma loira rutilante. Foi até a caixa, afim de falar com a senhora Fornageot.

— Como te fica bem esse vestido! — começou dizendo.

Ella o interrompeu, com os olhos baixos e a voz firme:

— Escuta: resolvi renovar por uma semana o contracto do equilibrista. Elle faz successo, e bem sabes o costume aqui: quando a Empresa está satisfeita com um artista...

HENRY DUVERNOIS

A VOLTA

A's sete e meia, hora em que habitualmente jantavam, Ernestina ainda não havia regressado a casa. Mas, como não era um modelo de pontualidade, seu esposo, José Durand, não se inquietou.

Para que?

Realmente, não havia motivo. Qual é a esposa pontual para o que não tem relação directa com sua vaidade feminina, com seu preparo pessoal ou com a revelação que póde conhecer de uma vida alheia?

Nenhuma.

Isto é, ha excepções. Mas eu não as conheço.

Deram oito horas. Soaram as oito e meia. Chegaram as nove. Mas Ernestina não chegava. Nem um ruido, nem uma suspeita de regresso immediato.

As nove e meia, o senhor Durand começou a impacientar-se. Seu espirito de homem moderno e tolerante se intranquillizou. Começou a temer que sua mulher houvesse sido victima de um desastre, de uma queda, de uma desgraça maior.

A's dez em ponto, poz o chapéo e sahiu de casa, dirigindo-se á delegacia de policia.

Chegou. Afflicto e preoccupado, sentou-se e esperou. Minutos depois, era attendido.

O commissario não tinha conhecimento de nada anormal. Assim o disse ao esposo afflicto. E, vendo a angustia reflectida no rosto do já pobre homem, telephonou para as outras delegacias, para os hospitaes, para todo o logar que julga conveniente afim de assegurar a verdade noticiosa.

Nada. Nada de anormal havia occorrido, nada de extraordinario. O senhor Durand podia ficar tranquillo, inteiramente convencido de que nada de grave acontecêra a sua esposa.

José Durand regressou a sua casa. Ernestina ainda não tinha voltado, nem havia a menor noticia della. Eram doze da noite. Era meia noite. Esperou ainda algum tempo, e quando o somno o dominou, resolveu deitar-se.

Ernestina chegaria?

Durand passou uma noite horrivel, sem poder conciliar o somno. Que seria de Ernestina?

No dia seguinte, o senhor Durand proseguiu suas investigações á procura de sua mulher. Trabalhou febrilmente, sem descanso, angustiado. Tudo inutil.

Decorreram dias, semanas. Passou-se um mez. Ernestina desapparecera sem deixar rastros, sem ter assignalado a menor marca de sua passagem.

Pouco a pouco, o senhor Durand se resignou. Que ia fazer? Que outro remedio poderia encontrar para sua tristeza e sua dôr de marido sem mulher?

Até tres mezes depois, José falava a todo mundo de sua esposa. Após seis mezes, alludia a ella uma vez por semana. Dentro de um anno, a recordava vagamente, e ás vezes tinha que fazer esforço para lembrar o nome da desapparecida.

Dois annos após o desapparecimento de Ernestina, o senhor Durand pensou em se casar outra vez. Mas...

Como fazer?

Não era coisa facil. Sem ser viuvo, nem solteiro, como contrahir novas nupcias?

Officialmente, Ernestina não havia morrido. Então, como pedir o divorcio. E, em ultima analyse, como requerer a liquidação dos bens communs? Realmente, juridicamente, não se podia affirmar que se tratava de um «abandono voluntario do lar conjugal». Ernestina havia desapparecido, era verdade. Mas só transcorridos trinta annos a lei consideraria o facto definitivo.

Ahi estava o dilemma.

José Durand quebrava a cabeça. O esposo de Ernestina soffria.

O senhor Durand queria casar-se novamente.

Para tudo ha um remedio. E, este, para o senhor Durand, foi a resignação. O esposo abandonado resignou-se como um martyr em vias de santificação.

E viveu, desde então, a vida de um solteirão.

De Carlos Petit

Victorina, a criada, a quem o desapparecimento da patrôa não causára a menor emoção, cuidava, maternalmente, daquelle pobre homem.

Victorina era uma criada modelo.

E José, para não o ser menos, foi um modelo de solteirão.

Passaram-se vinte annos.

Durand, através dos annos, se transformára em um burguez pacato e commodista, muito amante dos prazeres da mesa e da tranquillidade do lar.

A's sete e meia em ponto se sentava na mesa para o jantar. Um dia, ás sete e trinta e cinco, quando acabava de tomar sôpa, Durand ouviu abrir-se a porta da escada. Aguçou o ouvido. Ouviu passos. Alarmou-se. Chamou Victorina e ordenou-lhe:

— Vá vêr immediatamente quem é. Não comprehendo quem possa ser. Só você e eu temos a chave.

Victorina respondeu, num tom de surdo rancor:

— A patrôa tambem tinha uma chave.

Pensando num ladrão, Durand levantou-se da cadeira. Na porta da sala de jantar appareceu, então, uma senhora de idade, grossa, que respirava com difficuldade em virtude do esforço que fizéra subindo a escada.

— Que deseja a senhora? — perguntou Durand?

— Vejo que continúas jantando á mesma hora — disse a desconhecida.

E, olhando o relogio, proseguiu:

— Perdôa-me. Atrazei-me cinco minutos.

Durand, espantado, com os olhos muito abertos, balbuciava:

— Mas, és tu?... Ernestina?...

— E quem queres que seja? — respondeu ella, sorrindo.

Depois, dirigindo-se a Victorina, que permanecia a um recanto, indifferente, ajuntou:

— E tu, que esperas, para pôr meu prato?

Ernestina sentou-se deante de seu marido, no mesmo logar que costumava occupar vinte annos antes, e, como José a olhasse de soslaio, assombrado, continuou:

— Devo-te uma explicação...

— Dizias?...

— Que te devo uma explicação.

Durand, porém, não a escutava. Que lhe importava o que ella pudesse contar-lhe? Adivinhava-o. Fugira com outro homem, num momento de loucura, e agora, arrependida e abandonada, voltava ao lar conjugal.

O mesmo, exactamente o mesmo que havia lido em centenas de novellas.

Que novidade! Então, para que ouvir uma historia identica repetida até o cansaço?

Depois da revelação, Ernestina guardou silencio, como para estudar o effeito produzido em seu esposo. Com a cabeça baixa, envergonhada, pelo facto, parecia ter cravado os olhos no prato que tinha á sua frente. Mas um bom observador verificaria que a mulher de José Durand olhava para este, de soslaio.

Ambos continuavam mudos.

Que ia acontecer aquella noite?

Durand, intimamente, não pensava si ia perdoar. O principal era que Ernestina havia reapparecido, e que, afinal, poderia requerer o divorcio e, legalmente, separar-se della. Mas, para isso, era necessario que sua esposa não desapparecesse de novo. Tinha que retêl-a em casa, pelo menos alguns dias.

E, carinhosamente, lhe disse:

— Não falemos de teu atrazo, querida. Estou encantado com teu regresso.

Ernestina pareceu não suspeitar o segredo daquelle generoso perdão.

O QUE SE DEVE SABER

O CULTO DOS ROMANOS PELO CORVO

As honras funebres e os cemiterios para animaes, que seriam producto de certo exaggero da orthodoxia evangelica de alguns paizes protestantes, não é, no emtanto, do nosso tempo, pois remonta á historia de epocas preteritas. Plinio fala longamente a este respeito, como se vê do seguinte trecho: "Tiberio reinava, então, em Roma. Precisamente debaixo e apoiado ao templo de Castor, havia um negocio de humilde sapateiro. Numa das multiplas cavidades que offerecia o templo existia um ninho de corvos, do qual certo dia cahiu um filhote que foi parar justamente em frente á porta do negocio. Ao ver a ave, o sapateiro considerou-a como sendo um presente dos deuses. Tratou-a e adorou-a como se ella fosse a personificação de um delles. Com o andar do tempo o corvo aprendeu a falar com enorme facilidade, dando mostras de uma memoria realmente maravilhosa. A tal ponto que, quando todos os dias, voava até o Circo, o Foro, o Senado chamava os personagens da epoca pelos seus proprios nomes: Tiberio, Germanico, Druso, etc., etc.

A extraordinaria e prodigiosa ave jamais abandonou o negocio do sapateiro, que se converteu em um dos mais famosos mestres da sua arte na Roma de então, sendo o preferido mesmo pelas celebridades da aristocracia que lhe confiavam a feitura de suas ricas sandalias. Certo dia, porem, outro sapateiro, com inveja da fama e do constante progresso do seu competidor, matou o corvo. Quando foi preso, tratou de fazer crer que matara a ave num impulso de colera ao ver que ella sujara algumas das sandalias que havia exposta á porta. Como era de esperar, suas exsusas não foram acceitas e o povo de Roma fez justiça summaria, cortando-o em pedaços como se fora um assassino vulgar, emquanto o corvo dos deuses foi objecto de solennes e pomposas honras funebres. O pequenino ataúde, coberto de flores e de corôas conduzido por escravos ethiopes e acompanhado por senadores e altas personagens, foi dado á sepultura a cerca de duas milhas de Roma, proximo da famosa Via Appia, em um logar chamado "Rediculus".

Enorme multidão acompanhou o cortejo funebre. E, assim, um simples corvo, que se cria provindo dos deuses, recebeu as maiores honras do povo romano, custando ainda a vida de um cidadão."

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado .... 1$500